



Não leia à noite
este livro, mormente
se estiver só...

PSICÓSE

ROBERT BLOCH

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

M O T E L

ALUGAM-SE QUARTOS

O letreiro estava apagado. O motel às escuras. Ela desligou o carro e esperou. Então pôde ouvir a chuva e o vento que a tangia.

Mary sentiu-se sòzinha dentro da treva. De que lhe valia aquele dinheiro? E Sam, de que lhe valia? Errara o caminho e agora estava ali, em uma estrada estranha... Não havia recurso — cavara sua própria cova, agora tinha de deitar-se nela.

Mas por que pensava assim? Não era *cova*: era *leito*.

Ainda procurava decifrar isso, quando a enorme sombra surgiu da treva e abriu tranquilamente a porta do carro.

ROBERT BLOCH

PSICOSE

TRADUÇÃO DE
OLÍVIA KRÄHENBÜHL

 Exilado



"BESTSELLER" — Importadora de Livros S. A.
São Paulo

O presente ebook faz uso de uma edição dos anos 60 (1961).

Capítulo 1

NORMAN ouviu e teve um choque. Parecia terem batido na vidraça. Olhou depressa, fêz menção de se erguer, o livro lhe escorregou das mãos para o amplo colo. Era ruído de chuva, apenas. Uma bátega tardia, na janela da sala.

Não tinha reparado em que ameaçava chuva e que o crepúsculo descia. Já estava quase escuro, na sala. Estendeu a mão para acender a lâmpada, antes de retomar a leitura. Era uma dessas antiquadas lâmpadas de mesa, de abajur de vidro pintado e franja transparente. Desde quando podia se lembrar, a mãe tinha essa lâmpada e se recusava a desfazer-se dela. Êle não punha objeções: viveu ali durante os quarenta anos de sua vida, e era tão agradável e tranquilizador viver cercado de objetos familiares. Tudo ali era metódico e ordenado; somente lá fora é que as coisas mudavam. ..

A maior parte dessas mudanças sustinham no ar uma ameaça. Suponhamos houvesse êle passado a tarde andando e a chuva o pegasse em alguma vereda solitária, talvez no pântano... Estaria encharcado. E teria que voltar aos tropeções para casa, no escuro... Até poderia apanhar uma pneumonia mortal... Mas quem queria ficar lá fora, na noite escura? Muito melhor estar ali na sala, junto à lâmpada, com um livro...

Ao baixar a cabeça para reiniciar a leitura, a luz brilhou em seu rosto redondo, pôs reflexos nos óculos sem aro, banhou-lhe o róseo couro cabeludo e os cabelos ralos, amarelados.

Era um livro fascinante. Não admirava terem-lhe as horas passado despercebidas. Lia “O Reino dos Incas”, de Victor W. Von Hagen. Nunca antes encontrara tal riqueza de informações curiosas. A descrição da *cachua*, por exemplo, ou dança da vitória, onde os guerreiros formavam um vasto círculo que se movia e contorcia qual uma cobra *enorme*. E...

“O toque de tambor se fazia no que fôra outrora o corpo de um inimigo. A pele do ventre era o ponto de percussão do tambor, e o corpo servia de

caixa de ressonância que vibrava através da bôca escancarada...”

Norman Bates sorriu, depois se deu ao luxo de um gostoso estremeção. *Grotesco, mas eficiente* — claro que *devia* ser! Imagine-se, esfolar um homem — vivo, provavelmente — esticar-lhe depois o ventre e fazer disso um tambor! Afinal de que maneira curtiriam o cadáver, para evitar a putrefação? Mas, antes disso, que espécie de mentalidade seria necessária para a concepção de semelhante idéia?

Certo, a idéia era nada apetitosa; mas, fechando os olhos, quase êle podia ver a cena: a multidão de guerreiros pintados e nus, contorcendo-se e balançando-se ao sol fulgurante, e a velha da tribo, ajoelhada diante dêles, batendo o ritmo inexorável na pele inflada e distendida do ventre de um cadáver! A bôca contorcida do morto, aberta à fôrça, fôra provavelmente fixada nessa posição por ganchos de osso, a fim de dar passagem aos sons... Mercê da percussão do ventre, êstes atravessariam os murchos orifícios interiores, forçariam a encolhida traquéia, para enfim emergirem ampliados, e com tôda fôrça, da garganta morta...

Norman podia quase ouvi-los; mas a chuva também tinha um ritmo... tinha-o também um rumor de passos...

Na realidade *sentiu* o rumor de passos, mais do que ouviu. Uma antiga familiaridade afinava-lhe os sentidos, cada vez que a mãe entrava no aposento. Nem precisava olhar para estar certo da presença dela.

Não olhou; fingiu continuar lendo. Ela estivera dormin- 40 • êle sabia que acordava rabugenta. O melhor era ficar Miado, na esperança de que não estivesse muito azeda...

— Sabe que horas são, Norman?

Ele suspirou. Fechou o livro. Sabia, já, que ela despertara intratável: a pergunta era uma provocação. Ela passava pelo enorme relógio do vestíbulo para chegar à sala, de modo que lhe era fácil verificar que horas eram...

Ainda assim, por quê fazer disso um problema? Norman baixou o olhar para o relógio de pulso e sorriu.

— Passa um pouco das cinco, respondeu. — Não pensei que fôsse tão tarde. Estive lendo. ..

— Pensa que não tenho olhos? Vi muito bem o que está fazendo.

Agora ela estava à janela, a olhar a chuva.

— E também o que não faz. .. Por quê não acendeu o letreiro quando viu que escureceu? E por quê não está no escritório, que é o seu lugar?

— Começou a chover tão forte que julguei não haver nenhum movimento com êsse tempo.

— Asneira! Agora é o tempo adequado para êste negócio. Muita gente não quer andar de carro quando chove.

— Acho improvável alguém vir a passar por êstes lados. Todos tomam agora a estrada nova. E percebeu a amargura so insinuar em sua voz; sentiu-a inchar-lhe a garganta e tentou reprimi-la. Mas era tarde: desembuchou:

— Eu bem disse, quando me contaram que a estrada ia ser transferida. A sra. podia *ter* vendido o *motel* ({1}) antes que a notícia da mudança transpirasse. Podíamos ter comprado por uma bagatela todo o terreno aqui em tômo, o que nos levaria para mais perto de *Fairvale*. Construiríamos um outro motel, uma nova casa e ainda ganharíamos dinheiro. Mas a sra. não me quis ouvir. Não liga ao que eu digo. Só se há-de fazer o que a sra. quer, o que a sra. entende... A sra. me deixa doente.

— Deixo, heim, meu menino...

A voz da mãe era ilusòriamente macia, mas êle não se deixou enganar. Nem quando ela o chamou de "meu menino". Quarenta anos, e ela a chamá-lo de "menino"! E o pior era que ela sempre o tratara como a uma criança, Se êle ao menos pudesse não ouvir! Mas ouvia, tinha que ouvir, nunca podia deixar de ouvir...

— Então deixo, heim, meu menino... ! repetiu ela, com suavidade ainda maior. — Deixo-o doente, heim? Pois bem: acho que não. Não, menino: não sou eu quem o deixa doente... É você mesmo quem fica... E é essa a verdadeira razão por que você continua plantado neste lado da estrada; não é, Norman? A verdade é que lhe falta senso comum. Nunca teve a menor dose de senso comum! Por exemplo, nunca teve o senso comum de sair para sempre desta casa, de arranjar um emprêgo, de se alistar no Exército... Nem mesmo de arranjar uma namorada...

— A sra. é que não deixou!

— Está certo, Norman: fui eu que não deixei... Mas se você fôsse homem, teria feito o que queria.

Quis gritar que ela estava errada; entretanto, nada pôde dizer. As coisas que ela dizia eram as mesmas que a si próprio êle dissera inúmeras vêzes durante tantos anos. Ela sempre lhe ditara as leis, mas isso, não queria dizer que êle precisasse obedecê-las. As mães são às vêzes, francamente

dominadoras, mas nem tôdas as crianças se deixam dominar. Outras viúvas houve, outros filhos únicos, mas nem todos se deixaram emaranhar nessa espécie de relações. A culpa era tanto dêle quanto dela. Porque êle não tinha senso comum ...

— Você sabe que podia ter insistido, continuava ela. — Suponha que tivesse arranjado outro local e tivesse pôsto à venda êste. Não: só sabia choramingar. E eu sei por quê. Você nunca me enganou, um momento sequer. É que, em verdade, você não queria se mudar daqui. Nunca quis sair dêste lugar, e jamais o quererá. Não pode sair daqui .. da mesma forma que também não pode crescer, ficar adulto...

Não podia olhar para ela. Impossível fazê-lo quando ela tocava nesses assuntos. Para onde olharia? A lâmpada e sua franja, a velha mobília pesadamente estofada, os objetos familiares — tudo de repente se lhe tornou odioso, exatamente por causa daquela longa familiaridade. Eram como os acessórios da cela de uma penitenciária. Olhou para fora, mas também isso não adiantava: lá fora só havia vento, chuva e escuridão. Fugir? Para onde fugir daquela voz vibrante, daquela voz que golpeava seus ouvidos como o tambor da barriga do inca, que golpeava em seus ouvidos como o tambor do morto?

Agarrou o livro e procurou se concentrar na leitura. Quem sabe se, não ligando, ficando calmo...

Nada adiantou.

— Contemple-se! insistia a voz (*o tambor prosseguia. TOM-tom-TOM, e o som reverberava na bôca mutilada*) — Sei por quê não quis ter o trabalho de acender o letreiro. Sei por que nem foi abrir o escritório, esta noite. Não foi por se esquecer. Foi só por que não quer que ninguém apareça; por que tem esperança de que ninguém apareça.

— Tem razão! resmungou Norman — confesso-o. Odeio dirigir um motel. Sempre odiei.

— Não é só isso, meu menino... (*Outra vez “menino! menino! menino!” golpes de tambor saindo das mandíbulas da morte.*) — Você odeia as pessoas. Porque em verdade tem mêdo delas, não é? Sempre teve mêdo, desde pequeno. Melhor se enroscar numa cadeira debaixo da lâmpada e ler um livro. Já. há trinta anos fazia isso e continua a fazê-lo. Vive escondido entre páginas de livros.

Eu podia fazer coisas muito piores. A sra. sempre disse isso; a sra. mesma disse. Pelo menos nunca saí fora para me meter em enrascadas. Não

é melhor que eu fique aqui, desenvolvendo a inteligência?

— Desenvolvendo a inteligência?

Agora a sentia atrás de si, o olhar baixado para êle.

— E chama a isso “desenvolver” a inteligência! Pensa, menino, que me engana! Nem um minuto, nunca me enganou! Não é como se estivesse a ler a Bíblia, ou fazendo esforços para se instruir. Conheço a espécie de leitura a que você se entrega. Imundícies! Pior que imundícies!

— Mas isto é uma história da civilização inca...

— Aposto que é. Aposto que está cheia a transbordar de coisas sujas sobre os selvagens, e suas indecências, como aquela que você leu sobre os Mares do Sul. Ah! pensava que eu não sabia nada, heim? Escondeu-a no quarto, assim como escondeu as outras, assim como esconde tôdas as coisas imundas que costuma ler...

— A psicologia nada tem de imunda, mãe!

— E chama isso de psicologia! E conhece a fundo a psicologia! Nunca me esqueci daquela vez em que me disse coisas tão indecentes — nunca. E pensar que um filho pode abordar sua própria mãe com êsses assuntos!

— Mas eu só queria explicar à sra. o complexo de Edipo... Julguei que se nós ambos pudéssemos examinar juntos o problema e tentássemos compreendê-lo, talvez as coisas mudassem para melhor...

— Mudar, menino? Nada vai mudar. Pode ler todos os livros do mundo, que será sempre o mesmo. Não preciso dar ouvidos a essa algaravia obscena para saber quem é você. Até uma criança de oito anos sabe! Já naquele tempo todos sabiam... todos os seus amigos de infância já sabiam. Você é um maricas, um “filhinho de mamãe”. Era assim que lhe chamavam, é isso o que você era... Que era, e é e sempre será. O “filhinho da mamãe”, já taludo, gorducho, grandalhão!

As palavras da mãe eram pancadas de tambor ensurdecendo-o, golpes vibrados no seu próprio peito. A torpeza que retinha dentro da bôca sufocava-o. Mais um minuto, e teria de chorar. Sacudiu a cabeça. Pensar que ela lhe podia fazer isso, mesmo agora! Pois podia fazê-lo uma infinidade de vêzes, a menos que...

— A menos que?...

Meu Deus, poderia ela ler seus pensamentos?

— Sei o que está pensando, Norman. Sei tudo o que se passa com você, menino. Mais do que você imagina. Mas também sei.. o que você

imagina. Está pensando em me matar, não é, Norman? Não pode. Falta-lhe coragem. A fôrça é minha. Sempre a tive. Em quantidade suficiente para nós dois. Eis por quê nunca se livrará de mim, mesmo se verdadeiramente o quisesse. No fundo, naturalmente — bem no fundo — não quer. Precisa de mim: não é verdade, menino?

Norman se ergueu lentamente. Não ousava confiar em si próprio, a ponto de se voltar e encará-la. Ainda não. Foi preciso recomendar a si mesmo que tivesse calma, em primeiro lugar. Calma, muita calma. Não pense no que ela diz. Trate de enfrentar a coisa, trate de lembrar que... *Ela é uma velha e não anda boa do juízo. Se continuar a escutá-la, também terminará por ficar com o juízo transtornado. Diga-lhe que volte para o quarto e se deite na cama. A cama é o lugar dela.*

E que vá depressa, do contrário você a estrangulará com o Cordão de Prata, com o seu próprio Cordão de Prata...

Ia se voltar, os lábios se mexendo para formular as frases, quando a campainha tocou.

Alguém chegara ao motel e chamava, pedindo alojamento.

Sem sequer olhar para trás, dirigiu-se ao vestíbulo, tirou o impermeável do cabide e mergulhou na escuridão.

Capítulo 2

FAZIA alguns minutos que chovia a jorros, sem que Mary reparasse nisso e ligasse o limpador do pára-brisa, ao mesmo tempo acendendo os faróis. Súbito a escuridão se adensou, e a estrada entre as árvores era uma sombra negra à sua frente.

Árvores? Não se lembrava de as ter visto da última vez que passara por ali. Fôra no verão anterior, viera a *Fairvale* em pleno dia, descansada e lépida. Agora porém estava exausta por dezoito horas ininterruptas ao volante, ao mesmo tempo que intuía ter-se equivocado em alguma coisa.

Trate de lembrar-se — era essa a frase-chave. Agora vagamente se lembrava que hesitara ao chegar à encruzilhada. Era isso: tomara caminho errado. E agora estava ali, Deus sabia onde, com tôda aquela chuva e a noite que era puro breu...

Domine-se. Nada de pânico. O pior já passou.

Era isso. O pior já acontecera. O pior, na tarde anterior, ao fugir com o dinheiro...

Estava no escritório de Mr. Lowery, quando o velho Tommy Cassidy puxou a pesada maçaroca de notas e pôs na escrivaninha. Trinta e seis notas do Banco da Reserva Federal, tôdas com o retrato de um homem gordo, tipo de merceiro atacadista, e mais oito, com a cara de um gato-pingado. O merceiro atacadista era Grover Cleveland e o gato-pingado William McKinley. Ora, trinta e seis mil com mais oito de quinhentos, perfaziam quarenta mil dólares.

Tommy Cassidy pusera despreocupadamente as notas em cima da mesa, casualmente folheando-as à medida que participava ter fechado o negócio e comprado uma casa para a filha como presente de casamento.

Mr. Lowery aparentou a mesma despreocupação, à medida que assinava os papéis. Mas depois que o velho Cassidy saiu, pareceu um tanto nervoso.

Juntou o dinheiro, colocou-o num envelope pardo de papel manila e fechou-o. Mary reparou que as mãos dêle tremiam.

— Olhe, disse êle, entregando-lhe o dinheiro — leve-o ao Banco. São quase quatro horas, mas Gilbert deixará você fazer o depósito.

E fêz uma pausa, olhando para ela.

— Que acontece, miss Crane? Não se sente bem?

Talvez tivesse percebido que as mãos dela tremiam ao pegar o envelope. Que importava? Ela sabia o que dizer, embora ficasse surpreendida quando ouviu que na verdade o dizia.

— Parece que é uma das minhas enxaquecas, mr. Lowery. Ia pedir-lhe que me dispensasse o resto da tarde. A correspondência é muito grande, e antes de segunda-feira não terminaremos de preencher todos os formulários dessa transação.

Mr. Lowery sorriu. Estava de bom humor. E por quê não? Cinco por cento de quarenta mil dólares são dois mil dólares. Dava-se à permissão de ser generoso.

— Não há dúvida, miss Crane. Faça o depósito e vá para casa. Quer que a leve no meu carro?

— Não, obrigada: eu me arranjo. Um pouco de descanso...

— É o certo. Vê-la-ei segunda-feira. Não se esfalfe —é o que sempre digo.

Dizia-o da bôca para fora, pois era capaz de se matar por um dólar a mais e estava sempre disposto a derrubar de canseira qualquer funcionário, desde que isso lhe trouxesse mais cinquenta centavos.

Mary também sorriu com grande doçura, depois saiu do escritório e da vida dêle. Naturalmente, levando os quarenta mil dólares.

Não é *todos os* dias que surge uma oportunidade. Quando a encontram, muitas pessoas parecem não a reconhecer. Mary Crane esperara vinte e sete anos pela dela.

Aos dezessete, quando o pai fôra atropelado por um automóvel, esvaíra-se a possibilidade dela de frequentar o colégio. Estudara apenas um ano em uma escola de comércio, depois se empregara para sustentar a mãe e a irmã mais nova, Lila.

A oportunidade de se casar lhe fugira aos vinte e dois, quando Dale Belter foi chamado para o Exército. Logo êle seguiu para o Havaí e, em suas cartas, não demorou muito começou a falar de certa moça, até que

afinal as cartas deixaram de chegar. Quando recebeu a participação do casamento, o fato já pouco lhe importava.

Além disso, a mãe estava doente. Morreu dali a três anos, durante os quais Lila ficou interna no colégio. A própria Mary insistira para que ela ficasse interna, o que lhe pôs nos ombros o fardo inteiro. Trabalhando na Agência Lowery de dia e atendendo a mãe de noite, pouco tempo lhe sobrava para qualquer outra atividade.

Nem ao menos reparava na fuga do tempo. A mãe teve enfim o último ataque de embolia, Mary pagou o entêrro, Lila saiu do colégio e foi preciso procurar emprêgo para ela... e de repente lá estava Mary Crane a se olhar no espêlho e a contemplar seu rosto tenso e repuxado. Atirou no espêlho qualquer coisa, partindo-o em mil pedaços; entretanto sabia que isso não era tudo: também ela se partia em milhares de cacos.

Lila se conduziu maravilhosamente e até mr. Lowery ajudou, concorrendo para que a casa fôsse vendida logo. Quando o negócio se concluiu, ambas se acharam senhoras de dois mil dólares em dinheiro. Lila arranjou emprêgo numa casa de discos, no centro, e foram morar juntas num apartamento pequeno.

— Agora você vai tirar umas férias, impôs-lhe Lila. — Umas férias de verdade Não, não discuta! Faz oito anos que você sustenta a família, e já é tempo de descansar um pouco. Quero que faça uma viagem. Talvez um cruzeiro...

Assim foi que Mary embarcou no *S.S. Caledônia*, e após uma semana em águas do Caribe, a cara tensa e repuxada desapareceu do espêlho de seu camarote. Voltou a parecer uma adolescente (nem mais um dia além de vinte e dois anos, dizia-se), e o que é mais importante, apaixonada...

Não era como a paixão impetuosa que irrompeu ao seu primeiro encontro com o passado Dale Belter, nem o costumeiro estereótipo romântico do luar em cima d'água, que geralmente se associa a um cruzeiro tropical.

Sam Loomis seria uns dez anos mais velho que Dale Belter. Era homem tranqüilo e ela o amava. Dir-se-ia ser aquela a primeira oportunidade que aparecia, de fato, a Mary.. . até que Sam lhe explicou umas tantas coisas.

— Estou viajando sob um falso *pretexto*, disse-lhe êle.

— Há aquêle armazém de ferragens, como vê...

E lhe contou a história.

O armazém de ferragens ficava numa cidadezinha do norte do país — *Fairvale*. Sam ali trabalhara para o pai, pensando herdar o negócio. Fazia um ano que o pai morrera; foi quando os contadores lhe deram a má notícia.

Sam herdara o negócio, como não? e mais vinte mil dólares de dívidas. O prédio estava hipotecado. O inventário também: nem o seguro escapou. O pai nunca lhe falara sobre aqueles pequenos investimentos na *praça* — isto é, na pista de corridas. E a verdade é que os fazia. Sobravam-lhe duas saídas: ir à falência, ou tentar saldar as dívidas.

Optou pela segunda.

— O negócio é bom, explicava. — Nunca farei fortuna, mas com uma administração cuidadosa, pode-se fazer de oito a dez mil dólares por ano. E se eu puder trabalhar com uma linha decente de máquinas para lavoura, talvez até possa fazer mais. Já amortizei oito mil dólares de dívidas. Mais dois anos, e liquido o resto.

— Mas eu não entendo... Se deve assim, como pode fazer uma viagem como esta?

Sam abriu nos lábios um sorriso.

— Ganhei-a num concurso. Um concurso de vendedores, patrocinado por um fabricante de máquinas para lavoura, eu não visava absolutamente a ganhar esta viagem. Estava apenas me afanando em pagar os credores. Logo porém me informaram que eu abiscoitara o primeiro prêmio. Quis trocar a viagem por um prêmio em dinheiro, mas eles não concordaram. Ou a viagem, ou nada. Bem: o mês é ruim para negócios, e tenho um bom empregado no armazém.

Não fazia mal que tirasse umas férias grátis. E aqui estou, e aqui está *você*.

Riu-se, depois suspirou.

— Gostaria que fôsse nossa lua de mel.

— E por quê não *poderia* ser? Isto é.. .

Êle porém tornou a suspirar e abanou a cabeça.

— Temos de esperar. Poderá levar dois... três anos, antes que consiga saldar tôdas as dívidas.

Não quero esperar! Não me importo com dinheiro! Posso largar meu emprêgo, trabalhar no armazém, com você.

— E também dormir no armazém, como eu?

Riu-se ainda uma vez, com um riso não mais alegre do que o suspiro.

— Para mim não é problema. Improvisei um dormitório no quarto dos fundos. A maior parte do tempo a minha comida é feijão com toicinho.

Dizem que sou mais avarento que o banqueiro do lugar.

— Mas qual é a dificuldade? insistiu Mary. — Se você viver como deve, levará apenas um ano, talvez um pouco mais, para saldar as dívidas. Nesse intervalo...

— Nesse intervalo, terei de continuar em *Fairvale*. É uma boa cidade, apesar de pequena. Todos ali sabem dos negócios uns dos outros; e enquanto me vêem trabucando, me respeitam. Saem das praxes usuais para negociar comigo. Conhecem a minha situação e apreciam meu esforço. Meu pai tinha bom nome, a despeito do que aconteceu. Quero conservar êsse bom nome não apenas para o negócio, mas também para mim próprio. E para nós dois, futuramente. Agora isso é mais importante ainda, não acha?

— Futuramente, suspirou Mary. — Dois ou três anos, diz você...

— Sinto muito. Mas quando nos casarmos quero uma boa casa para morarmos e tudo do melhor. Isso custa dinheiro. Quando menos, precisa-se de crédito. Tais como estão as coisas, vou esticando os pagamentos aos fornecedores. Continuarão jogando boliche enquanto souberem que tudo quanto ganho é destinado a pagar o que lhes devo. A coisa não é fácil nem agradável. Mas sei o que quero, e não faço por menos. Por isso, paciência, meu bem.

Então ela foi tendo paciência. Mas só depois de compreender que nenhuma dose ulterior de persuasão — verbal ou física — o demoveria.

A situação estava nesse pé quando o cruzeiro terminou. E nesse pé ficou mais de ano. Mary foi visitá-lo no verão. Conheceu a cidade, o armazém, viu as cifras recém escritas nos livros de contabilidade, — cifras que lhe vieram demonstrar que Sam havia pago mais cinco mil dólares.

— Faltam só mais onze mil, disse êle, cheio de orgulho.

— Mais dois anos, talvez menos...

Dois anos! Em dois anos ela faria vinte e nove. Não podia ser grosseira, fazer uma cena ou dar-lhe o fora como qualquer garôta de vinte anos. Sabia que não ia haver mais muitos Sam em sua vida... Assim pois, sorriu, meneou a cabeça voltou para casa e para a Agência Lowery.

E na Agência Lowery observava o velho Lowery ganhar os seus indefectíveis, cinco por cento em cada venda realizada. Via-o comprar hipotecas comprometidas, ou vencidas, observava-o quando êle oferecia dinheiro à vista — rápido, cruel, astuto — a desesperados, dava uma volta e obtinha gordos lucros graças a uma revenda fácil. As pessoas estavam

sempre comprando, sempre vendendo. Êle só fazia pôr-se de permeio, tirando porcentagens dos dois lados — isso, apenas para ligar o vendedor e o comprador. Nada mais fazia para justificar sua existência. E com isso era rico. Não precisava de dois anos para pagar uma dívida de onze mil dólares... Às vêzes ganhava isso em dois menses.

Mary odiava-o. Igualmente odiava uma porção de compradores e vendedores com os quais êle negociava. Odiava-os, porque também eram ricos. Tommy Cassidy, então, era dos piores — ativo, cheio do dinheiro que lhe rendiam arrendamentos de petróleo. Não levantava um dedo, mas estava sempre em corretagem, farejando o mêdo ou a necessidade de algum infeliz, fazendo ofertas baixas e vendendo a preços altos, alerta a cada possibilidade de espremer um dólar a mais nos alugueis ou arrendamentos. Não se importava de entregar quarenta mil dólares em dinheiro para dar à filha uma casa, como presente de noivado. Exatamente como não achara nada demais, havia seis meses, pôr sôbre a mesa de Mary Crane uma nota de cem dólares, sugerindo-lhe uma "viagenzinha" de fim de semana a *Dallas*, em companhia dêle... Fêz isso com tamanha ligeireza e com um riso tão casual e de boa índole, que ela nem teve tempo de se indignar. Foi quando mr. Lowery entrou e o assunto teve fim. Ela nunca delatara Cassidy, a estranhos ou na intimidade, e êle também não repetiu a oferta. Ela porém nunca esquecera. Não podia esquecer o sorriso de lábios úmidos daquela cara de velho obêso.

Também nunca se esqueceu de que o mundo pertencia aos Tommy Cassidys. A propriedade lhes pertencia e êles impunham o preço. Quarenta mil dólares para a filha como presente de noivado; cem dólares atirados negligentemente em uma escrivaninha, por três dias de aluguel do corpo de Mary Crane...

Assim foi que tirei os quarenta mil dólares... dizia a piada; mas isto não fôra uma piada. Ela tirara o dinheiro, e em seu subconsciente, devia por muito tempo ter sonhado de dia com essa oportunidade. Pois agora tudo parecia se ajeitar no lugar competente, como se fizesse parte de um plano preconcebido.

Era uma sexta-feira à tarde. No dia seguinte os bancos estariam fechados, o que queria dizer que Lowery não iria descobrir nada até segunda-feira — dia em que não apareceria no escritório. Ainda melhor, Lila partira cedo para Dallas. Últimamente era ela quem fazia tôdas as compras para a casa de discos. Só voltaria na segunda-feira.

Mary foi diretamente ao apartamento e arrumou' a mala. Levava apenas a valise com alguns vestidos melhores e a sacola com coisas de toalete. Ela e a irmã tinham trezentos e sessenta dólares escondidos num pote vazio de *cold-cream*, em que ela não tocou. Lila iria precisar dêsse dinheiro para manter o apartamento sozinha. Mary quis deixar escrito um bilhete para a irmã e não teve coragem. Os dias seguintes seriam difíceis para Lila; mas, paciência, quê fazer? Quem sabe mais tarde surgiria uma oportunidade...

Saiu do apartamento quase às sete. Uma hora mais tarde fêz uma parada nos subúrbios e ceou. Caminhou para um letreiro de CARROS OK USADOS, e trocou o seu *sedan* por um *coupé*. Perdeu na transação; ainda perdeu mais na manhã seguinte, ao repetir a operação numa cidade seiscentos quilômetros ao norte. Pelo meio-dia, quando tomou a negociar, tinha só trinta mil dólares em dinheiro e uma caranguejola maltratada, com o pára-lama esquerdo amassado... Não estava porém aborrecida. O importante era fazer uma porção de mudanças rápidas, embaralhar a pista e terminar num carro que a conduzisse até *Fairvale*. Uma vez ali, podia ir mais para o norte, talvez até *Springfield*, e vender o último carro em seu nome. Como poderiam as autoridades encontrar o paradeiro de uma tal Sra. Sam Loomis, residente numa cidade a quase mil quilômetros dali?

Porque tinha a intenção de ser a Sra. Sam Loomis — e o mais depressa possível! Contaria a Sam uma história de herança... Não de quarenta mil dólares — a soma seria muito grande e podia exigir demasiada explicação — mas talvez aludisse a quinze mil... Dir-lhe-ia que Lila recebera outro tanto, deixara abruptamente o emprêgo e embarcara para a Europa. Isso explicaria por quê não tinha nenhum lentido convidá-la para as bôdas.

Talvez Sam se recusasse a aceitar o dinheiro, e certamente haveria muitas perguntas incômodas a responder; ela, porém, o amansaria. Precisava fazê-lo. Casar-se-iam na mesma hora — isso é o que importava. Êle lhe daria o nome — Sra. Sam Loomis, mulher do proprietário de um armazém de ferragens numa cidade situada a mil quilômetros da Agência Lowery.

A Agência Lowery nem sonhava com a existência de Sam. Haviam, naturalmente, de procurar Lila, e era provável que esta logo adivinhasse. Mas Lila não diria nada — pelo menos antes de entrar em contacto com Mary.

Chegado êsse momento, Mary devia estar preparada para lidar com a irmã. Não seria difícil — Lila devia-lhe isso, em troca de todos aquêles

anos em que a sustentara no colégio. Talvez da até desse a Lila a metade dos restantes vinte-e-cinco mil dólares... Decerto ela não aceitaria. Mas devia haver uma solução: Mary não fizera planos com tanta antecedência; mas quando a hora chegasse, sua resposta estaria na ponta da língua.

Agora, porém, tinha de fazer uma coisa de cada vez, e o primeiro passo era chegar a *Fairvale*. No mapa, a distância era de apenas seis centímetros. Seis insignificantes centímetros de linhas vermelhas, ligando os pontos entre si. Levava no entanto dezoito horas! Dezoito horas de vibração ininterrupta, dezoito horas a espiar e a piscar os olhos à luz dos faróis e aos reflexos do sol; dezoito horas em posição forçada atrás do volante, a pelejar contra a câimbra, a estrada, a direção e as investidas mortais do cansaço.

Agora errara o caminho e chovia; anoitecera e ela estava perdida numa estrada desconhecida.

Relanceou o olhar ao espelho retrovisor, onde captou o apagado reflexo do próprio rosto. Os cabelos pretos e as feições regulares eram ainda os mesmos, mas o seu sorriso se ausentara e os lábios cheios se lhe comprimiam numa linha rígida. Onde vira antes aquele rosto tenso e contorcido?

No espelho, depois da morte de mamãe, quando me vi reduzida a cacos...

E até ali, ela se julgara tão calma, tão fria, tão cheia de compostura. Sem medo, sem remorso, sem sentimento de culpa. Mas o espelho não mentia: naquele momento lhe gritava a verdade tãda — nua e crua.

Dizia-lhe, mudamente, que parasse. Você não pode cair de supetão nos braços de Sam, chegando repentinamente diante dêle com essa cara e êsse traje, denunciadores de uma fuga precipitada. Claro que deseja surpreendê-lo com a feliz notícia, mas a impressão que deve dar é a de uma felicidade tão grande, que se lhe tornara impossível esperar.

O mais certo seria ela passar a noite em algum lugar a fim de se refazer e só na manhã seguinte, disposta e descansada, chegar a *Fairmle*. Se voltasse até ao ponto de onde enveredara pela estrada errada, talvez pudesse reencontrar a estrada principal; podia então procurar um motel.

Deu uma sacudidela de cabeça, resistindo ao impulso de fechar os olhos; depois se esticou e esquadrinhou as margens da estrada através do borrão da chuva.

Foi quando viu a tabuleta indicando a aléia que conduzia ao pequeno edifício, a um lado. MOTEL — VAGAS. O letreiro estava apagado, mas

talvez se esquecessem de o acender, justamente como se esquecera ela de acender os faróis quando a noite caíra de repente.

Entrou pela aléia, reparando que todo o motel estava às escuras, inclusive o cubículo envidraçado que provavelmente servia de escritório. Talvez o edifício estivesse fechado. Moderando a marcha, espiou de um lado e outro, depois sentiu os pneumáticos rolarem sôbre uns cabos elétricos de sinalização. Pôde então divisar a casa na ladeira, atrás do motel. As janelas da fachada estavam iluminadas, e provavelmente o proprietário ainda estaria acordado. Desceria num instante quando ela o chamasse.

Desligou o motor e esperou. Escutava a monótona pancada de chuva entre as lufadas do vento. Lembrava-lhe a noite em que a mãe morrera, pois chovia assim. E agora a escuridão cercava-a. Estava sòzinha no meio da treva. De que lhe valia o dinheiro? De que lhe valia Sam? Errara o caminho, estava numa estrada desconhecida... não havia recurso. Cavara sua própria cova e agora tinha de deitar-se nela...

Mas por quê pensava assim? Não era *cova*: era *leito*.

Ainda procurava decifrar isso quando a enorme sombra surgiu da treva e abriu tranquilamente a porta do carro.

Capítulo 3

— UM quarto?

Mary tomou depressa uma resolução ao ver a gorda cara de óculos e ouvir a voz macia e vacilante. Não haveria a menor dificuldade.

Acenou que “sim” e desceu do carro, sentindo que as panturrilhas lhe doíam enquanto o seguia para a porta do escritório. Êle a abriu, entrou no cubículo envidraçado, acendeu a luz.

— Desculpe se demorei. Eu estava ali em casa até agora... Mamãe não está passando bem.

No escritório nada havia que chamasse a atenção: era tépido, sêco e bem iluminado. Mary estremeceu contente e sorriu para o homem gordo. Êste se inclinou sôbre o livro de registro em cima do balcão.

— O quarto são sete dólares. Quarto de solteiro. Quer ver, antes?

— Não, não é preciso.

Abriu depressa a bolsa, tirou uma nota de cinco dólares e duas de um, colocou-as no balcão, enquanto êle empurrava para frente dela o livro de registro e apresentava-lhe a caneta.

Mary teve uma ligeira hesitação, depois escreveu um nome — *Jane Wilson* — e um enderêço — *San Antonio, Texas*. Claro, não podia desmentir as chapas do *Texas* pregadas no carro.

— Vou apanhar suas malas, disse o homem, passando para a frente do balcão. Ela o acompanhou para fora, o dinheiro estava no porta-luvas, dentro no mesmo envelope grande, seguro por um elástico forte. Talvez fôsse melhor deixá-lo onde estava; trancaria o carro e ninguém iria esquadrinhá-lo.

O homem conduziu as malas até ao quarto, situado junto do escritório. Era o que lhe ficava mais próximo, e ela não se importou: o principal era sair da chuva.

— Chuva enjoada, comentou o homem, recuando para o lado para lhe dar passagem. — Faz muito tempo que está no volante?

— O dia inteiro.

O homem apertou um botão e a lâmpada de cabeceira desabrochou, abrindo pétalas de uma luz amarelada. A mobília era simples, mas suficiente. Reparou no chuveiro da sala de banho mais adiante. Teria preferido um banho de imersão mas isso serviria.

— Precisa de alguma coisa?

Ela acenou que não, depois lembrou que tinha fome:

— Haverá aqui por perto onde se possa comer alguma coisa?

— Vejamos. Costumava haver um balcão de cerveja e *hamburguer* a cinco quilômetros daqui, mas acho que se fechou desde a construção da estrada nova. Não: o melhor é a senhora dar um pulo até *Fairvale*.

— A que distância fica?

— A vinte e quatro ou vinte e cinco quilômetros. Vá sempre em frente, até chegar num entroncamento distrital. Vire então à direita e torne a entrar na estrada principal. Fica a quinze quilômetros em linha direta. Surpreende-me a sra. não ter tomado êsse caminho, se vai para o norte.

— É que me extraviei.

O homem gordo abanou a cabeça e suspirou.

Já imaginava. Por êste lado o tráfego não é muito intenso nem habitual, desde que inauguraram a estrada nova.

Ela sorriu, distraída. O homem estava junto à porta, apertando os lábios. Quando ela ergueu a vista para fitá-lo, ele baixou os olhos e puxou o pigarro para disfarçar.

— Eu pensava, Miss... que talvez a sra. não esteja disposta a fazer toda essa viagem até *Fairvale* — ir e voltar com essa chuva... Isto é, eu ia agora *mesmo* para casa, arranjar qualquer coisa que se coma... Se quiser me acompanhar, será benvinda!

— Oh, não! Não quero incomodar!

— Por quê não? Incômodo nenhum! Mamãe tomou a se recolher, não vai se incomodar com a cozinha... Vou apenas cortar umas fatias de carne fria e fazer um bule de café. Se isso lhe serve...

— Bom...

— Olhe: vou adiante aprontar as coisas.

— Muito obrigada, mr...

— Bates. Norman Bates.

E o homem gordo recuou em direção à porta, esbarrando o ombro no batente.

— Olhe: deixo consigo esta lanterna, para quando subir a ladeira. Talvez a sra. queira primeiro trocar essas roupas molhadas.

E se voltou para sair, não sem que ela captasse num relance a visão do rosto enrubescido. Não é que... não é que o sujeito parecia *envergonhado*?

Pela primeira vez em vinte e quatro horas Um sorriso assomou no rosto de Mary Crane. Ela esperou que a porta se fechasse atrás do homem, em seguida tirou o paletó. Abriu a sacola de noite em cima da cama, sacou um vestido estampado. Pendurou-o no cabide esperando que algumas rugas se desfizessem enquanto ela tomava banho. Apenas o tempo de se refrescar um pouco; mas quando voltasse, prometia-se um longo chuveiro quente. Era o de que precisava: isso, e sono. Mas primeiro queria comer alguma coisa. Vejamos: o *maquillage* estava na bolsa, e ela podia vestir o paletó azul que estava na valise...

Cinco minutos mais tarde Mary batia á porta da grande casa de madeira na subida da colina.

Uma única lâmpada brilhava na janela sem cortinas da sala de visitas, mas um reflexo mais brilhante provinha do segundo andar. Se a mãe dêle estava adoentada, o quarto dela naturalmente era ali.

Mary ficou parada, à espera de que a atendessem, mas isso não aconteceu. Talvez êle estivesse no segundo andar. Tomou a bater.

Nesse ínterim, deu uma espiada através da janela da sala. A êsse primeiro olhar, não pôde acreditar no que via; *nem* por sonho acreditava que em dias de hoje ainda pudesse haver um lugar como aquêle.

Geralmente, mesmo quando a casa é velha, sempre se vêem indícios de alteração e melhoria em seu interior. Mas a sala de visitas que tinha diante dos olhos não fôra jamais “modernizada”. O papel florido das paredes, os lambris de acaju, ornados de volutas, o tapete de um vermelho de crista-de-peru, as cadeiras de altos espaldares, exageradamente estofadas, e a lareira apainelada, dir-se-ia terem saído diretamente dos “velhos tempos”. Nem ao menos havia um aparelho de televisão para impor ao ambiente a sua incongruência, mas a uma das mesinhas viu postado um velho gramofone de corda... Naquele instante percebeu um murmúrio de vozes, que pensou provirem da corneta em bôca de sino do gramofone. Logo porém identificou a origem do *som*: vinha de cima, do quarto iluminado.

Mary tornou a bater, desta vez com o fundo da lanterna. Certo, alguém dera pela sua presença, pois o rumor de vozes cessou abruptamente e ela ouviu um abafado rumor de passos. Um momento após viu mr. Bates descendo as escadas. Êle *se aproximou da porta, abriu-a*, fêz um gesto para que ela entrasse.

— Desculpe-me, disse êle. — Eu estava ajudando Mamãe a se preparar para a noite. Ela às vêzes é um pouco impertinente.

— *Disse* que estava adoentada. Não a quero incomodar.

— Oh, absolutamente, não incomoda em coisa alguma. Ela provàvelmente vai dormir como uma criança.

Bates olhou a escada por sôbre o ombro, depois baixou a voz:

— A verdade é que ela não está doente; isto é, não o está *fisicamente*. Mas às vêzes tem dêsses acessos...

Sacudiu abruptamente a cabeça, depois sorriu:

— *Com licença*, deixe-me tirar seu paletó para pendurar. Isso! Agora, venha por aqui...

Mary o acompanhou ao longo de um corredor que partia do vão da escada.

— Espero que não se importe de comer na cozinha, murmurou — Tudo está pronto. Sente-se. Vou trazer o café.

A cozinha era como a sala de visitas. Uma das paredes forrada por um velho guarda-louça flanqueando uma pia antiquada, de bomba manual. O enorme fogão de lenha escarrapachado a um canto, mas irradiando um calor agradável e a comprida mesa de madeira ostentava uma benvinda mostra de lingüiça, queijo e pepininhos em conserva feita em casa, tudo pôsto em travessas de vidro sôbre o xadrez vermelho e branco da toalha. Mary não se sentiu inclinada a rir de tôdà aquela esquisitice; até achou que calhava muito bem na parede a indefectível legenda feita de crochê:

DEUS ABENÇÔE NOSSO LAR.

Que assim fôsse. Era melhor estar ali do que sentada a um sujo balcão de botequim de vilarejo.

Bates ajudou-a a encher o prato.

— Sirva-se, não espere por mim. Deve estar faminta.

Estava mesmo, e comeu com vontade; mas se achava tão absorta que nem reparou em que Bates não comia quase nada. Quando percebeu, sentiu-se ligeiramente acanhada.

— O sr. mal tocou na comida! Aposto que já tinha ceado!

— Não, não ceei. É que não estou com fome.

Êle tornou a encher a xícara de café.

— Acho que às vezes mamãe me deixa transtornado.

Baixou de novo a voz e reassumiou o tom de quem se desculpa.

— Acho que a culpa é minha. Não sirvo para cuidar dela.

— Moram aqui sozinhos ,o sr. e ela?

— Sim. Aqui nunca morou mais ninguém. Nunca.

— Não deve ser fácil...

— Não leve a mal, não estou me queixando, disse, reajustando os óculos. — Meu pai nos abandonou, eu ainda era criança... Mamãe teve de cuidar de mim sozinha. Por parte da família dela, havia dinheiro bastante para nos sustentar — imagino — até que eu crescesse. Depois ela hipotecou a casa, vendeu o sítio e construiu êste motel. Ficamos ambos na direção e o negócio era bom... até que a estrada nova nos deixou de lado. Claro, já fazia algum tempo que mamãe piorava, e então chegou a minha vez de cuidar dela. Mas às vêzes não é fácil...

— Não tem outros parentes?

— Nenhum.

— E o sr. nunca se casou?

Bates enrubeceu e baixou o olhar para a toalha axadrezada.

— Desculpe-me. Não quis fazer uma pergunta tão pessoal.

— Não tem importância, respondeu, com voz débil. — Nunca me casei. Mamãe tinha idéias engraçadas sôbre êsse assunto. Nunca fiz o que estou fazendo agora: sentar-me à mesa com uma garôta...

— Mas...

— Parece esquisito nos tempos de hoje e na minha idade... Sei disso. Mas tem que ser. Digo-me que ela agora estaria perdida se não fôsse eu... mas a verdade é que eu estaria ainda mais perdido se não fôsse ela...

Mary acabou de beber o café, pescou na bolsa o maço de cigarros e estendeu-o a Bates.

— Não, obrigado: não fumo.

— Incomodo-o se fumar?

— Absolutamente. Pode fumar.

Fêz uma pausa.

— Gostaria de oferecer-lhe alguma bebida, mas... mamãe não permite que entre álcool em casa.

Mary se recostou na cadeira, inalando a fumaça. Súbito sentiu vontade de expandir-se. Engraçado como um pouco de calor, um pouco de descanso e um bocado de comida podem transformar a gente. Uma hora antes, apenas sentia-se realmente solitária, infeliz, cheia de medo. Agora tudo mudara. Talvez o fato de haver conversado com mr. Bates lhe houvesse alterado o estado de ânimo. Êle, sim, é que era realmente o solitário, o infeliz, o cheio de medo. Mary sentia-se, por contraste, com dois metros de altura... Foi esta sensação que a levou a falar:

— Proibem-lhe fumar. Proibem-lhe beber. Proibem-lhe ter namorada... Que faz, então, além de dirigir o motel e cuidar de sua mãe?

Êle pareceu não perceber a expressão contida na voz dela.

— Oh! faço muitas outras coisas. Leio muito. Há ainda outras atividades que exerço como passatempo...

E ergüeu a vista para uma prateleira na parede: espiava-os lá de cima um esquilo empalhado.

— Caçar, por exemplo?

— Não. Taxidermia. George Blount deu-me êsse esquilo para empalhar. Foi êle que o caçou. Mamãe não quer que eu lide com armas de fogo.

— Mr. Bates, perdoe-me dizê-lo, mas por quanto tempo pretende continuar assim? É homem adulto. Compreende, naturalmente, que não deve proceder como criança pelo resto da vida. Não quero ser grosseira, mas...

— Compreendo. Tenho consciência da situação. Conforme lhe disse, tenho lido um bocado. Conheço o que dizem os psicólogos a respeito dessas coisas. Mas tenho um dever a cumprir para com minha mãe.

— E não estaria cumprindo êsse dever para com ela e para consigo *mesmo*... se a mandasse para *uma* instituição?

— *Ela não está louca!*

A voz já não era macia nem justificatória: era áspera e fina, E aquêle homem gordo ergueu-se e varreu com um tapa uma xícara de cima da mesa e que foi se espatifar no chão... Mary não a olhou: só tinha olhos para a cara desfeita de Norman Bates.

— Ela não está louca! repetiu — não importa o que a sra. ou os outros possam pensar. Não importa o que digam os livros ou os médicos do hospício. Conheço tudo a êsse respeito. Far-lhe-iam um rápido exame e trancafiá-la-iam se pudessem. Bastava que lhes desse o meu consentimento. Mas eu não darei. A razão é que sei-a eu, a sra.

compreende? Eu *sei e eles não* sabem. Eles não sabem que ela *cuidou* de mim todo esse tempo, quando ninguém mais se importava comigo... Como trabalhou por mim, como sofreu com os sacrifícios que fazia. Se agora é um pouco esquisita, a culpa é minha, sou eu o responsável. Quando ela veio falar comigo aquela vez dizendo que ia tornar a se casar — fui eu que a impedi. Sim, fui eu que a impedi, e que me censurem por isso! Inútil falar em ciúme, em sentimento de posse... Eu era pior do que ela é agora. Dez vezes mais louco, se é essa a palavra que a sra. deseja... Trancar-me-iam no hospício se soubessem o que eu disse e o que fiz, a maneira por que o fiz. Bem, afinal venci. Ela não se casou. E quem é a sra. para dizer que alguém deve ser mandado para o hospício? Não há quem não seja um pouco louco de vez em quando.

E aí parou, não porque lhe faltassem palavras, mas fôlego. O rosto muito vermelho, seus lábios franzidos começaram a tremer.

Mary se levantou.

— *Sinto* muito, sinto muito... desculpou-se ela, com doçura. — Também sou um pouco louca, às vezes. Eu não tinha direito de dizer o que disse. Sim, compreendo. E não costumo falar nessas coisas. O sr. vive sozinho, traz tudo isso engarrafado. Engarrafado ou empalhado, como aquele esquilo na parede...

A côr do rosto de Norman suavizou-se e ele tentou sorrir.

— Engraçadinho esse bichinho, não acha? Muitas vezes quis ter um vivo para domesticar... para ter, afinal, um animal de *estimação*...

Mary pegou a bolsa.

— Está bem: eu já vou. Está ficando tarde.

— Por favor, não vá. Desculpe-me a trapalhada.

— Não é por isso. É que estou exausta.

— Mas pensei que talvez pudéssemos conversar um pouco. Ia lhe falar sobre minhas atividades gratuitas. Tenho uma espécie de oficina no porão ...

— Gostaria muito, mas preciso descansar...

— Está bem. Vou descer com a senhora. Tenho de fechar o escritório. Parece que esta noite não virá mais ninguém.

Atravessaram o vestíbulo. Ele a ajudou a vestir o paletó. O gesto era canhestro, e por um instante ela sentiu crescer-lhe a irritação. Depois a reprimiu, ao perceber-lhe a causa. Ele tinha medo de tocá-la. Era isso. A verdade é que tinha medo de se aproximar de mulher!

Bates segurou bem alta a lanterna e ela o seguiu. A chuva parara, mas a noite estava ainda escura e sem estréias. Ao dobrar o canto da casa Mary lançou por sôbre o ombro um olhar para o prédio. A luz do segundo andar ainda estava acesa, e ela pensou que talvez a mulher estivesse acordada e ouvira a conversa dêles até à explosão final.

Bates parou em frente à porta do quarto número seis, esperou que ela pusesse a chave na fechadura, abrisse.

Êle se despediu:

— Boa noite, durma bem.

— Obrigada. Agradeço também a hospitalidade.

Êle abriu a bôca, depois se voltou para sair. Foi a terceira vez naquela noite que ela o viu corar.

Mary trancou a porta com a chave. Ouviu os passos que se afastavam, e depois o estalido da porta do escritório, *anexo*. Não o ouviu ir para a casa da ladeira. Estava ocupada em desarranjar as malas. Tirou fora o pijama, as sandálias, um pote de *cold-cream*, uma escôva de dentes, o dentifrício... depois ficou tateando o interior da grande valise, procurando o vestido que tencionava vestir na manhã seguinte, quando fôsse ao encontro de Sam. Tinha de pendurá-lo agora para desamassar. Nada devia estar fora do lugar quando Ttivesse de partir dali.

Nada devia estar fora do lugar...

E repentinamente já não se sentia da altura de dois metros... A mudança fôra assim tão rápida? Ou começara quando mr. Bates se mostrara tão histérico na casa da ladeira? Que dissera êle, que realmente a desinflara?

Não há quem não seja meio louco de vez em quando...

Abriu um lugar na cama e sentou-se.

Sim. Era verdade. Todos somos meio loucos de vez em quando. Ela fôra louca na tarde da véspera. Ficara louca ao ver tanto dinheiro em cima da escrivanhina pensando que podia se safar com o plano que ideara. Dir-se-ia um sonho transformado em realidade... Um sonho. Um sonho louco. Agora o sabia.

Talvez pudesse despistar a Polícia. Mas Sam fazia perguntas. Quem era êsse parente que lhe deixara tanto dinheiro? Onde morava? Por que nunca antes lhe falara ela a tal respeito? Por quê trazia o dinheiro em espécie? Mr. Lowery lhe consentira deixar o emprêgo assim de repente?

E havia ainda Lila. Suponha-se que reagisse como Mary previra... que viesse a seu encontro antes de ir depor... — que até concordasse em ficar

calada no futuro por que lhe devia obrigações .. Mesmo assim permanecia o fato: Lila *sabia*. E surgiriam complicações...

Mais cedo ou mais tarde Sam queria ir visitar Lila, ou convidá-la para que os visitasse. E o enguiço estaria armado. Não poderia futuramente manter relações com a irmã; nem poderia explicar a Sam por quê não as mantinha, por quê não ia fazer uma visita ao *Texas*...

Tudo isso era loucura.

E era demasiado tarde para remediar.

Seria mesmo?

Suponha-se que ela dormisse um bom sono — um sono que durasse umas dez horas... O dia seguinte era um domingo. Se saísse às nove e fôsse diretamente para a cidade, lá chegaria na segunda-feira de manhã. Antes de Lila chegar de *Dallas*, antes que o banco se abrisse... Podia depositar o dinheiro e dali mesmo se encaminhar para o escritório.

Claro, ia sentir um cansaço *mortal*. Mas nem por isso morreria e ninguém jamais ficaria sabendo o que acontecera.

Naturalmente, restava o carro. Levaria alguns minutos para explicar a Lila a presença do carro. Talvez pudesse dizer que fôra a *Fairvale* com a intenção de fazer uma surpresa de fim-de-semana a Sam. O carro enguiçara, tivera de encostá-lo; o negociante dissera que precisava um motor novo. Decidira então deixá-lo no consêrto, apanhar essa lata velha e voltar para casa.

Sim: a explicação parecia aceitável.

Quando fêz as contas, verificou que essa viagem lhe custara aproximadamente setecentos dólares. Era êsse o valor do carro.

Mas valia a pena pagar. Setecentos dólares não é muito em troca da sanidade mental. Em troca da segurança, em troca da futura segurança...

Levantou-se.

Era isso o que ia fazer.

E sentiu-se novamente da altura de dois metros... Tão simples!

Se fôsse religiosa, teria rezado. Como não era, sentiu uma curiosa sensação — que palavra era? — de predestinação. Como se tudo quanto acontecera tivesse fatalmente de ter acontecido. Ter-se enganado no caminho, parar naquele motel, encontrar aquêle homem patético, assistir-lhe a explosão, ouvir-lhe a última sentença, que a fizera voltar a si... -

Houve um momento em que poderia ter caminhado para êle... para lhe dar um beijo; mas logo imaginou, com um frouxo de riso, qual seria o efeito

sôbre o pobre toleirão. Provavelmente desmaiaria.

Tornou a rir. Era bom ter dois metros de altura... mas a questão era saber se, então, ela caberia no *box* do chuveiro... E era isso o que faria agora mesmo: tomar um longo e tépido banho de chuveiro... Tirar a sujeira do corpo, exatamente como daí a pouco iria tirar a sujeira da alma...

Vem pura, Mary Vem pura como a neve...

Entrou na sala de banho, sacudiu dos pés os sapatos e se abaixou para tirar as meias. Depois ergueu os braços, puxou o vestido pela cabeça, atirou-o no quarto ao lado. O vestido caiu longe da cama. Pouco importava. Desabotoou o *soutien*, arremessou-o em arco, deixou-o flutuar... Agora, a calcinha...

Demorou-se em frente ao espelho da porta, a examinar-se. Talvez o rosto tivesse vinte e sete anos, mas o corpo era elástico, alvo e não tinha mais de vinte e um. Era bem feita. Tremendamente bem feita. Sam gostará que ela seja assim. Queria-o ali para admirá-la. Era um inferno ter de esperar mais dois anos. Ela porém haveria de recuperar o tempo perdido. Dizem que uma mulher não é sexualmente madura antes dos trinta. Trataria de averiguar se isso era verdade...

Emitiu uma risadinha, esboçou uns passos de bailarina amadora, atirou um beijo à sua imagem no espelho e recebeu outro de volta. Depois entrou no *box* do chuveiro. A água estava quente e ela teve de misturar um pouco da torneira fria. Afinal abriu completamente ambas as torneiras e deixou aquela tepidez jorrar sôbre seu corpo.

O barulho da água ensurdecia e o quarto se enchia de vapor.

E assim não ouviu se abrir a porta, nem rumor de passos. A princípio, quando a cortina do chuveiro também se abriu, o vapor embaçou, aquele rosto. Então ela viu — não mais que um rosto, como uma máscara, a espiar pela cortina entreaberta. Um lenço escondia-lhe os cabelos. Os olhos vidrados fitavam-na, inumanos. Não era máscara, não podia ser. Uma camada de pó-de-arroz de um branco mortal tapava-lhe as feições, exceto as maçãs do rosto onde se concentravam duas rosas héticas de *rouge*. Não era máscara. Era o rosto insano de uma velha louca.

Mary começou a gritar. Então a cortina se abriu totalmente e apareceu a mão empunhando uma faca de açougueiro. E foi a faca que pouco depois, decepou-lhe o grito.

E a cabeça também.

Capítulo 4

AO ENTRAR no escritório, Norman tremia. Acontecera muita coisa junta. Não podia trazer tudo engarrafado por mais tempo.

Garrafa... Era o de que precisava: um trago. Tinha mentido à moça, naturalmente. Era verdade que a mãe não admitia álcool em casa — mas *êle bebia*. Guardava a garrafa no escritório. Havia ocasiões em que era preciso beber — embora seu estômago não suportasse o álcool, embora bastassem uns goles para ficar tonto. Havia ocasiões em que desejava embriagar-se...

Lembrou-se de descer a veneziana e apagar a luz do letreiro. Pronto! Fechado para a noite. Descidas as venezianas, ninguém repararia na luz frouxa da lâmpada da escrivaninha. Ninguém o veria abrir a gaveta, puxar a garrafa, mãos trêmulas como as de uma criança agarrando a mamadeira. *Ê hora de dar a mamadeira ao garôto...*

Empinou a garrafa. Bebeu. Fechando os olhos. O uísque queimava, e isso era bom. Para queimar a amargura. O uísque desceu garganta abaixo, foi explodir *no* estômago. Talvez mais um trago também queimasse aquela sensação de medo.

Um erro ter convidado a moça para cear na casa. Soubera-o no mesmo instante em que abrira a bôca, mas era tão bonita, parecia tão exausta e desamparada. Êle sabia o que era estar exausto e desamparado, sem ter a quem recorrer, ninguém que compreendesse. Só o que queria — só o que fêz — foi conversar com ela. Depois, a casa era *sua*, não era? Tanto quanto de sua mãe. Esta não tinha o direito de ditar leis, como fazia.

Mesmo assim foi um erro. A verdade é que nunca teria ousado, não fôsse estar furioso contra a mãe. Queria desafiá-la. E foi ruim.

Mas fizera coisa ainda pior, além do convite à moça: fôra dizer à mãe que ia cear acompanhado. Marchara diretamente para dentro do quarto e anunciara, como se dissesse:

Atreva-se a impedir!

Não devia ter feito isso. A mãe já estava bastante alterada e teve um ataque de nervos. Foi num paroxismo de nervos que encarou a coisa e pôs-se a gritar:

Se a trouxer aqui, mato-a! Mato-a! Mato essa cadela!

Cadela. Não disse essa palavra, mas foi como se dissesse. Estava doente, muito doente. Talvez a moça tivesse razão. Talvez fôsse melhor interná-la. Estava de tal jeito que êle não a podia manobrar sozinho. Nem a si próprio. Que costumava ela dizer sôbre êsse assunto de “manobrar sòzinho”? Que era pecado. Que a gente ia para o inferno.

O uísque, sim, queimava. Mais uma dose — a terceira... Como precisava! Precisava de uma porção de coisas. Também nisso a moça tinha razão. Aquilo não era vida. Não podia continuar assim indefinidamente.

Sentar-se à mesa com a moça fôra uma provocação. Receara que a mãe fizesse uma cena. Depois que fechou à chave a porta do quarto dela, trancando-a lá dentro, ficou a imaginar se ela não ia explodir em gritos e murros... Mas, ao contrário, ficara muito quieta, talvez demasiado quieta, como se estivesse à escuta. Provavelmente era isso o que fazia. Podia trancar a mãe no quarto; o que não podia era impedir que ela escutasse.

Esperava que, naquela altura, ela já estivesse dormindo. No dia seguinte já teria esquecido o episódio. Isso acontecia sempre. Às vêzes porem, quando julgava inteiramente olvidado algum incidente, ela o trazia à baila, meses depois, com a nitidez de um límpido céu azul...

Céu límpido azul. Teve um frouxo de riso. Agora já não havia céus límpidos e azuis: só nuvens e escuridão, como naquela noite.

Ouviu então um rumor, e se endireitou na cadeira. Era a mãe que vinha? Não, não podia ser. Estava trancada; lembrava-se? Devia ser a moça no quarto contíguo. Sim, agora podia ouvi-la — pelos modos abrindo a valise, tirando coisas para fora, aprontando-se para dormir.

Tomou outra dose. Só para acalmar os nervos. E desta vez a coisa fêz efeito. A mão já não tremia, êle já não tinha medo. Não tinha, quando pensava na moça.

Engraçado: quando êle a viu, teve uma sensação horrível. .. Como era a palavra? Começava em *im*... Não: importância não era. Ele não se sentia importante em companhia de mulher. Sentia-se... impossível? Também não era. Conhecia a palavra que buscava, lêra-a em livros centenas de vêzes — naqueles livros que nem por sombra a mãe adivinhava que êle lesse...

Que importava? Em presença da moça era assim que se sentia. Não agora, porém. Agora faria qualquer coisa.

E eram tantas as coisas que êle queria fazer com uma moça como aquela! Jovem, bonita, inteligente também. Êle fôra um idiota em explodir quando ela falara a respeito de sua mãe. Agora confessava: o que ela dissera era a pura verdade. Ela sabia, ela compreendia. Desejava que ela tivesse ficado para uma conversa mais comprida...

Mas talvez nunca mais a visse. Ela partiria na manhã seguinte. Para sempre partiria Jane Wilson, de *San Antonio, Texas*. Imaginava quem seria ela, para onde iria, que espécie de *pessoa* realmente era, por dentro... Podia se apaixonar por uma moça como aquela. Sim, podia, vendo-a apenas uma vez. Não havia do que rir. Ela entretanto, riria, provàvelmente. Assim riam as moças... Estavam sempre a rir... Cadelas!

Mamãe tem razão. São tôdas umas cadelas. Mas a gente não podia impedir... quando a cadela era tão bonita como essa e quando a gente sabia que nunca mais voltaria a vê-la. Você *tem* que voltar a vê-la. Se fôsse homem, era *isso* o que lhe diria quando estive no quarto com ela. Teria levado junto a garrafa, tomado um trago em companhia dela, depois levava-a para a cama e...

Não, não o íaria. Você não. Porque é impotente.

Era *essa* a palavra que queria lembrar, não era? *Impotente*. A palavra que vem nos livros, a palavra que a mamãe pronunciava, a palavra que o condenava a nunca mais ver a moça, pois voltar a vê-la não adiantaria. A palavra conhecida das cadelas... Conhecem-na, as cadelas, por isso vivem rindo.

Bebeu mais um gole — um apenas. Sentia o líquido escorrer das comissuras dos lábios. Devia estar bêbado. Pois bem: estava bêbado — e daí? Contanto que a mãe não soubesse. .. contanto que a moça não soubesse... Tudo ficaria em segredo. Impotente, hem? Mas isso não queria dizer que não podia voltar a vê-la.

Pois iria vê-la imediatamente.

Curvou-se sôbre a escrivaninha ,a cabeça inclinada até quase tocar a parede. Ouviu mais ruídos, e graças à longa experiência, sabia interpretá-los. A moça sacudira os sapatos dos pés. Agora ia entrando no banheiro...

Norman estendeu a mão, de novo trêmula, agora não de medo. De antecipação, talvez, pois sabia o que ia fazer. Ia afastar para um lado a licença municipal emoldurada e espiar pelo buraquinho que havia muito

tempo fizera na parede. Ninguém sabia. Nem a mãe. Era um segrêdo só dêle.

O buraco era apenas uma fenda na parede do banheiro, mas Norman podia ver através dêle. Ver o banheiro iluminado. Às vêzes enxergava uma pessoa bem diante da fenda. Às vêzes só enxergava o reflexo dela no espelho, mais além. Mas podia ver. Via o suficiente. Que as cadelas zombassem dêle. Êle as conhecia muito mais do que podiam imaginar,

Norman tinha dificuldade em fixar a vista. Sentia calor e tontura, calor e tontura... Parte se devia à bebida, parte ao nervosismo. Mas a maior parte se devia a ela, à moça.

Entrara no banheiro, e estava de pé, defronte da parede. Não repararia na fenda. Nenhuma reparava. Ela sorria, afagando o cabelo. Depois se curvou, tirou as meias... Quando ergueu o corpo... sim... estava a pique de fazê-lo... foi tirando o vestido pela cabeça... Norman viu-lhe o *soutien* e a calcinha... agora, que não se interrompesse... que não se afastasse para fora do seu ângulo de visão...

Afastou-se. Norman chegou quase a gritar “Venha aqui, *sua* cadela!”, mas se conteve a tempo, vendo-a desabotoar o *soutien* em frente do espelho. Êste ondulava em linhas e ireflexos que lhe davam tonturas, e êle mal pôde acompanhar até que ela deu um passo para um lado... Aí, sim...

Ia tirar... tirou... êle a viu tirando... estava na verdade em frente do espêlho, *fazendo gestos!*

Será que ela sabia? Será que sabia todo o tempo, que havia uma fresta na parede? será que sabia que êle estava espiando? Queria que êle a espiasse, fazia isso de propósito, a cadela? Estava a se balançar de trás para a frente, de trás para a frente, e agora o espelho novamente ondulava, ela ondulava, e êle não podia suportar aquilo, queria gritar-lhe que parasse, pois era ruim, era perverso o que estava fazendo e ela devia parar antes que êle também ficasse ruim e pervertido. Era isso o que as cadelas faziam à gente — pervertiam — e essa mulher era uma cadela, tôdas eram cadelas, a mãe também era uma...

Súbito a moça desapareceu e só ficou o rugido da água. O rugido crescia, sacudia a parede, afogando as palavras e as idéias. Vinha de dentro da sua cabeça, e êle caiu sentado na cadeira. *Estou bêbado*, disse consigo mesmo. *Estou perdendo os sentidos.*

Não era bem isso. O rugido continuava e em qualquer parte dentro dêle ouviu outro rumor. Alguém abria a porta do escritório. Como podia ser?

Fechara-a à chave, não foi? Ainda a trazia consigo. Bastava-lhe abrir os olhos para encontrá-la. Não podia abrir os olhos. Não tinha coragem, agora o sabia.

A mãe também tinha a chave.

Tinha a chave do quarto dela. Tinha a chave da casa. Tinha a chave do escritório. E ei-la agora ali, baixando o olhar para êle. Oxalá ela pensasse que êle estava apenas adormecido. De qualquer modo, que fazia ela ali? Tê-lo-ia ouvido sair com a moça e viera espioná-los?

Norman se afundou de novo na cadeira sem ousar mexer-se, fazer o menor movimento. De instante a instante lhe era mais difícil mover-se. O rugido da água prosseguia e a vibração como que lhe embalava o torpor. Tão bom era! A mãe ali perto, embalando-o até que adormecesse!

Depois ela saiu. Voltou-se, em silencio, e saiu. Não havia nada a recear. Ela viera protegê-lo das cadelas. Sim era isso: viera protegê-lo. Sempre que precisava, mamãe aparecia. Agora podia dormir. Não havia engano possível. Entrava-se no rugido da água, ia-se além do rugido... depois tudo silenciava. *Dormir, dormir em silêncio.*

Teve o sobressalto e atirou a cabeça para trás. Deus, como doía! Êle perdera a consciência sentado na cadeira. Na realidade perdera a consciência. Não admirava que tudo 'estivesse a esmurrar e a rugir. Já ouvira antes o mesmo ruído. Há quanto tempo — uma, duas horas?

Agora o reconhecia. Abrira-se o chuveiro no quarto pegado. Era isso. A moça entrara no chuveiro. Mas fazia tanto tempo isso! Ela ainda podia estar lá, não podia?

Estendeu a mão, afastando da parede o quadro da licença. Os olhos se lhe enviesaram e êle os fixou no banheiro brilhantemente iluminado. Vazio. Podia ver a um lado, o *box* do chuveiro. As cortinas estavam cerradas.

Talvez ela se esquecesse e se deitasse, deixando o chuveiro aberto. Parecia-lhe esquisito que ela pudesse dormir ouvindo a água jorrar com aquela fôrça, mas êle agora fizera nada menos do que isso. Talvez a fadiga intoxicasse tanto como o álcool.

De qualquer forma, não parecia haver ali nada de anormal. O banheiro estava em ordem. Esquadrinhou-o com a vista, depois reparou no chão.

A água do chuveiro escorria nos ladrilhos. Não muito, um pouco apenas, o suficiente para que a visse. Um magro fiozinho de água a escorrer no chão ladrilhado de branco.

Era água mesmo? Mas a água não é cor de rosa. A água não tem filetes vermelhos, finos filetes vermelhos que pareciam veias.

Ela devia ter escorregado. Caíra e se machucara, concluiu. Um terror crescia dentro d'ele, que entretanto soube o que fazer. Agarrou as chaves na escrivaninha, precipitou-se para fora do escritório, num ápice encontrou a chave do quarto pegado e abriu a porta. O quarto estava vazio, mas a valise aberta ainda estava em cima da cama. Ela não partira. Ele adivinhara: tinha havido um acidente no *box* do chuveiro. Era preciso averiguar.

Só depois de entrar no chuveiro foi que se lembrou de uma coisa, mas então já era tarde. Seu terror o atordoou, mas agora de nada valia. Ainda se lembrava.

Mamãe tem também as chaves do motel.

Depois, ao abrir num repelão a cortina do chuveiro, e ao baixar a vista para a coisa decepada e contorcida que jazia no piso do *box*, teve a plena consciência de que a mãe usara a chave sobressalente...

Capítulo 5

NORMAN trancou a porta e caminhou para a casa da ladeira. Suas roupas estavam em desordem. Cheias de sangue, naturalmente, e água; não só isso: também havia vomitado em todo o piso do banheiro.

Agora, porém, isso não tinha importância. Havia outras coisas a limpar, antes.

Desta vez agiria — de uma vez para sempre. Sua mãe que ficasse no lugar que lhe competia. Trataria disso. Era urgente.

Todo o pânico, todo o terror, todo o pavor, e a náusea e a revulsão, cederam. Essa resolução anulava todo o resto. O que acontecera era uma tragédia — uma tragédia indescritível — que contudo nunca voltaria a acontecer. Sentiu-se um novo homem — um homem dono de si.

Precipitou-se escada acima e empurrou a porta da frente. Curioso: não estava trancada. A luz da sala ainda estava acesa, mas no aposento não havia ninguém. Relanceou o olhar em torno. Depois subiu a escada.

A porta do quarto da mãe estava aberta. A luz de cabeceira punha no saguão um feixe de luz. Entrou sem bater. Já não era preciso fazer cerimônia. Ela não escaparia desta...

Mas já escapara.

O quarto estava deserto.

Norman viu o lugar fundo onde ela estivera deitada, as cobertas jogadas para os pés do enorme leito colonial... Ainda flutuava no ar um vago odor de mofô. A cadeira de balanço a um canto, os ornamentos da penteadeira como sempre. Nada mudara no quarto da mãe; não mudava nunca. Ela porém já não estava ali.

Norman abriu o anuário. Palpou as roupas nos cabides. Ali o cheiro ácre era mais forte — era tão forte que quase o sufocou; mas havia outro cheiro, além desse. Só quando seu pé escorregou, foi que baixou os olhos e percebeu donde provinha. Um dos vestidos dela e um lenço de cabeça

jaziam embolados no chão. Abaixou-se para os apanhar, mas sentiu um estremecimento de náusea ao reparar nas manchas escuras e avermelhadas de sangue coagulado.

Ela estivera ah. Viera, trocara de roupa e saíra.

Êle não podia chamar a Polícia.

Era isso o que precisava lembrar. Não devia absolutamente chamar a Polícia. Nem mesmo agora que sabia o que ela fizera. Ela não era responsável. Era uma mulher doente.

O assassinio a sangue-frio é uma coisa; a loucura é outra. Não se é realmente criminoso quando se sofre da cabeça. Todo mundo sabe. Só às vezes há tribunais que não são dessa opinião. Conhecia vários casos. Mesmo que a julgassem insana, quereriam sem dúvida interná-la. Não em uma casa de repouso, mas em um daqueles buracos pavorosos: um Manicômio Estadual.

Norman fitou a boa ordem do quarto, o papel de parede semeado de rosas trepadeiras. Não podia arrancar a mãe dêsse lugar para a ver encerrada numa cela miserável. Por enquanto estava seguro — a Polícia nem sabia que ela existisse. Não saía de casa, ninguém a conhecia. Não errara dizendo isso à moça, pois nunca mais ela tornaria a vê-la. A Polícia é que não podia saber coisa alguma a respeito de sua mãe, nem o que ela de fato era. Interná-la-iam, se soubessem. Deixá-la-iam apodrecer. Tivesse ela feito o que quer que fôsse, não merecia *aquilo*.

E não havia de sofrer aquilo, pois ninguém sabia nada.

Agora estava mais que certo de que podia evitar que alguém soubesse. Restava-lhe apenas refletir, recordar os acontecimentos, pensar com cuidado.

A moça viera só. Viajara o dia todo. Isso significava que não ia indo visitar alguém. Nem sabia onde ficava

Fairvale, não citou nenhuma das cidades próximas, de modo que era mínima a possibilidade de que pretendesse visitar alguém nas redondezas. Quem quer que a estivesse esperando — se é que alguém a estava esperando — devia residir a alguma distância para o norte.

Claro, isto não passava de uma suposição, mas parecia muito lógico. E êle tinha de arriscar por essa lógica.

Ela assinara o livro de registro, naturalmente, mas isso não queria dizer nada. Se alguém perguntasse, diria que éla passara a noite no motel e depois continuara seu caminho.

Restava-lhe se livrar do cadáver e do carro, depois limpar tôdas as manchas. Não seria difícil. Sabia exatamente o que fazer. A tarefa não seria agradável, mas também não seria um cavalo de batalha.

E evitaria que êle fôsse procurar a Polícia. E salvaria a mãe. Oh! não que desistisse de justar contar com ela, não que recuasse da intenção anterior — desta vez, não — mas a coisa podia esperar.

O importante, agora, era se desfazer das provas. Do *corpus delicti*. O vestido e o lenço seriam queimados, igualmente a roupa que êle vestia. Reavisava-se: podia dar sumiço a tudo quando se livrasse do corpo.

Fêz das roupas uma trouxa e levou para baixo. Apanhou uma camisa velha e um cobre-tudo no saguão dos fundos, despiu as roupas que trazia e vestiu a outra. Não tinha cabimento lavá-las agora. Isso podia esperar até que terminasse a parte mais complicada da tarefa.

A mãe porém se lembrara de as lavar quando voltou. Na pia da cozinha havia uma porção de manchas, igualmente côr de rosa; alguns vestígios indiscretos de *rouge* e pó-de-arroz.

Fêz uma anotação mental de lavar cada coisa quando voltasse; depois sentou e transferiu todo o conteúdo dos bolsos da roupa que acabava de despir para o cobre-tudo. Era uma *pena* jogar fora uma roupa tão boa como aquela, mas impossível evitá-lo. Impossível, se queria salvar a mamãe...

Desceu até o porão e abriu a porta do antigo depósito de frutas. Achou o que procurava — uma velha cesta para roupa, cuja tampa estalara. Era suficientemente grande e serviria *esplêndidamente*.

Esplêndidamente — Meu Deus, como podia pensar assim diante da tarefa que se propunha realizar?

Sentiu um começo de retraimento antes da ação, depois respirou fundo. Não era hora para auto-crítica. Era preciso ser prático. Muito prático, muito cauteloso, muito tranqüilo...

Calmo, jogou a roupa dentro da cesta. Calmo, retirou o oleado de uma mesa junto à escada do porão. Calmo, tornou a subir a escada, apagou a luz da cozinha, apagou a luz do saguão e saiu para a noite escura, carregando a cesta com o oleado por cima.

Era mais difícil se conservar calmo ali no escuro. Mais difícil deixar de pensar em mil e uma coisas que podiam acabar mal.

Mamãe partira — para onde? Estaria na estrada, exposta a ser atropelada pelo primeiro carro que passasse? Estaria ainda sofrendo a reação histérica? O choque pelo que fizera não a levaria a contar tudo ao primeiro que

encontrasse na estrada? Teria fugido, ou seria apenas uma ausência temporária? Quem sabe se não atravessara o mato atrás da casa, entrando na estreita faixa de dez acres de terra que levava ao pântano! Não seria melhor ir primeiro procurá-la?

Suspirou. Sacudiu a cabeça. Não podia correr êsse risco. Não, enquanto aquela coisa estivesse esparramada no *box* do chuveiro do motel. Deixar aquilo ali, seria mais arriscado ainda.

Não tivera a presença de espírito de apagar tôdas as luzes antes de sair — no escritório, no quarto dela. Assim, era possível surgir uma ave noturna à procura de acomodações. Não era freqüente, mas de vez em quando a campainha tocava; de vez em quando, à uma, às duas da madrugada. E pelo menos uma vez, durante a noite, a Polícia Rodoviária Estadual cruzava por ali. Quase nunca parava, o que era oportuno, agora.

Ia indo aos tropeções pela escuridão. A aléia era pedregulhada, não tinha lama; a chuva, porém, decerto amolecera o chão por detrás da casa. Ficariam vestígios. Tinha de pensar nisso. Ficariam vestígios que êle próprio não poderia enxergar. Se ao menos não estivesse tão escuro! A idéia veio de repente: o que mais importava era sair daquela escuridão.

Sentia-se aliviado quando afinal abriu a porta do quarto da moça e aí depôs a cesta. Em seguida acendeu a luz. A claridade macia deu-lhe um pouco de segurança, até que se lembrou do que a luz acesa revelaria quando êle entrasse no banheiro.

Estava no meio do quarto e se pôs a tremer.

Não, não posso fazer isso. Não posso vê-la. Não vou lá dentro. Não vou! Mas tem que ir. Não há outro jeito. E deixe de falar sozinho!

O mais importante era isso. Tinha que deixar de falar sozinho. Tinha que recuperar a tranqüilidade anterior. Tinha de encarar a realidade.

E que realidade era essa?

A moça. A moça que sua mãe matara. Não era um bonito quadro nem uma bonita idéia, mas lá estava ela.

A fuga não devolveria vida à moça. Entregar a mãe à Polícia também não alteraria a situação. A melhor coisa a fazer nessas circunstâncias — a *única* coisa a fazer: livrar-se dela. Não precisava se sentir culpado.

Quando teve de entrar no *box* do chuveiro e ali fazer o que precisava ser feito, não podia entretanto reprimir a náusea, a tontura, a ânsia sêca e convulsiva de vomitar. Achou a faca de açougueiro: estava sob o torso. Deixou-a cair imediatamente dentro da cesta. Havia um velho par de luvas

no bôlso do cobre-tudo: teria de calçá-las, para conseguir tocar o resto. A cabeça era o pior. Só ela fôra separada do corpo; o mais só tinha talhos, e êle precisou dobrar os membros para enrolar o cadáver no oleado e forçá-lo pela bôca da cesta. Afinal terminou. Fechou a tampa desconjuntada.

Ainda restavam o banheiro e o chuveiro para lavar, mas só na volta trataria disso.

Precisava agora arrastar a cesta para o quarto, procurar a bôlsa da moça e revistá-la em busca das chaves do carro. Abriu a porta devagar, pérscrutando faróis em trânsito na estrada. Não passava nenhum — fazia muitas horas que não passava nada por ali. Só podia almejar e rezar que assim continuasse mais algum tempo.

Suava, desde muito antes de abrir o porta-malas do carro e empurrar a cesta para dentro; suava, não pelo esforço — era mêdo. Entretanto o conseguiu. Voltou ao quarto, juntou a roupa e a pôs na sacola de noite e na valise em cima da cama. Encontrou os sapatos, as meias, o *soutien*, a calcinha... O pior foi pegar no *soutien* e na calcinha. Se tivesse alguma coisa no estômago, restituí-la-ia... Mas êle não tinha nada no estômago, exceto aquela secura de mêdo, correspondendo ao porejar de mêdo que lhe banhava a pele.

Que mais? Algodão sanitário, grampos — as mil e uma coisinhas que uma mulher deixa espalhadas num quarto. Sim, e a bôlsa. Havia algum dinheiro dentro, mas êle nem olhou. Não queria dinheiro. Queria se livrar de tudo — e depressa, enquanto a sorte o favorecia. Pôs a sacola e a valise no banco da frente. Trancou a porta do quarto. Tornou a perscrutar a estrada em tôdas as direções. Caminho livre.

Deu a partida ao motor e acendeu os faróis. O perigo era êsse: acender os faróis. Não podia evitar a estrada — por exemplo, atravessando o campo. Guiou, devagar, ladeira acima, por trás do motel, pelo apedregulhado que levava à aléia e à casa. Outra faixa de pedregulho conduzia para os fundos da casa e ia terminar no velho galpão que fôra convertido em garage para abrigar seu Chevrolet.

Mudou a marcha e o carro deslisou na relva. Achava-se no campo, aos sacolejos. Começavam perto uns trilhos fundos, abertos por pneumáticos, que êle afinal achou. De tempos a tempos, costumava levar o carro e o reboque por essa vereda. Ia catar lenha para o fogão, na mata que rodeava o pântano.

E iria outra vez fazer isso no dia seguinte, decidiu. A primeira coisa que faria de manhã cedo: levar o carro e o reboque para o mato. O rasto feito por seu próprio carro cobriria este de agora. Assim, se deixasse pegadas na lama, haveria uma explicação.

Isto é, se fôsse preciso explicar alguma coisa. Mas talvez a boa sorte o continuasse a ajudar.

Ajudou-o até que êle alcançou a margem do pântano, até que fêz o que tinha de fazer. Chegando ali, apagou os faróis e os faroletes de trás e tiabalhou no escuro. Não era fácil. Levou tempo enorme. Afinal, terminou. Deu partida ao motor, engatou marcha-a-ré, saltou do carro e o deixou recuar pelo declive até o pântano. O declive ficaria marcado *com os* rastos dos pneumáticos — êle não devia esquecer de os apagar. Mas isso não tinha importância. Pelo menos enquanto o carro afundava. Viu a lama subir borbulhando até acima das rodas. Meu Deus, que continuasse afundando! Se não afundasse, nunca mais podia tirá-lo dali. Tinha que afundar! Os pára-lamas mergulhavam — lentos, muito lentos. Há quanto tempo estava ali? Parecia-lhe horas, e o carro ainda era visível. A lama atingiu as maçanetas; subia para os vidros laterais e o pára-brisa. Não ouvia o mínima rumor. O carro continuava afundando, centímetro a centímetro, no silêncio mais absoluto. Agora só se via a capota. Súbito, um ruído de sucção, um *plop!* e tudo desapareceu.

Norman não sabia que profundidade tinha o pântano naquele ponto. Só podia desejar que o carro afundasse.

Que fôsse para o fundo, bem para o fundo — onde jamais *alguém* o pudesse enxergar.

Afastou-se com uma careta. Bom! aquela parte estava em ordem. O carro estava no fundo. A cesta estava no porta-malas. O corpo estava na cesta... e o tronco contorcido e a cabeça sanguinolenta...

Oh, não podia continuar pensando nisso. Não *devia* pensar nisso. Restavam coisas por fazer. Êle as fêz. Quase automaticamente. Havia sabão e detergente no escritório e escôva e balde. Norman repassou o banheiro, azulejo por azulejo; depois fêz o mesmo no *box* do chuveiro. Concentrando na esfregação, a coisa ainda lhe era suportável, embora o cheiro de sangue lhe *desse* náuseas.

Depois voltou a examinar o quarto. A sorte ainda o protegia: embaixo da cama encontrou um brinco. Não reparara que ela usava brincos no começo da noite, mas devia tê-los trazido. Talvez um deles escorregasse enquanto

ela escovava os cabelos. O outro devia estar por ali. Êle sentia os olhos turvos e cansados, mas procurava. O brinco não aparecia em parte alguma. Devia estar na bagagem, ou talvez ainda prêso à orêlha da cabeça dela. Em qualquer caso, não tinha importância. Contanto que êle se livrasse dêste... Atirá-lo-ia ao pântano na manhã seguinte.

Ainda restava a casa. Precisava esfregar a pia da cozinha.

Quando êle entrara, eram quase duas horas no antigo relógio de pesos do saguão. Já quase não podia manter os olhos abertos o suficiente para lavar as manchas da pia da cozinha. Descalçou os sapatos enlameados, despiu o cobre-tudo, tirou a camisa e as meias, começou a lavar. A água estava como gêlo, mas ainda assim não conseguiu espertá-lo. Sentia todo o corpo adormecente.

De manhã cedo voltaria ao pântano em seu carro; voltaria a vestir a mesma roupa, sem se importar com as manchas de lama e de sujeira. Contanto que não se vissem manchas de sangue... — nem na roupa, nem no corpo, nem nas mãos.

Pronto! Estava de novo limpo. Mãos limpas. Agora podia mover as pernas esquecidas, empurrar o corpo dormente pela escada acima e quarto a-dentro, cair na cama e dormir de mãos limpas.

Só depois que entrou no quarto e vestiu o pijama, foi que se lembrou de que nem tudo estava perfeito.

À mãe não regressara. Ainda vagueava Deus sabia onde, no meio da noite. Tinha de tornar a se vestir e sair: precisava descobri-la.

... precisava mesmo?

A idéia se lhe insinuou no cérebro, assim como a dormência se lhe insinuara nos sentidos — suave, lenta, no silêncio macio.

Por que se preocupar com a mãe, depois do que ela fizera? Talvez tivesse sido prêsa. Talvez já tivesse desembuchado tôda a história... E quem acreditaria? Não havia provas — *já não as havia*. Tudo o que êle tinha a fazer era negar. Talvez nem precisasse. Quem quer que visse sua mãe e lhe ouvisse a história desvairada, saberia que ela estava *louca*. Então a internariam... Interná-la-iam num lugar do qual ela não possuísse a chave e de onde não pudesse sair. Seria o fim.

Lembrava-se de que não fôra assim que se sentira no comêço da noite. Mas isso foi antes de precisar voltar para o banheiro, antes de entrar no *box* do chuveiro e dar de cara com aquelas... *coisas*.

A mãe lhe fizera aquilo. A mãe fizera aquilo à pobre moça desamparada. Apanhara uma faca de açougueiro, decepara-lhe a cabeça, dera-lhe talhos... Só uma louca poderia ter cometido tamanha atrocidade. Era preciso encarar os fatos. A mãe era louca. Merecia ser internada, devia ser internada — para segurança alheia e dela própria.

Se a apanhassem, tomaria providências para que a internassem.

Mas era mais provável que ela não se aproximasse da estrada. Mais provável ter ficado nas imediações da casa ou do quintal. Talvez o tivesse seguido até o pântano; quem sabe se não ficara a observá-lo todo o tempo? Naturalmente, se estivesse fora do juízo, tudo podia acontecer. Se ela tivesse ido ao pântano, talvez tivesse escorregado para dentro dêle. Não era nada impossível, com o escuro que fazia. Lembrava-se da maneira pela qual o carro se afundara.

Percebeu que o seu pensamento já não era claro. Sentia vagamente que estava deitado, que fazia muito tempo que estava deitado. Não estava realmente decidindo sobre o que faria, tampouco pensando na mãe, no paradeiro dela. Em vez disso, *observava-a*. Agora podia vê-la, conquanto igualmente sentisse uma dormência nos olhos e percebesse que as pálpebras se lhe iam fechando...

Podia ver a mãe... e ela estava no pântano. Era ah que ela estava! Tropeçara na escuridão da margem e não podia mais sair. A lama borbulhava em tórno dos joelhos dela, ela tentava agarrar um galho para subir no barranco, mas debalde. Os quadris afundavam no lodo, o vestido lhe grupava às virilhas. Aquilo era nojento. Não devia olhar.

Mas êle queria olhar, queria vê-la se afundar na mole escuridão aquosa e escorregadia. Ela o merecia: merecia afundar-se, merecia ir se juntar àquela pobre moça inocente. Tanto melhor! Dentro em pouco êle ficaria livre de ambas — da vítima e seu algoz; da mãe e da cadela — da mãe-cadela, afogada na lama asquerosa... Deixá-la que se afogasse na lama suja, borbulhante...

Atingira-lhe os seios... êle não gostava de pensar *nessas* coisas, nunca pensava nos seios dela, não devia pensar, e era bom que estavam desaparecendo, se afundando para sempre, e êle nunca mais pensaria nisso. Mas a podia ver respirando com dificuldade, o que também o fazia respirar com dificuldade; sentia sufocar-se junto com ela, e depois... (*era sonho, tinha que ser sonho!*) a mãe estava em pé no chão firme, à beira do pântano... e era êle que se afundava! Estava de lama até o pescoço e

ninguém o vinha salvar, socorrer — a ninguém se podia agarrar, a menos que a mãe lhe estendesse os braços. Só ela o poderia salvar! Êle não queria se afogar, não queria ficar sufocado, asfixiado na lama, não queria desaparecer do mesmo modo pelo qual a moça-cadela desapareceu. E se lembrava por quê ela estava ali: era porque fôra assassinada; e fôra assassinada por que representava o mal. Exibira-se diante dêle; deliberadamente o tentara com a perversidade da sua nudez. Êle próprio quis matá-la naquele mesmo instante, pois a mãe lhe ensinara o mal e os caminhos do mal, dizendo-lhe “não dei- xarás viver uma cadela”.

Assim pois, a mãe não fizera outra coisa senão o proteger e êle não podia vê-la morrer. Ela não errara. Agora precisava dela, e ela precisava dêle, e embora fôsse louca, não o deixaria se afundar. *Não podia deixar.*

A lama asquerosa fazia movimento de sucção em tôrno *de* sua garganta, beijava-lhe os lábios; se abrisse a bôca a engoliria. Mas precisava abri-la para gritar, e realmente gritava: — *Mãe! Mãe! salve-me!*

Então se viu fora do pântano, em sua cama, em seu lugar, o corpo encharcado, mas era suor. Agora sabia que fôra sonho, mesmo antes de ouvir a voz dela junto à cama.

— Não houve nada, meu filho. Estou aqui. Tudo está bem.

Sentiu a mão lhe acariciar a fronte — mão fria, como o suor que principiava a secar. Quis abrir os olhos, mas a ouviu:

— Não se preocupe, filho. Torne a dormir.

— Mas quero lhe dizer..

— Já sei. Vi tudo. Pensou que fugi, abandonando você? Fêz o que devia, Norman. Agora está tudo, bem.

Sim, devia ser assim. Ela estava ali para o proteger, e êle estava ali para a proteger. Antes de readormecer, havia decidido. Nenhum dos dois falaria a respeito do que houve naquela noite. Nem agora, nem nunca. Não pensou mais em interná-la. Não importava o que ela fizera: o lugar dela era ali, ao lado dêle. Talvez fôsse mesmo louca, e assassina — mas era tudo para êle. Tudo quanto desejava. Tudo o de que necessitava. E enquanto adormecia, bastava-lhe saber que ela estava a seu lado.

Virou-se e se engolfou numa escuridão ainda mais densa e mais absorvente que a do pântano.

Capítulo 6

NA SEXTA-FEIRA seguinte, às seis horas da manhã, aconteceu um milagre.

No quarto do fundo da única loja de ferragens de *Fairvale*, fêz-se ouvir *Impressões Brasileiras*, de Ottorino Respighi.

Fazia muitos anos que o compositor falecera, e a orquestra sinfônica — *l'Orchestre des Concerts Colonne* — tocava a milhares de quilômetros de distância.

Quando Sam Loomis ligou seu pequeno rádio de frequência modulada, a música brotou, anulando o espaço, o tempo, a própria morte.

Em sua opinião, isso era um autêntico milagre.

De repente pensou que gostaria de estar acompanhado. Os milagres devem ser partilhados com alguém. Também em *Fairvale* não havia ninguém que reconhecesse aquela música, nem o milagre que era ela ter chegado até ali. Os habitantes de *Fairvale* eram práticos. A música era apenas uma coisa que obtinham em troca de um níquel depositado na vitrola automática ou quando se ligava o receptor de televisão. Na maioria das vezes era *rock-and-roll*, mas de vez em quando lá vinha uma peça clássica, como aquêle *Guilherme Tell* que se costumava tocar nas fitas de *cowboy*. O que havia para admirar nesse Ottorino não-sei-do-quê... como era mesmo que se chamava?

Sam Loomis sacudiu os ombros, depois sorriu. Não se lamentava. Moradores de cidade pequena geralmente não gostam dêsse tipo de música, mas pelo menos consentiam em que êle a usufrísse. Do mesmo modo que também êle não mexia um dedo para lhes modificar o gôsto. O acordo era mútuo.

Pegou da prateleira o livro de contabilidade e o levou para a mesa da cozinha. A mesa se improvisava em escrivaninha, como êle se improvisava em guarda-livros. A tarefa lhe tomaria uma hora.

Era um dos inconvenientes de morar em um quarto nos fundos do armazém de ferragens. Não havia espaço disponível, e tudo tinha de ser improvisado. Aceitava a situação. Não seria para sempre — a julgar pelo rumo que as coisas tomavam.

Um rápido olhar pelos números pareceu-lhe confirmar o otimismo. Teria de fazer uma verificação nas despesas do inventário, mas era quase certo poder pagar outros mil dólares naquele mês. O que elevaria a três mil a totalidade dos pagamentos do semestre. E a época não era de grandes vendas. Com a entrada do outono o negócio retomaria alento.

Fazia contas em um retalho de papel. Sim, provavelmente liquidaria as dívidas. Sentiu-se aliviado. Mary também havia de sentir-se aliviada com a perspectiva.

Ultimamente Mary parecia triste. Era essa a impressão que suas cartas causavam. Isto é, quando havia cartas, pois ela já lhe devia algumas. Tomara a escrever a ela na última sexta-feira, e nada de resposta. Quem sabe estava doente. Não: se fôsse esse o caso, teria recebido um bilhete de Lila. Provavelmente era desânimo, alguma depressão. Não a censurava por isso. Fazia muito tempo que vinha trabalhando demais.

Ele também, naturalmente. Não era fácil viver daquele jeito. Mas era a única maneira. Ela compreendia; ela concordara em esperar.

Talvez ele devesse sair por alguns dias na semana entrante, deixando Summerfield à testa do negócio, e ir visitar Mary. Chegar inopinadamente, fazer-lhe uma surpresa, Por quê não? Os negócios andavam parados e Bob podia muito bem dirigir o armazém sozinho.

Suspirou. A música baixava em espirais de tom menor. Devia ser o tema do jardim das serpentes. Sim, reconhecia-o, com suas cordas resvalando, suas madeiras contorcendo-se acima do sonolento contra-baixo. Serpentes. Mary não gostava de serpentes. Provavelmente também não gostasse desse gênero de música.

Às vezes pensava *se* não teriam errado ao traçar o plano do seu futuro. Afinal de contas, que sabiam um do outro? Exceto o cruzeiro que fizeram juntos e os dois dias que Mary ali passara no ano anterior, não tinham tido outra convivência. Naturalmente, havia as cartas, mas talvez isso apenas servisse para piorar as coisas. Nelas, Sam descobrira uma outra Mary — moça cheia de venetas, de personalidade petulante, dada a preferências e repugnâncias fortes como preconceitos.

Sacudiu os ombros. Que é que estava sentindo? A morbidez da música? Doiam-lhe os músculos da nuca. Escutou com atenção, esforçando-se para isolar o instrumento, determinar com precisão a frase musical que desencadeara aquela reação. Havia algo errado, algo que êle intuía, algo que podia quase ouvir...

Levantou-se, empurrando para trás a cadeira.

Sim: ouvia. Era uma leve pancada na porta do armazém. Só isso, naturalmente; nada que o devesse preocupar. Alguém fazia girar a maçaneta da porta da frente.

O armazém estava fechado, as portas de aço descidas. Talvez fôsse algum viajante. Provavelmente. Seus conterrâneos sabiam quando êle fechava o armazém; igualmente sabiam que êle morava no quarto dos fundos. Se o precisassem vêr fora de horas, telefonariam antes, naturalmente.

Bom: negócio era negócio, fôsse lá quem fôsse o freguês. Voltou-se e se precipitou pelo corredor escuro. Agora, na porta da frente, podia ouvir, com tôda a nitidez, pancadas violentas — com efeito, até tilintar as caçarolas e panelas na prateleira de miudezas.

Devia ser urgente. Ou algum freguês precisando de lâmpada nova para o refletor Mickey Mouse do garôto?

Tateou o bôlso, achou o chaveiro.

Já vou indo, exclamou — já vou abrir.

E assim fêz com destreza, escancarando a porta sem tirar a chave da fechadura.

Ela estava em pé no limiar. Sua silhueta era posta em relêvo pela luz da calçada fronteira. Quando a reconheceu, Sam ficou paralizado; depois avançou e seus braços a enlaçaram.

— Mary!

E sua bôca procurou a dela. Mas a moça se endureceu, recuou, cerrou os punhos e começou a golpear-lhe o peito. Que era aquilo?

— Não sou Mary! exclamou ofegante — sou Lila!

— Lila? balbuciou Sam, dando um passo para trás. — A... irmã de Mary?

Sam então viu o rosto de perfil, os reflexos que a luz da lâmpada punha nos cabelos dela. Cabelos castanhos, mais claros que os de Mary. Agora via a diferença na forma arrebizada do nariz, no ângulo alto dos ossos faciais...

'Era também um pouquinho mais baixa, os quadris e os ombros ligeiramente mais estreitos.

— Desculpe, murmurou êle — foi a luz.

— Não tem importância.

A voz também era diferente: mais suave, mais baixa,

— Não quer entrar?

— Sim, disse ela hesitando, a olhar para baixo; e Sam viu então a valise na calçada.

— Vamos: deixe que a valise eu levo. Ao passar pelo corredor, acendeu a luz dos fundos. — Meu quarto é mais adiante. É por aqui.

Ela o seguiu em silêncio. Não num silêncio total, pois o poema musical de Respighi ainda enchia o ar. Ao entrarem na improvisada residência Sam fêz menção de desligar o rádio. Lila deu com a mão.

— Deixe, pediu — quero ver se reconheço a música. Villa Lobos?

— Respighi. Chama-se *Impressões Brasileiras*. Gravação da *Urânia*, me parece.

— Oh, não temos isso em nosso estoque.

E pela primeira vez êle se lembrou de que Lila trabalhava numa loja de discos.

— Quer continuar ouvindo ou prefere conversar? perguntou Sam.

— Desligue. Melhor conversarmos.

Êle sacudiu a cabeça, inclinou-se sôbre o aparelho, depois a encarou:

— Sente-se, pediu-lhe — tire o casaco.

— Obrigada. Não pretendo me demorar. Preciso procurar um quarto.

— Veio de visita?

— Só por esta noite. Talvez vá embora amanhã cedo. E não se trata propriamente de uma visita. Vim à procura de Mary.

— À procura de... — e Sam a olhou espantado. — E que viria ela fazer aqui?

— Pensava que você podia me dizer...

— Dizer, como? Mary não está aqui!

— Mas estêve? Logo no princípio da semana?

— Claro que não. Não a vi mais, desde que estêve aqui no verão passado,

Sam se deixou cair sentado no sofá-cama.

— Que aconteceu, Lila? Que história é essa? — Eu também gostaria de saber...

Lila desviou o olhar dos olhos dêle, baixou os cílios e fitou as mãos. Estas se lhe contorciam no regaço — como serpentes. À luz mais viva, Sam reparou que seus cabelos eram quase louros. Agora não se parecia absolutamente com a irmã. Era uma garôta muito diferente — uma garôta nervosa e infeliz.

— Por favor, pediu Sam — diga o que há.

Lila ergueu subitamente o olhar, os olhos côm de avelã, atentos, perscrutando-o.

— Não mentiu quando disse que Mary não estêve aqui?

— Não. Eu disse a verdade. Estas últimas semanas não tenho tido notícias dela. Já começava a ficar apreensivo. E agora você chega de repente e... — Sam explodiu... conte o que há!

— Muito bem: acredito no que diz. Mas não há muito o que contar.

Lila respirou profundamente e recomeçou a falar, enquanto as mãos se lhe moviam inquietas no colo.

— Ontem fêz uma semana que vi Mary no apartamento.

Foi na noite em que saí para *Dallas*, para visitar alguns fornecedores. Sou eu que faço tôdas as compras para a loja.

Passei fora o fim-de-semana e domingo à noite tomei o trem de volta. Segunda-feira cedo, quando me levantei, não vi Mary no apartamento. A princípio isso não me preocupou: talvez ela tivesse saído mais cedo para o trabalho. Mas geralmente ela me telefonava no correr do dia. Como não o fizesse, lá pelo meio-dia telefonei para o escritório. Mr. Lowery respondeu. Disse que estava se preparando para me chamar, a fim de saber o que tinha havido. Mary não comparecera ao trabalho. Não soubera mais dela, desde a sexta-feira à tarde.

— Espere um pouco, disse Sam, devagar. — Deixe-me compreender bem isso. Quer dizer que já faz uma semana que Mary está desaparecida?

— Receio que sim.

— Então por que não me avisaram antes?

Levantou-se, sentindo se renovar a tensão nos músculos da nuca, sentindo-a na garganta e na própria voz.

— Por quê não procurou entrar em contacto comigo? E a Polícia?

— Sam, eu...

— Em vez disso ficou todo êsse tempo à espera e agora vem aqui me perguntar se a vi. Não tem sentido.

— Nada tem sentido. A Polícia ainda não sabe. E Mr. Lowery nem sabe que você existe. Depois do que êle me falou, concordei em não dar parte à Polícia. Mas fiquei tão apreensiva, tão assustada, que precisei investigar. Foi por isso que vim aqui, proceder a indagações por minha própria conta. Pensei que talvez vocês dois tivessem planejado a coisa juntos.

— Planejado o quê? gritou Sam.

— É isso o que eu gostaria de saber...

A voz era suave, mas nenhuma suavidade havia no rosto do homem que estava de pé na porta. Alto, magro, profundamente tisonado. Um chapéu Stetson côm de cinza sombreava-lhe a frente, não porém os olhos. Êstes eram azul gêlo, e, como gêlo, duros.

— Quem é o senhor? inquiriu Sam — Como entrou aqui?

— A porta da frente estava aberta e entrei. Venho fazer algumas indagações, mas verifico que Miss Crane já me levou vantagem. Agora talvez o sr. tenha uma resposta a dar a nós dois.

— Resposta?

— Isso mesmo.

E o homem alto avançou, uma das mãos enfiada no bôlso da jaqueta côm de cinza. Sam ergueu o braço, depois o deixou cair, enquanto o homem tirava a mão do bôlso e lhe estendia uma carteira que subitamente lhe exibiu,

— Meu nome é Arbogast. Milton Arbogast. Investigador licenciado, representante da Paridade Mútua. Temos uma apólice de seguro da Agência Lowery, onde sua amiguinha trabalhava. Foi por isso que vim. Quero saber o que vocês dois fizeram com aquêles quarenta mil dólares.

Capítulo 7

O STETSON côr de cinza estava agora em cima da mesa, e a jaqueta cinzenta pendurada nas costas de uma cadeira de Sam. Arbogast apagou seu terceiro cigarro no cinzeiro e imediatamente acendeu outro.

— Muito bem, disse êle — o sr. não saiu de *Fairvale* em tôda a última semana. Acredito, Loomis. O sr. sabe que é melhor não mentir. Aliás, ser-me-ia fácil verificar a veracidade da história.

O investigador puxou uma lenta baforada.

— Mas isto não prova que Mary não tenha vindo visitá-lo. Podia ter vindo aqui uma noite destas, exatamente como sua irmã veio hoje.

Sam suspirou.

— Mas não veio. Olhe aqui: o sr. acaba de ouvir o que Lila disse. Faz várias semanas que nada sei de Mary. Escrevi-lhe na última sexta-feira — no mesmo dia em que se supõe que ela tenha desaparecido. Por que faria eu uma coisa dessas, se tinha a certeza de que ela viria aqui?

— Para despistar, naturalmente. Foi um ato muito inteligente — e Arbogast soltou uma violenta baforada.

Sam coçou a nuca.

— Não sou inteligente assim. Absolutamente. Nada sabia a respeito do dinheiro. Segundo o sr. explicou, nem o próprio mr. Lowery sabia com antecedência que alguém ia levar-lhe ao escritório quarenta mil dólares em dinheiro na tarde de sexta-feira. Mary também decerto não sabia. Como podíamos ter combinado um plano?

— Ora, ela podia ter chamado por algum telefone público, logo que se apossou do dinheiro; na sexta-feira à noite, digamos, e disse ao sr. que lhe escrevesse.

— Verifique isso com a companhia telefônica daqui, respondeu Sam, com um ar cansado. — Ficaré sabendo que há um mês não tenho feito chamados interurbanos.

Arbogast abanou a cabeça.

— Quer dizer que ela não telefonou. Veio diretamente, contou-lhe o que acontecera e combinou encontrá-lo mais tarde, quando a coisa esfriasse...

Lila mordeu os lábios.

— Minha irmã não é uma criminosa, o sr. não tem o direito de falar assim. Não há provas de que ela se tenha apossado do dinheiro. Quem sabe se o próprio Mr. Lowery foi depositá-lo. Quem sabe inventou toda essa história para despistar...

— Desculpe, disse Arbogast — compreendo os seus sentimentos, mas êstes não servem de pretexto. A menos que o ladrão seja encontrado, julgado e condenado, a nossa companhia não paga a apólice de seguro — e Lowery perderia os quarenta mil. Em consequência, que proveito êle teria com êsse estratagema? Não só isso, mas a sra. está menosprezando os fatos. Mary desapareceu. Está desaparecida desde a tarde em que recebeu o dinheiro. Não o levou ao banco. Não o escondeu no apartamento. Mas o dinheiro sumiu. E o carro dela sumiu. Ela também sumiu.

Mais um cigarro se acabou e foi enterrado no cinzeiro.

— Tudo combina!

Lila começou a soluçar baixinho.

— Não, não combina. O sr. me devia ter ouvido quando eu quis chamar a Polícia. Em vez disso, consenti em que o sr. e mr. Lowery me fizessem calar. O sr. disse que não queria dar o alarme e que, se esperássemos, talvez Mary resolvesse devolver o dinheiro. O sr. não quis acreditar no que eu dizia, mas agora sei que eu tinha razão. Mary não roubou o dinheiro. Alguém a raptou. Alguém que estava a par da história...

Arbogast encolheu os ombros, depois se ergueu devagar e se dirigiu para a moça. Deu-lhe uma pancadinha no ombro:

— Escute aqui, miss Crane: já examinamos tudo isso antes; lembra-se? Ninguém sabia o caso do dinheiro. Sua irmã não foi raptada. Foi para casa, fêz as malas, saiu no seu próprio carro e estava sozinha. A senhorita não a viu sair? Então? Seja razoável!

— Estou sendo razoável! O sr. é que faz confusão! Imagine: seguir-me até aqui para inquirir mr. Loomis...

O investigador abanou a cabeça.

— Que a leva a pensar que a segui? perguntou tranquilamente.

— Então como é que hoje de noite se encontra aqui? O sr. não sabia que Mary e Sam Loomis eram noivos. Exceto eu, ninguém mais sabia. O sr. nem ao menos sabia da existência de Sam!

Arbogast tornou a abanar a cabeça.

— Sabia, sim. Lembre-se: lá no apartamento, quando dei a batida na escrivaninha de sua irmã, topei com êste envelope...

E o investigador o agitou no ar.

— Ué! Está endereçado a mim! murmurou Sam, levantando-se para apanhá-lo.

Arbogast retirou a mão.

— Não precisará disto; não tem carta dentro — é apenas o envelope. Mas pode me servir, por trazer a letra dela.

Fêz uma pausa.

— Tenho, com efeito, me servido dêle, desde a manhã de quarta-feira, quando saí para cá.

— Foi na quarta-feira que o sr. veio para cá? indagou Lila, dando pancadinhas nos olhos com o lenço.

— Isso mesmo. Não vim no seu encalço, Miss, mas à sua frente. O endereço do envelope me deu a pista. Isso, mais o retrato de Loomis na moldura, junto à cama de sua irmã. “*Com todo o meu amor — Sam*”. Foi fácil estabelecer a ligação. Em consequência decidi me colocar no lugar de sua irmã. Acabo de me apoderar de quarenta mil dólares em dinheiro. Tenho de sair da cidade, e depressa. Para onde ir? Para o Canadá, o México, as índias Ocidentais? Muito arriscado. Além disso, não tive tempo de fazer planos de longo alcance. O meu impulso natural teria sido vir diretamente procurar o namorado...

Sam deu um murro tão forte na mesa da cozinha, que os tocos de cigarro saltaram para fora do cinzeiro.

— Já chega! bradou êle — o sr. não tem direito de fazer essas acusações. Até aqui ainda não apresentou sequer uma prova do que acaba de dizer!

Arbogast apalpou o bôlso, à procura de mais um cigarro.

— Quer uma prova, não é? O que acha que andei fazendo na estrada desde quarta-feira de manhã? Foi quando achei o carro.

— Achou o carro de minha irmã? exclamou Lila, levantando-se.

— Claro! Tive um palpite engraçado: que uma das primeiras coisas que ela faria seria encostar o carro. Procurei todos os revendedores e alugadores de carros de segunda mão, dando a descrição do dela e o

número da chapa. Valeu a pena. Não demorou muito, encontrei. Exibi ao sujeito minhas credenciais e êle desembuxou. Depressinha! Parecia que o carro lhe queimava as mãos. Não refutei o que êle disse. Mary Crane fechara o negócio às pressas, na noite de sexta-feira, um pouco antes de se fechar a casa. Teve um bruto prejuízo na troca. Obtive tôdas as informações e uma completa descrição da lata velha em que ela saiu. Dirigiu-se para o norte. Eu também me dirigi para o norte. Eu não podia andar muito depressa. Tinha um palpite: de que ela aderiria à estrada, de vez que se dirigia para cá. Talvez que na primeira noite guiasse em linha reta. Durante oito horas, eu também guiei em linha reta. Depois fiquei um tempo enorme rodando em tórno da cidade de *Oklahoma*, inspecionando motéis da estrada e postos de carros para alugar. Imaginei que ela podia trocar de carro, para se sentir mais segura. Mas qual! Quarta-feira cheguei até *Tulsa*. A mesma rotina, os mesmos resultados. Só hoje de manhã foi que achei a agulha no palheiro. Outro pôsto de carros para alugar, outro revendedor, exatamente ao norte dali. Ela fêz a segunda troca na manhã do último sábado: apanhou outra lata velha e acabou num Plymouth azul de 1953, com o para-choque dianteiro amassado.

Arbogast tirou do bôlso um livro de notas. Está tudo aqui — o branco no preto. A marca, o número do motor — tudo. Os dois revendedores mandaram fazer cópias fotostáticas de tudo e as remeterão para meu escritório. Mas agora isso já não tem importância. O importante é saber que Mary Crane se dirigia para o norte ao sair de *Tulsa*, tomando pela estrada principal no sábado de manhã, após ter trocado de carro duas vêzes nas últimas dezesseis horas. Na minha opinião, era êste o lugar a que ela queria chegar. E a menos que tivesse acontecido qualquer coisa inesperada — um enguiço do carro, talvez um acidente — ela devia ter chegado aqui no sábado à noite.

— Não chegou, afirmou Sam. — Não a vi. Olhe: posso arranjar uma prova, se a desejar. Na noite do último sábado eu estava no Salão da Legião, jogando baralho. Há muitas testemunhas. No domingo de manhã fui à igreja. À tarde jantei no...

Arbogast levantou a mão pachorrenta.

— O.K., compreendo o que quer dizer. Não a viu. Logo, deve ter acontecido alguma coisa. Vou voltar a procurar.

— E que diz da Polícia? consultou Lila. Continuo achando que o sr. deve dirigir-se à Polícia. E umedeceu os lábios. — Suponha-se que tivesse havido um acidente. Não seria possível investigar todos os hospitais entre *Fairvale* e *Tulsa*. É igualmente possível ela ter perdido os sentidos em alguma paragem. Pode até...

Desta vez foi Sam quem lhe bateu no ombro.

— Tolice, murmurou — se tivesse acontecido algo assim, já nos teriam avisado. Mary está indene. E por sobre os ombros de Lila olhou para o investigador. — O sr. não pode fazer tudo sozinho, disse. — Lila está muito certa. Por que não dar parte à Polícia? Dar parte do desaparecimento de Mary. Quem sabe a Polícia poderá localizá-la.

Arbogast apanhou o Stetson cor de cinza.

— Confesso que até agora tomei pelo caminho mais difícil. Pois se pudermos localizá-la sem para isso apelar para as autoridades, pouparíamos ao nosso cliente e à companhia uma enxurrada de má publicidade. Não só isso, mas também poderíamos poupar muito aborrecimento a Mary Crane, caso nós mesmos a encontremos e recuperemos o dinheiro. Quem sabe se até evitaríamos o processo. Devem concordar em que vale a pena o esforço.

— Mas se o sr. tem razão, e se Mary chegou até aqui, então por que ela não me veio ver? É isso o que eu estranho, tanto quanto o senhor, insistiu Sam. — E não vou aguardar muito tempo para descobrir.

— Quer esperar mais vinte e quatro horas? propôs Arbogast.

— Em que está pensando?

— Em continuar a investigação, conforme disse. — E Arbogast espichou a mão, para impedir qualquer objeção de Sam. — Nada de refazer todo o caminho até *Tulsa*; confesso que isso é impossível. Mas eu gostaria de farejar um pouco esta zona — visitar os restaurantes da estrada, os postos de gasolina, os revendedores de carros, os motéis... Talvez alguém a tenha visto. Pois continuo considerando bom o meu palpite. A intenção dela era vir para cá. Talvez mudasse de idéia depois que chegou, e continuasse a rodar. Mas eu gostaria de averiguar isso.

— E se nada descobrir nas próximas vinte e quatro horas?

— Então ficaremos quites: darei parte à Polícia e iniciaremos as buscas de rotina, referentes a Pessoas Desaparecidos. O.K.?

Sam fitou Lila.

— Que acha? perguntou.

— Não sei. Estou tão_ apreensiva que não posso pensar. Sam, decida você — e Lila suspirou.

Sam acenou com a cabeça para Arbogast.

— Muito bem. Fica combinado. Mas desde já fique certo: se nada acontecer até amanhã, e se o sr. não notificar à Polícia, eu notificarei.

Arbogast vestiu o paletó.

— Acho que vou arranjar um quarto no hotel. E a sra., miss Crane?

Lila olhou para Sam.

— Irei com ela daqui a pouco, respondeu Sam. — Primeiro pensei em comer alguma coisa. Mas tomarei conta dela. Amanhã estaremos aqui. Ficaremos à sua espera.

Pela primeira vez naquela noite Arbogast sorriu. Não era um sorriso que pudesse concorrer com o da Gioconda, mas em todo caso era um sorriso.

— Acredito em vocês, declarou êle. — Desculpem se os apertei, mas tive de investigar. Sacudiu a cabeça para Lila:

— Vamos tratar de descobrir o paradeiro de sua irmã. Não fique apreensiva.

Em seguida saiu. Muito antes que a porta da frente se fechasse por trás dêle, Lila começou a soluçar, encostada ao ombro de Sam. Sua voz era um gemido abafado.

— Sam, tenho medo... alguma coisa aconteceu a Mary... eu sei que aconteceu!

— Tudo está bem, consolou-a êle, lamentando não haver palavras melhores, porque nunca havia palavras melhores do que essas para responder ao medo, à mágoa e à solidão. — Tudo está bem, acredite.

Ela porém recuou de súbito e escancarou os olhos lacrimosos. Quando pôde falar, a voz saiu-lhe consumida, mas firme:

— Por que hei-de acreditar em você, Sam? perguntou suavemente. — Há alguma razão? Alguma razão que você não disse ao investigador? Sam, Mary esteve aqui? Você sabia dessa história, sabia alguma coisa a respeito do dinheiro?

Êle sacudiu negativamente a cabeça.

— Não. Não sabia. Tem que acreditar em minha palavra, Lila. Assim como eu tenho que acreditar na sua.

Ela virou as costas e encarou a parede.

— Acho que você tem razão, disse. — Mary podia ter procurado qualquer um de nós dois no decorrer da semana. E não o fez. Confio em você, Sam. Mas é tão difícil a gente acreditar em alguma coisa, quando a nossa própria irmã nos saiu uma... uma...

— Calma, atalhou Sam. — Agora você precisa é de algum alimento e de descanso. Amanhã as coisas não estarão tão prêtas...

— Pensa *realmente* assim, Sam?

— Penso, sim.

Era a primeira vez que êle mentia a uma mulher.

Capítulo 8

O AMANHÃ se transformara em hoje, sábado, e para Sam era o tempo da espera.

Ao redor das nove horas telefonou do armazém para Lila, já de pé e almoçada. Arbogast não estava: devia ter saído muito cedo, mas deixara no andar térreo um bilhete para Lila, dizendo pretender procurá-la durante o dia.

— Por quê não vem me fazer companhia? sugeriu-lhe Sam, ao telefone.

— Não tem propósito ficar fechada aí no quarto. Venha, e almoçaremos juntos. Depois iremos ao hotel, perguntar se Arbogast nos procurou. Melhor ainda: pedirei à telefonista que transfira para o armazém todos os telefonemas dirigidos a você.

Lila concordou e Sam ficou mais aliviado. Não queria que ela ficasse sozinha, mormente naquele dia. Era-lhe fácil ficar obcecada com Mary; Deus sabia que êle próprio não vivera outra coisa a noite tôda.

Esforçara-se para repelir a idéia, mas reconheceu que a teoria de Arbogast era muito lógica. Mary devia ter planejado visitá-lo depois que se apossou do dinheiro. Isto é, se na verdade o furtara...

E essa era a pior parte: aceitar Mary como ladra. Mary não era dessa laia de mulher. Tudo quanto sabia a respeito dela o refutava.

Mas, afinal, até que ponto realmente conhecia Mary Crane? Ainda na véspera refletira sôbre o insuficiente conhecimento que tinha da sua prometida. Conhecia-a tão mal que tomara Lila por ela à luz frouxa do corredor...

Engraçado, pensava Sam, como acreditamos conhecer completamente uma pessoa, só porque a vemos algumas vêzes ou porque nos sentimos ligados a ela por um elo emotivo. Ali mesmo em *Fairvale* havia exemplos: Tomkins, por exemplo, muito tempo superintendente escolar, e grande Rotariano, mas abandonou a família por uma garôta de dezesseis anos!

Quem poderia jamais prever uma coisa dessas? Ou prever que Mike Fisher, o maior devasso e jogador desta parte do Estado, iria morrer deixando tudo o que possuía para o Orfanato Presbiteriano? Ou que Bob Summerfield, seu empregado no armazém, ali trabalhara mais de um ano, antes que ele soubesse que o mesmo fôra expulso do serviço militar, por ter tentado rebentar o crânio do capelão com a coronha da pistola... Naturalmente, agora nada tinha a censurar a Bob: sujeito assim bondoso e caladão não se encontraria nem numa centena de anos. Entretanto, também fôra bondoso e caladão no Exército, até que alguma coisa o pôs fora dos eixos. E ninguém reparara antes. Excelentes senhoras de idade de repente se desfaziam dos maridos após vinte anos de felicidade conjugal; humildes empregadinhos de banco súbito levantavam acampamento, causando prejuízos de milhares de dólares... com efeito, quem podia prever os acontecimentos futuros?

Talvez Mary tivesse mesmo furtado aquêlo dinheiro. Talvez estivesse cansada de esperar que ele acabasse de pagar as dívidas, e fôsse subjugada pela repentina tentação.

Quem sabe pensara em trazer o dinheiro ali, inventar uma história, fazer com que ele o aceitasse... Talvez fizesse planos de fugirem juntos. Tinha de confessar honestamente essa possibilidade e até a probabilidade dêsse desfêcho.

Admitido isso, restava-lhe encarar ainda outra questão: por que ela não viera? Para onde poderia ter se encaminhado ao deixar as vizinhanças de *Tulsa*?

Uma vez iniciada a cogitação sôbre êsse assunto, considerado que realmente ninguém sabia como funciona o cérebro de outra pessoa, então a gente se vê diante da última alternativa: tudo era possível. A resolução de dar um salto alucinado até Las Vegas; um súbito impulso de levar sumiço e encetar vida nova sob um nome suposto; um ataque traumático de culpa, resultando em amnésia...

Mas já ele transformava o caso em um caso federal, pensava Sam, com os seus botões; ou um caso clínico. Se se perdesse nesses altos raciocínios teria de admitir mil e uma alternativas. Que Mary sofrerá um acidente, conforme Lila receava; ou que fôra surpreendida por alguém que lhe pediu carona e que...

Tornou a repelir a idéia. Não podia continuar. Já bastava guardá-la para si, sem o acréscimo de ainda precisar escondê-la de Lila. Cabia-lhe, naquela altura, animar a moça. Havia sempre a débil esperança de que Arbogast

encontrasse uma pista. Se não encontrasse, êle, Sam, recorreria às autoridades. E só então permitiria a si próprio pensar o pior sôbre as coisas.

E falar no conhecimento que se tem de outras pessoas, quando a gente nem a si própria se conhece. Êle nunca suspeitara que pudesse algum dia alimentar tamanha dúvida e desconfiança com referência a Mary. Entretanto, com que facilidade adotara essa atitude. Não era justo. O menos que podia fazer, para expiar sua falta, era esconder da irmã suas suspeitas.

A menos que ela também pensasse a mesma coisa...

Mas Lila parecia mais animada, aquela manhã. Vestira um costume leve, e quando entrou no armazém, foi com passo elástico.

Sam, a apresentou a Bob Summerfield, depois a levou para almoçar. Inevitavelmente ela começou a falar a respeito de Mary e do que Arbogast estaria fazendo àquela hora. Sam respondia lacônicamente, procurando manter em um nível de indiferença as respostas e o tom de voz. Depois do almôço foi ao hotel e combinou a transferência para o armazém de qualquer chamado dirigido a Lila durante a tarde.

Depois ambos regressaram para a loja de ferragens. O dia estava bonito para um sábadô, e a maior parte do tempo Sam pôde ficar conversando com a moça no quarto dos fundos. Summerfield atendia os freguêses, e só eventualmente Sam tinha de pedir licença e ir atender pessoalmente certos assuntos.

Dir-se-ia que Lila estava descansada e sentia-se à vontade. Ligou o rádio e escolheu um programa sinfônico, que se pôs a escutar, aparentemente absorvida. Sam a encontrou sentada ali ao voltar de uma das idas ao armazém.

— É o *Concerto para Orquestra*, de Bartok; não é?

Ela ergueu o olhar, sorridente.

— Ê sim. Engraçado: como você conhece música!

— Estranha que isso possa acontecer? Lembra-se de que estamos no século da alta-fidelidade. Morar em cidade pequena não significa a gente não se interessar por música, livros, arte em geral. E tempo não me falta. Lila ajeitou a gola da blusa.

— Talvez eu é que esteja atrasada. O que acho engraçado não é o seu interêsse por essas coisas, mas o fato de você também ser dono de um armazém de ferragens. Parece que as duas coisas não combinam.

— Ora, que há de errado no negócio de ferragens?

— Não quis dizer isso. Mas a coisa me parece...ora!...tão trivial!

Sam sentou-se junto à mesa. De repente se abaixou e apanhou um objeto do chão. Era uma coisa miúda, pontuda, reluzente.

— Trivial, repetiu com um eco — Talvez seja, segundo o ângulo pelo qual se olha. Por exemplo: que é isto que tenho na mão?

— Um prego; não é?

— Exatamente: um prego. Vendo-os às carradas. Centenas de quilos por ano. Meu pai já vendia. Aposto que vendemos umas dez toneladas de pregos neste armazém, desde o dia em que abrimos as portas. Pregos de todos os comprimentos, de todos os tamanhos — simples pregos ordinários. E não há um só que seja trivial, desde que se pense na significação dêle. Todos servem a um propósito importante e duradouro. Talvez a metade das casas de madeira de *Fairvale* tenham sido construídas com pregos vendidos neste armazém. Talvez seja bobagem; mas quando saio a passear pela cidade, tenho a sensação de que ajudei a construí-la. As ferramentas que vendi deram forma e acabamento às tábuas. Furneci as tintas com que se pintaram as casas, os pincéis que as aplicaram; as portas e as telas de proteção, o vidro das vidraças...

Ai se intarrompeu e riu um tanto convencido:

— Atenção ao Mestre Construtor! Mas... fora de brincadeira, é isso mesmo. Tudo neste negócio faz sentido, por servir a uma necessidade que faz parte da vida. Até um simples prego, como êste, cumpre uma função. Crave-o num lugar decisivo, e pode confiar em que êle fará sua parte e continuará a fazê-la muitíssimos anos no futuro. Até depois que nós ambos estejamos mortos e enterrados.

Nem bem proferiu essas palavras, sentiu-se arrependido de as dizer. Mas era tarde. Viu o sorriso desaparecer dos lábios dela.

— Sam, estou apreensiva. São quase quatro horas e Arbogast não chamou...

— Êle vai chamar. Tenha paciência; dê-lhe tempo.

— Não aguento mais! Você falou em vinte e quatro horas... e que depois iria dar parte à Polícia.

— Disse e confirmo. Mas o prazo só termina às oito da noite. E continuo dizendo que talvez não seja preciso dar parte... Talvez Arbogast tenha razão.

— Talvez! Sam, quero saber!

Tornou a alisar a blusa, mas sua testa continuou franzida.

— Não pense que me enganou com essa história de pregos. Está tão nervoso como eu, não está?

— Sim, creio que sim.

E Sam se pôs em pé, balançando os braços.

— Não sei por quê Arbogast não chamou até agora. Não há na zona muitos lugares que justifiquem uma investigação. Nem que êle tivesse parado em cada banca de cachorro- quente, ou em cada motel do distrito! Se até à hora da ceia êle não aparecer irei eu mesmo procurar Jud Chambers!

— Quem?

— Jud Chambers. É o xerife local. *Fairvale* é a séde do distrito.

— Sam... eu...

O telefone chamou no interior do armazém. Sam desapareceu sem esperar que ela terminasse a sentença. Bob Summerfield já estava atendendo.

— É para você, disse o empregado.

Sam tomou o fone, olhou por cima do ombro para ver se Lila o acompanhara.

— Alô... aqui é Sam Loomis..

— Aqui é Arbogast. Você deve estar apreensivo com a minha demora.

— Estamos. Lila e eu estávamos esperando que o sr. chamasse. Que foi que descobriu?

Houve uma breve pausa, quase imperceptível. E em seguida:

— Nada por enquanto.

— Por enquanto? Onde estêve todo o dia?

— Onde é que não estive?... Fiz a cobertura de tôda a zona, de uma a outra ponta. Agora estou em *Parnassus*.

— Fica nos confins do distrito, não é? Que diz da estrada?

— Percorri-a inteirinha. Dizem que posso voltar por outro caminho — por uma variante.

— Sim, tem razão. A estrada velha é agora um ramal distrital. Mas em tôda ela não há nada. Nem sequer um pôsto de gasolina.

— Um sujeito aqui no restaurante diz que há um motel, mais para trás.

— Oh... isso me lembra... parece que há mesmo. O velho sítio de Bates. Não sabia que ainda funcionava. Não é provável encontrar alguma coisa por lá.

— Bem, é o último da lista. Como estou voltando, darei um pulo até lá. Como vai você?

— Bem.

— E A garôta?

Sun baixou a voz.

— Quer que notifique imediatamente as autoridades. Acho que tem razão. Depois do que o sr. me disse, acho que tem razão.

— Quer esperar até que eu chegue?

— Quanto tempo leva?

— Talvez uma hora. A menos que eu tope com alguma coisa nesse motel.

Arbogast fêz uma pausa.

— Olhe aqui, vamos fazer um trato. Estou disposto a continuar pesquisando. Só lhe peço que espere pelo meu regresso. Iremos juntos à Polícia. Será muito mais fácil obter cooperação, eu indo junto. Você sabe como é a lei de uma cidade pequena. No mesmo instante em que se desliga um chamado interurbano, eles apertam o botão do pânico.

— Damos-lhe uma hora, disse Sam — e ficamos à sua espera no armazém.

Pôs o fone no gancho e se voltou para sair.

— Que disse êle? perguntou Lila — descobriu alguma coisa?

— Ainda não... mas ainda não terminou. Há outro lugar onde pretende ir...

— Só mais um?

— Não fale assim. Talvez aí descubra alguma coisa. Se não, estará de volta dentro de uma hora. Então procuraremos o xerife. Você ouviu o que eu disse a êle?

— Está bem. Vamos esperar. Você disse uma hora...

Não foi uma hora agradável. Sam sentiu-se quase grato quando os fregueses, na segunda parte da tarde, se avolumaram e êle teve um pretexto para ir ajudar Bob a atendê-los. Já não podia fingir-se alegre, nem puxar conversa miúda. Nem com Lila, nem com êle mesmo.

Porque agora começava a perceber.

Acontecera alguma coisa.

Acontecera alguma coisa a Mary.

Alguma coisa...

— Sam!

Depois de despachar um freguês, afastava-se da caixa registradora, quando deu de cara com Lila. Esta saíra do quarto dos fundos e apontava para o seu relógio de pulso.

— Sam, a hora terminou!

— Já sei. Concedamos mais alguns minutos, sim? Primeiro preciso fechar o armazém.

— Mas apenas alguns minutos. Por favor! Se soubesse como estou!

— Acredite que sei.

E apertou o braço da moça, forçando um sorriso.

— Não se preocupe: êle chegará de um momento para outro.

Arbogast não chegou.

Sam e Summerfield despacharam o último retardatário às cinco e meia. Sam conferiu a caixa e Summerfield cobriu os balcões para a noite.

Arbogast continuava ausente.

Summerfield apagou as luzes, preparou-se para sair. Sam se aprontava para fechar a porta.

Nada de Arbogast.

— Agora vamos, disse Lila — Se você não fôr, eu v...

— Ouça! gritou Sam. — É o telefone.

E logo em seguida:

— Alô!

— Aqui é Arbogast.

— Onde está? Prometeu que...

— Esqueça isso.

A voz do investigador era baixa, as palavras se precipitavam.

— Estou aqui no motel, e só tenho um minuto. Queria dizer por quê não apareci. Escute: encontrei uma pista. Sua garôta esteve aqui. Na noite do último sábado.

— Mary? Tem certeza?

— Sim. Examinei o Livro de Registro e pude comparar a letra do envelope com a assinatura dela no Livro de Hóspedes. Naturalmente, ela usou um nome suposto: Jane Wilson; e deu enderêço errado. Tenho de arranjar uma licença do tribunal para tirar uma cópia fotostática do livro de registro, para o caso de me exigirem uma prova.

— Que mais descobriu?

— A descrição do carro combina, e também a descrição da garôta. O proprietário deu-me informações.

— E como conseguiu que êle desse?

— Mostrei-lhe meu distintivo e desfiei a história do carro roubado, Ficou todo nervoso. Ê um sujeito esquisito. Chama-se Norman Bates. Conhece-o?

— Não; creio que não.

— Disse que a garôta chegou no sábado, mais ou menos às seis da tarde. Pagou adiantado. Chovia e era a única hóspede. Diz que ela se levantou bem cedo no dia seguinte, antes que êle descesse para abrir o estabelecimento. Êle mora com a mãe, numa casa por detrás do motel.

— Acha que êle não mentiu?

— Ainda não sei.

— Que quer dizer com isso?

— Bem, apertei-o um pouco, quando aludi ao carro e ao resto. E êle deixou escapar que convidara a garôta a ir cear com êle naquela casa por detrás do motel. Disse que era só isso e que a mãe podia confirmar.

— Falou com ela?

Não, mas vou falar. Está em casa, no quarto dela. Mo quis fazer-me desistir, dizendo que ela é muito doente e não pode ver ninguém, más eu a vi sentada à janela do quarto. Observava-me quando cheguei. Disse-lhe que precisava ter uma conversa com a velha — quisesse êle ou não quisesse.

— Mas o sr. não tem autorização...

— Olhe aqui: você sabe o que aconteceu com a garôta, não é? E o sujeito do motel não sabe nada sôbre a autorização exigida para se dar início a uma busca. O fato é que êle correu para casa e disse à mãe que se aprontasse. Enquanto êle está lá, liguei para você. Fique firme aí até eu acabar a investigação por aqui. Até logo.

O receptor deu um estalido e cortou-se a ligação. Sam pendurou o fone, virou-se para Lila e relatou-lhe a conversa.

— Agora, sente-se melhor?

— Sim. Mas queria saber.. .

— Espere mais um pouco e havemos de saber. Agora esperemos. Ê o que nos resta.

Capítulo 9

TARDE, do sábado. Norman fêz a barba. Fazia-a apenas uma vez por semana, sempre no sábado.

Não gostava de fazer a barba por causa do espelho e suas linhas ondulantes. Todos os espelhos têm linhas ondulantes que atrapalham a vista.

Talvez seus olhos é que estavam em mau estado. Sim, era isso, pois quando menino, bem que gostava de se olhar no espelho. Gostava de ficar em frente do espelho grande, nu em pêlo. Certa vez a mãe o surpreendeu e deu-lhe uma pancada na cabeça com a grande escôva de cabelo, de cabo de prata. Deu com fôrça e doeu muito. A mãe lhe dissera que aquilo era muito feio — olhar-se no espelho daquele jeito.

Ainda se lembrava de como lhe doera e como a cabeça ficou latejando. Daí em diante sentia dor de cabeça cada vez que se olhava a um espelho. Finalmente a mãe o levou a um oculista e o oculista disse que êle precisava de óculos. Os óculos ajudaram, mas êle continuava a ter dificuldade em ver com clareza quando olhava em espelho. Deixou de olhar, e só o fazia quando era impossível evitá-lo. A mãe tinha razão. Era feio a gente estar a se olhar todo nu, sem nenhum agasalho; espreitar a própria banha, os braços curtos e desprovidos de pêlos, a barriga grande e, logo abaixo...

Quando se olhava ao espelho, queria ser outra pessoa. Uma pessoa como seu tio Joe Considine — alto, esbelto, bonito...

— Não é o homem mais bonito que você já viu? costumava a mãe perguntar-lhe.

Sim, era verdade. Mas continuava a odiar o tio Joe Considine, apesar da sua beleza. Gostaria que a mãe não insistisse em o chamar de "tio Joe", pois êle não era nenhum parente: era apenas um amigo que costumava fazer visitas à sua mãe. Fê-la construir o motel depois que ela vendeu o sítio.

Isso era de estranhar. A mãe sempre falava mal dos homens — de "seu-pai-que-fugiu-e-me-abandonou" — mas o tio Joe Considine fazia dela o que

queria. Que bom se êle fôsse assim, e também fôsse bonito como o tio Joe Considine!

Oh, não! Impossível! Tio Joe estava morto.

Piscou os olhos diante de sua imagem refletida no espelho. Engraçado: como se esquecera! Devia fazer quase vinte anos. Naturalmente, o tempo é relativo. Isso disse Einstein, e Einstein não fôra o primeiro a descobrir. Os antigos também sabiam, e o mesmo acontecia com alguns místicos modernos, tais como Aleister Crowley e Ouspensky. Tinha lido todos êles, tinha até alguns livros dêles. A mãe não aprovava: dizia que essas coisas eram contrárias à religião, mas êsse não era o verdadeiro motivo. Quando lia êsses livros, deixava de ser o filhinho dela... Ficava adulto, se transformava num homem que estudava os segredos do tempo o do espaço, da dimensão e do ser.

Era como se fôsse duas pessoas — a criança e o adulto. Quando pensava na mãe voltava a ser criança, usava vocabulário de criança, pontos de referência de criança e suas reações emotivas eram infantis. Mas quando era êle mesmo — não, em verdade, por si mesmo, mas afundado num livro — era homem maduro. Suficientemente maduro para compreender que talvez fôsse vítima de uma forma benigna de esquizofrenia, de uma provável neurose latente.

Concedido: a situação não era das mais saudáveis... Ser filhinho de mamãe tinha seus inconvenientes. Por outro lado, enquanto conhecesse os perigos, podia lutar contra êles e contra a mãe. Sorte dela era êle saber *quando* ser homem; saber igualmente alguma coisa de psicologia e também de parapsicologia.

Teve sorte quando morreu o tio Joe Considine; tomou a tê-la na semana passada, quando apareceu aquela garôta.

Não tivesse agido como adulto, e a mãe estaria agora numa trapalhada!

Passou o dedo pelo fio da navalha. Estava afiada, muito afiada. Cuidado para não se cortar! Sim, e teria de escondê-la quando acabasse de fazer a barba, escondê-la num lugar onde a mãe não a pudesse descobrir. Não podia deixar ao alcance da mãe uma coisa assim afiada. Razão por que êle mesmo cozinhava e lavava a louça. A mãe ainda gostava de limpeza — o quarto dela era limpo como o que há de mais limpo — mas era êle quem se encarregava da cozinha. Não que a mãe lhe tivesse ordenado alguma coisa diretamente: êle apenas se encarregou — eis tudo.

Ela nunca reclamou, e êle tinha prazer nisso. Fazia uma semana que a moça viera, e nenhum dos dois aludira ao assunto. Teria sido embaraçante para ambos. A mãe devia ter percebido, pois parecia evitá-lo deliberadamente. Passava a maior parte do tempo em repouso no quarto e não tinha grande coisa a dizer. Talvez a consciência a atormentasse.

E assim devia ser. Terrível, um assassinio. Mesmo que não se esteja bom de juízo, sabe-se que é. A mãe devia estar sofrendo um bocado...

Talvez uma catarse a ajudasse... Mas Norman estava contente porque ela não dissera nada. Êle também sofria. E não era a consciência que o atormentava — era o medo.

Esperou, tôda a semana, que alguma coisa saísse fora dos eixos. Acometiam-no freqüentes sobressaltos. Cada vez que parava um carro na entrada do motel. Até mesmo a sua simples passagem pela estrada velha era bastante para o deixar nervoso.

No domingo passado, naturalmente, terminara a “limpeza” da margem do pântano. Fôra para lá em seu carro e enchera o reboque de lenha. Quando acabou, viu que não deixara nenhum vestígio suspeito. Um dos brincos da garôta também fôra atirado ao pântano. O outro não aparecera. Norman se sentia razoavelmente seguro.

Mas, quinta-feira, à noite, quando a Polícia Rodoviária Estadual parou defronte à aléia, êle quase desmaiou. O oficial queria apenas usar o telefone. Logo após, Norman pôde rir de si mesmo, mas àquela hora, não foi brincadeira.

A mãe estava sentada à janela do quarto e foi bom que o oficial não a visse. Ela ficara muito tempo à janela na semana passada. Talvez estivesse preocupada com os possíveis visitantes. Norman lhe quis dizer que não ficasse tão à vista das pessoas, mas êle não sabia explicar a razão disso. Da mesma forma que não podia discutir com ela a razão pela qual não lhe permitia descer ao motel e ajudar a dirigi-lo. Apenas manejou para que ela não aparecesse. O lugar dela era lá na casa. Não podia confiar na mãe diante de estranhos — nunca mais poderia. E quanto menos a conhecessem, tanto melhor. Êle não devia ter contado nada àquela garôta...

Acabou de se barbear e tornou a lavar as mãos. Notou que isto lhe era compulsório, principalmente desde o início da semana passada. Sentimento de culpa. Como Lady Macbeth. Shakespeare sabia um bocado de psicologia! E sabia ainda outras coisas. Coisas que diziam respeito a fantasmas ... Por exemplo, o fantasma do pai de Hamlet...

Agora não tinha tempo de pensar nisso. Precisava descer ao motel e o abrir.

Fizera algum negócio durante a semana. Não muito. Nunca estavam ocupados mais do que três ou quatro aposentos por noite, e isso era bom. Significava que não teria de alugar o quarto Número Seis. Era o da garôta.

Pensava em nunca mais alugá-lo. Estava farto daquelas coisas de mirone e de espionagem através da fresta na parede. Foi essa a causa de tôda a desgraça. Não tivesse espreitado, não tivesse bebido...

Agora não adiantava lamentar.

Enxugou as mãos e se afastou do espelho. Esquecer o passado; deixar que os mortos enterrassem os mortos... As coisas iam indo bem, e era só isso que devia lembrar. A mãe se comportava muito em ordem, êle também, e estavam juntos como sempre estiveram. Passara-se uma semana tôda sem a menor dificuldade, e de agora em diante assim continuaria. Principalmente se êle se firmasse na resolução de agir como adulto e não como criança, “filhinho da mamãe”... Bom; sôbre êsse assunto, estava decidido.

Acertou a gravata e saiu do banheiro. A mãe estava no quarto, olhando para fora da janela. Êle pensou se devia dizer alguma coisa a ela... Não, melhor não. Podiam discutir, e êle ainda não estava pronto para enfrentá-la. Que olhasse, se isso lhe aprazia. Pobre velha doente, acorrentada àquela casa... Deixá-la olhar enquanto o mundo murchava...

Naturalmente, era a criança que falava agora. Mas estava disposto a fazer essa concessão, mesmo quando se comportasse como adulto — adulto ajuizado. Pelo menos enquanto deixasse trancadas as portas do andar térreo, cada vez que se ausentasse.

O que lhe trouxe essa nova sensação de segurança foi trazer as portas trancadas a chave durante tôda a última semana. Igualmente pegara as chaves que estavam com ela — as da casa e as do motel. Quando êle saía, ela ficava trancada. Ela ficava em segurança dentro de casa e êle ficava em segurança dentro do motel. Enquanto conservasse tais cautelas não se repetiria o que houve. Afinal de contas, era para o próprio bem dela. Melhor em casa do que num manicômio...

Desceu a aléia e chegou ao escritório no mesmo instante em que o caminhão da lavanderia encostava para a entrega semanal. Tinha tudo pronto para o entregador. Recebeu a roupa lavada e deu-lhe a servida. A

lavanderia também se encarregava dos lençóis e das fronhas. Isso simplificava as coisas. Hoje em dia não era problema dirigir um motel.

Quando o caminhão partiu, êle entrou e fêz limpeza no quarto Quatro, desocupado por uns vendedores do *Illinois* que haviam partido cedo. Havia tocos de cigarro na beira da pia e uma revista no chão, perto do assento sanitário. Riu-se ao apanhá-la. Ciência-ficção! Oh, se êles soubessem!

Não sabiam. Nunca saberiam. Nunca deviam saber. Enquanto se acautelasse contra a mãe, não correria nenhum risco. Tinha de protegê-la, tinha de proteger ainda outras pessoas. O episódio da semana passada o comprovava. De agora em diante seria superlativamente cauteloso. Por causa dos estranhos.

Voltou para o escritório, guardou a roupa lavada. Havia suficiente para todos os quartos. Estava pronto para o movimento do dia — se é que haveria algum.

Nada ainda aconteceu. Até cêrca das quatro horas. Norman ficou olhando a estrada lá fora, caceteado, irritadiço. Sentia-se inclinado a tomar um trago, mas se lembrou do que prometera a si próprio. Nada de bebida. Isso fazia parte da desgraça, quando a desgraça acontecia. Não podia beber. Nem uma gota. A bebida matara tio Joe Considine. A bebida levara, indiretamente, ao assassinio da garôta. Por isso, do agora em diante, não beberia. Entretanto, só agora, podia tomar um trago... Um só...

Hesitava ainda quando aquele carro entrou na aléia. Placa de *Alabama*. Um casal de meia idade desceu e entrou no escritório. O homem era calvo e tinha óculos grossos, de aros escuros. A mulher era gorda. Transpirava. Norman lhes mostrou o Número Um, no outro canto: dez dólares, quarto de casal. A mulher se queixou de que estava abafado — numa voz estridente e arrastada — mas pareceu satisfeita quando Norman ligou o ventilador. O homem trouxe as malas e assinou o Livro de Hóspedes. *Mr. e Mrs. Herman Pritzler, Birmingham, Ala.* Simples turistas. Não trariam qualquer dificuldade.

Norman sentou-se e folheava a revista de ficção científica encontrada no banheiro. Havia pouca luz: devia ser cinco horas. Acendeu a lâmpada.

Outro carro rodou aléia acima, um homem sòzinho, guiando. Talvez mais um caixeiro-viajante. Buick verde, placa do *Texas*.

Placa do Texas! A garôta viera do *Texas!*

Norman continuou atrás do balcão. O homem saiu do carro. Êle ouviu o ranger dos passos no cascalho, acompanhou o ritmo com o palpitar abafado

do seu próprio coração.

Simples coincidência, dizia a si mesmo. Todos os dias vem gente do Texas. E o Alabama ainda fica mais longe.

O homem entrou. Era alto e magro, e usava um dêsse chapéus Stetson côm de cinza, cujas abas largas lhe ensombravam a parte superior do rosto, tisonado, com cerrado irromper de barba.

— Boa tarde, cumprimentou, sem arrastar demasiado as palavras,

— Boa tarde, respondeu Norman, trocando lerdamente os pés em baixo do balcão.

— É o dono disto aqui?

— Sim senhor. Quer um quarto?

— Não é bem isso. Estou à procura de informações.

— Prazer em ajudá-lo, se puder. Que deseja saber?

— Estou tentando localizar uma garôta.

As mãos de Norman se crisparam. Não as podia sentir porque estavam dormentes. Êle todo estava dormente. Seu coração já não palpitava — parecia ter parado de bater. Tudo estava muito quieto. Que horror se êle gritasse.

O sobrenome é Crane, continuou o homem. — Mary Crane, natural de *Fort Worth, Texas*. É possível que tenha passado por aqui.

Norman já não queria gritar. Queria rir. Sentiu o coração retomar ação *normal* Era fácil responder.

— Não, disse êle. — Aqui não esteve ninguém com êsse nome.

— Tem certeza?

— Absoluta. O movimento tem sido fraco, ultimamente, e eu tenho boa memória para freguêses.

— Esta garôta teria estado aqui na semana passada. Na noite do último sábado, ou no domingo, digamos.

— Aqui não veio ninguém no fim da semana. O tempo estava péssimo.

— Tem certeza? A garôta — diria melhor, a mulher — tem mais ou menos vinte e sete anos. Um metro e sessenta e cinco, pesa 65 quilos, aproximadamente, cabelo escuro, olhos azuis. Guiava um sedan Plymouth, azul Tudor, com pára-choques afundado no lado direito. O número da licença é...

Norman já não escutava. Por quê dissera que não havia estado ninguém lá? A descrição que o homem fazia era correta, o homem conhecia-a

perfeitamente. Mas ainda assim não podia provar que ela estivera ali, uma vez que Norman negasse. E êle tinha de continuar negando...

— Não; acho que não lhe posso dar ajuda.

— Essa descrição não calha em alguém que esteve aqui na semana passada? É bem provável que tivesse assinado outro nome no Registro de Hóspedes. Se me deixasse examiná-lo um minutinho...

Norman pôs a mão em cima do Registro e sacudiu a cabeça:

— Desculpe, mister; não posso consentir.

— Quem sabe se isto não o fará mudar de idéia...

E o homem enfiou a mão no bôlso de dentro do paletó, e Norman teve a súbita impressão de que êle ia oferecer-lhe dinheiro. A carteira surgiu, mas o homem não sacou de dentro

nenhuma nota. Abriu-a de chôfre, para que Norman pudesse ler:

— Milton Arbogast. Investigador da Paridade Mútua.

— Ê detetive?

— Sim, e estou em serviço, mr. ...

— Norman Bates.

— Mr. Bates. A Companhia deseja que eu localize essa garôta e muito apreciarei a sua cooperação. Naturalmente, se recusa deixar examinar o Registro de Hóspedes, terei de recorrer às autoridades locais. Creio que o sr. sabe disso.

Norman não sabia, mas tinha certeza de uma coisa: nenhuma autoridade local devia aparecer por ali. Hesitou, a mão ainda espalmada em cima do Registro:

— Que história é essa? perguntou — que fêz essa garôta?

— Carro furtado.

— Oh! exclamou Norman, com certo alívio. Receara que fôsse alguma coisa mais séria, por exemplo, que a garôta tivesse desaparecido, ou que a procurassem por algo mais grave... Nesse caso seria preciso uma investigação de verdade. Mas, por um carro roubado, principalmente por uma lata velha como aquela...

— Está bem: às suas ordens. — Eu só queria saber se tinha uma razão válida... Tirou a mão de cima do Registro.

Arbogast não se apossou imediatamente do Registro. Tirou primeiro um envelope do bôlso e o colocou em cima do balcão. Depois pegou o Registro, voltou-o para si e foi seguindo com o polegar a lista das assinaturas.

Norman observava o movimento daquele polegar, viu-o parar subitamente, resolutamente...

— Parece-me que disse não ter recebido nenhum hóspede no sábado passado ou no domingo...

— Sim, não me lembro de nenhum. Isto é, podia ter vindo um, talvez dois, mas o movimento foi pequeno.

— E esta, aqui? Esta Jane Wilson, de *San Antonio*? Assinou o livro no sábado de noite!

— Oh,... agora me lembro, tem razão. — As pancadas recomeçaram dentro do peito de Norman. Agora sabia ter errado quando fingiu não reconhecer a descrição que o investigador fizera da garôta, mas era tarde. Como explicar isso, para não despertar suspeitas no detetive? Que iria êste dizer?

Naquele momento não dizia nada. Apanhara o envelope e colocara-o junto da página do Registro, comparando as letras — notara Norman — por isso é que tirara o envelope do bôlso: a letra era *dela*! Agora êle ia saber. Já sabia!

Norman percebeu que assim era no momento em que o detetive levantou a cabeça e se pôs a olhá-lo. Agora via, bem de perto, a sombra lançada pela aba do chapéu. Via os olhos frios — olhos de quem *sabia*.

— A moça é essa, não há dúvida. A letra é dela.

— Será mesmo? Tem certeza?

— Tanta certeza, que vou mandar tirar uma cópia fotostática, mesmo que para isso seja necessária uma ordem do Tribunal... Mas posso fazer muito mais, caso você não queira contar a verdade. Por quê mentiu, dizendo que não tinha visto essa garôta?

— Não menti. Foi esquecimento. ..

— Entretanto *disse que* tinha boa memória...

— Sim; de um modo geral. Só é que...

— Prove que a tem! Arbogast o encarou, acendendo um cigarro. — Se já não sabe, fique sabendo: roubo de carro é delito federal. Não gostaria de ser envolvido como cúmplice; gostaria?

— Envolvido? Como poderia ser envolvido? Uma garôta chega, pede um quarto, passa a noite aqui, vai-se embora na manhã seguinte... Como poderia eu ficar envolvido?

— Pela recusa em fornecer informações.

E Arbogast exalou a primeira baforada. — Vamos lá: vá dizendo. Viu a garôta. Como era ela?

— Creio que era exatamente como o sr. a descreveu. Chovia a cântaros quando ela chegou. Eu estava ocupado. Para falar a verdade, não a olhei segunda vez. Deixei-a assinar o Registro, dei-lhe uma chave, e foi só.

— Que disse ela? Sôbre o que conversaram?

— Suponho que sôbre o tempo. Não me lembro.

— Ela parecia de algum modo inquieta? Não notou qualquer coisa que lhe despertasse suspeitas?

— Nada. Absolutamente nada. Era para mim como outra qualquer turista.

— Está bem, disse Arbogast, esmagando a ponta do cigarro no cinzeiro.

— Quer dizer que não lhe fêz nenhuma

impressão? Por um lado, não lhe despertou a menor suspeita. Por outro, não lhe despertou nenhuma simpatia... isto é, você não sentiu a menor emoção em presença dela...

— Claro que não.

Arbogast se inclinou casualmente para frente.

— Então, por quê pretendeu servir-lhe de capa, fingindo nem saber que ela estivera aqui?

— Não pretendi! Apenas me esqueci de dizer. Palavra de honra!

Norman percebeu que estava numa armadilha, mas êle não iria mais longe.

— Que pretende o sr. insinuar? Julga que a ajudei a roubar o carro?

— Ninguém o acusa de coisa alguma, mr. Bates. Quero apenas obter tôdas as informações. Disse que ela aqui veio sozinha?

— Sozinha. Alugou um quarto e partiu na manhã seguinte. Deve agora estar a alguns milhares de quilômetros daqui...

— Ê provável. E Arbogast sorriu. — Mas vamos um pouco mais devagar; concorda? Talvez você ainda se lembre de mais alguma coisa. Ela partiu desacompanhada; não foi? A que horas, disse?

— Não sei. Estava dormindo lá em cima na casa; era domingo de manhã.

— Então realmente não sabe se ela estava desacompanhada quando partiu, não é?

— Não posso provar — se é *isso* o que o sr. quer dizer.

— E durante a noite? Ela não teria recebido visitas?

- Não.
- Está certo?
- Absolutamente certo.
- Alguém mais a teria visto, naquela *noite*?
- Ela foi o único hóspede.
- E você estava sozinho no escritório?
- Sim.
- E ela ficou no quarto?
- Sim.
- A noite toda? Nem saiu para fazer algum chamado telefônico?
- Claro que não.
- Quer dizer que você era o único a saber que ela estava aqui?
- Já lhe disse isso.
- E a velha? a garôta chegou a vê-la?
- Que velha?
- A velha da casa lá em cima, atrás do motel.

O coração de Norman recomeçou a dar murros; era como se quisesse saltar do peito. Ia dizer, “aqui não há velha nenhuma”, porém Arbogast continuava a falar.

- Ela estava à janela quando cheguei. Quem é?
- Minha mãe. (precisou confessar; não havia outra saída). E explicou:
- Ela está muito fraca. Já não pode vir até aqui.
- Não viu a garôta?
- Não. Está doente. Ficou no quarto enquanto ceáv...

E a coisa lhe escapou, sem mais aquela. Arbogast fizera as perguntas muito depressa; fizera-o de propósito, para o deixar atarantado; e quando aludiu a sua mãe, aí, sim, o apanhou desprevenido. Êle só pensava em protegê-la; e eis que agora...

Arbogast deixou de inquirir ao acaso:

- Ceou lá em cima com Mary Crane?
- Só café e sanduíches. Pensei que lhe dissera. Não houve nada. O sr. imagine: ela perguntou onde poderia comer qualquer coisa, e eu respondi “*Fairvale*”, que fica a uma distância de quase trinta quilômetros... Chovia... Eu então a levei para minha casa. Foi só isso.
- Sobre o que conversaram?
- Sobre coisa nenhuma. Já lhe disse que mamãe está doente e nós não a queríamos incomodar. Passou doente a semana inteira. Acho que é isso

que está me transtornando, fazendo-me esquecer as coisas... Como por exemplo a moça e a ceia em companhia dela. Simples esquecimento.

— Não haverá mais alguma coisa que esqueceu? Por exemplo, você e a garôta voltando para cá, dando início a alguma brincadeira...

— Não! Absolutamente! Como pode o sr. dizer uma coisa dessas? Eu... eu já nem quero mais falar com o senhor! Já lhe disse tudo quanto o sr. queria saber. Agora saia! Fora daqui!

— Muito bem — e Arbogast puxou para baixo a aba do Stetson. — Já vou indo. Mas primeiro gostaria de dizer uma palavrinha à sua mãe. Talvez ela tivesse visto alguma coisa que você esqueceu.

— Digo-lhe que nem ao menos ela viu a garôta! E Norman caminhou para a frente do balcão. — Além disso, não é possível falar com ela. Está muito doente. O coração dava-lhe socos dentro do peito e êle teve de gritar mais forte do que os socos para ser ouvido: — Proíbo-lhe vê-la!

— Nesse caso, voltarei com uma autorização para realizar diligência. O homem era um fanfarrão. Agora Norman percebia-o.

— Mas isso é ridículo! Ninguém lha daria! Quem ia acreditar que roubei um carro velho?

Arbogast acendeu outro cigarro, atirou o fósforo no cinzeiro. ..

— Receio que não esteja entendendo, murmurou, quase com doçura. — Não se trata absolutamente do carro, apenas. É que essa garôta — Mary Crane — roubou quarenta mil dólares em dinheiro de uma firma de corretagem de *Fort Worth*...

— Quarenta mil...

— Isso mesmo. E sumiu com o dinheiro. Como vê, é negócio muito sério. Razão por quê é importante tôda e qualquer informação que eu possa obter. Razão por quê volto a insistir em falar com sua mãe. Com ou sem permissão sua.

— Mas já lhe disse que ela não sabe de nada, que está doente, que está muitíssimo doente...

— Prometo não aludir a qualquer coisa que a possa perturbar — e Arbogast fêz uma pausa. — Mas se prefere que eu venha aqui com o xerife e uma licença para...

— Não. E Norman sacudiu muito a cabeça, no aceno negativo. — Não deve fazer isso.

Hesitava, mas agora já não havia razão para hesitar. Quarenta mil dólares! Não admirava que o detetive fizesse tantas perguntas. Claro, êle

podia arranjar uma licença, não adiantava fazer cena..-. Não só isso, mas havia também aquele casal de Alabama para atrapalhar. Não tinha outra saída, absolutamente nenhuma outra saída.

— Está bem. Pode ir falar com ela. Mas permita que eu vá na frente, preveni-la. Não quero que chegue de supetão o a deixe nervosa.

Andou até à porta. — Espere aqui, para o caso de chegar alguém

— O.K. Arbogast confirmou com um aceno de cabeça, enquanto Norman se precipitava para a aléia.

A subida do morro não era lá essas coisas, mas Norman pensou que nunca a terminaria. Seu coração estrondava como naquela noite, e agora era como naquela noite — nada mudara. Não importa o que se faça, a verdade é que não se pode fugir de qualquer coisa que se faça. Não se pode fugir — nem se comportando como bom menino, nem se comportando como adulto. Não adiantava — porque êle era O que era, e *isso* não bastava. Não bastava para salvá-lo, não bastava para salvar a mãe. Se pudesse receber alguma ajuda, só poderia ser dela.

Abriu a porta da frente, subiu a escada e entrou no quarto. Pretendia explicar-lhe calmamente, mas quando a viu sentada junto da janela, não pôde se conter. Tremeu e soluços lhe irromperam o peito — que terríveis soluços! — e êle pôs a cabeça no colo da mãe e principiou a falar.

— Está bem, disse a velha, sem surpêsa. — Vamos cuidar d'isso.

— Mãe... se a sra. falasse com êle... um minuto que fôsse... Se lhe dissesse que não sabe nada... talvez êle fosse embora.

— Mas voltaria. Quarenta mil dólares é muito dinheiro. Por quê você não me contou isso?

— Não sabia. Juro que não sabia!

— Acredito. Mas êle não acredita. Não acredita em você não acreditará em mim. Talvez pense que estamos todos conluídos. Ou que demos sumiço na garôta, para ficar com o dinheiro. Está vendo como é?

— Mãe... E Norman cerrou os olhos, sem poder fitá-la.

— Que pensa fazer?

— Vou me vestir. Devo estar pronta para esperar a visita dêle. Vou apenas apanhar alguns objetos no banheiro. Volte e diga a mr. Arbogast que suba.

— Não. Não posso. Não o trarei aqui. Não o trarei, pois a sra. vai...

E não pôde dizer nada mais nem fazer o menor movimento, Queria desmaiar, *mas nem isso o salvaria* do que estava para suceder.

Dentro em pouco mr. Arbogast se cansaria de esperar. Encaminhar-se-ia para a casa, bateria à porta, abri-la-ia e entraria. E quando entrasse...

— Mãe, escute aqui!

Ela já não lhe dava ouvidos: estava no banheiro, vestia-se, maquiava-se, aprontava-se. *Estava, se aprontando.*

E de repente deslisou para fora, vestindo o seu lindo vestido cheio de folhos. O rosto coberto de pó-de-arroz, *rouge* nas faces, — bonita como uma pintura. Ao começar descer a escada, sorria.

A meio caminho, *ouviu* baterem à porta.

A coisa começava a acontecer. Mr. Arbogast chegara. Norman quis gritar por êle, advertí-lo... mas havia qualquer coisa fechando-lhe a garganta. Só pôde ouvir a mãe gritando jovialmente:

— Já vou! Já vou! Um minuto só!

Com efeito, foi apenas um minuto.

A mãe abriu a porta e mr. Arbogast entrou. Olhou para ela, depois abriu a boca para dizer alguma *coisa*. *E ao* fazê-lo, ergueu a cabeça, e era só o que ela esperava: estendeu o braço e um objeto brilhante lampejou para frente e para trás, para frente e para trás...

Feria-lhe os olhos, e Norman não quis olhar. Não precisava olhar: já sabia o que era aquilo.

A mãe descobrira a sua navalha...

Capítulo 10

NORMAN sorriu para o sr. idoso e disse:

— Aqui está a sua chave. São dez dólares pelos dois.

A mulher do sr. idoso abriu a bolsa:

— Tenho o dinheiro aqui, Homer.

E pôs uma nota no balcão, fazendo a Norman um sinal com a cabeça. Mas repentinamente deixou de acenar, seus olhos se estreitaram e ela perguntou:

— Que tem? Não está bom?

— Não... é isso... Creio que estou um pouco fatigado. Logo estarei melhor. Agora vou fechar.

— Tão cedo? Pensei que os motéis estivessem sempre abertos. Principalmente nos sábados à noite.

— Aqui o movimento não é muito grande. Além disso, são quase dez horas.

Quase dez horas. Já fazia quase quatro horas. Meu Deus!

— Compreendo. Então, boa noite.

— Boa noite.

O casal se fôra, e êle podia enfim sair de trás do balcão, apagar a luz do letreiro na fachada e fechar o escritório. Mas primeiro ia tomar um trago, um grande trago — precisava beber. Não tinha importância êle beber ou não beber. Que importava isso agora? Tudo fíndara. Tudo fíndara... ou quem sabe se estava apenas começando?

Já tomara vários tragos. Tomara uma dose logo que voltou ao motel, cêrca de seis horas, e então foi tomando uma dose por hora. Se não tomasse, como seria capaz de aguentar? Como seria capaz de estar ali, sabendo o que havia na casa lá em cima, em baixo do tapete do vestíbulo. Foi ali que o deixara, sem qualquer outra mudança. Apenas revirara as pontas do tapete para cobrir. O sangue fôra abundante, mas ainda assim não encharcara a

cobertura. Além disso, que mais poderia êle ter feito naquela hora? Quê mais, com dia claro? Agora, naturalmente, precisava voltar. Dera à mãe ordens rigorosas para que não tocasse em coisa alguma, e sabia que ela obedeceria. Coisa estranha: depois do que fizera, tornara a ficar prostrada. Parecia ter coragem para qualquer coisa (era a fase maníaca, segundo os psiquiatras); mas uma vez acabada, afrouxava e era êle que tinha de tomar providências. Dissera-lhe que voltasse para o quarto e não se deixasse ver à janela. Que ficasse deitada até que êle voltasse. E trancar a porta à chave.

Agora, porém, precisava ir abri-la.

Norman fechou o escritório e saiu. O Buick estava ali — o Buick de mr. Arbogast, estacionado onde o dono o deixara.

Não seria maravilhoso se êle pudesse entrar no carro e ir-se embora dali? Para bem longe... Nunca mais voltar... Para longe do motel, da mãe, daquela coisa que jazia debaixo do tapete no vestibulo...

A tentação o dominou, irresistível. Mas um momento, apenas. Depois se acalmou. Sacudiu os ombros. Não adiantava fugir; sabia-o... Não podia ir longe bastante a ponto de se sentir em segurança. Não só isso, mas *aquela coisa* estava à espera, à espera dêle...

Olhou acima e abaixo, na estrada. Depois olhou no Número Um e no Número Dois, para verificar se as venezianas estavam descidas. Entrou no carro de Arbogast e tirou do bôlso as chaves que encontrara no bôlso dêle. Guiou subida acima em direção à casa, rodando bem devagar.

As luzes estavam apagadas. Tôdas. A mãe dormia. Talvez só fingisse dormir. Que lhe importava isso? Que continuasse ausente enquanto êle providenciava. Não a queria ali, a lhe dizer, ou a fazê-lo sentir, que êle ainda não passava de um menino. Tinha pela frente uma tarefa de homem. De adulto.

Com efeito, era preciso um homem adulto para enrolar o cobertor e levantá-lo com o que estava dentro. Desceu a ficada com *aquilo* e colocou no assento traseiro do carro. Não errara ao pensar que *aquilo* não pingava. Êsses tapetes Velhos eram tão absorventes! Atravessou o campo, chegou ao pântano, costeou a margem até sair numa clareira. Não era aconselhável afundar esse carro no *mesmo* lugar onde afundara o outro. Êste ponto estava ótimo e Norman pôs em prática o método anterior, De certo modo, era até muito fácil. *A prática leva à perfeição.*

Mas aquilo não era assunto para brincadeira; pelo menos enquanto, sentado no *toco* de uma árvore, esperava o carro afundar. Desta vez foi pior.

Dir-se-ia que o Buick, por ser mais pesado, afundaria mais depressa. Mas levou um milhão do anos. Até que enfim, *plop!*

Acabou-se para sempre. Exatamente como a garôta e os quarenta mil dólares. Onde estariam êstes? Não na bolsa, nem na valise. Talvez na sacola de noite, ou em algum lugar do carro. Devia ter olhado — isso é o que devia ter feito. Mas êle não se achava em condições de dar uma busca, nem mesmo se soubesse que o dinheiro estava lá. Se o tivesse encontrado, era impossível imaginar o que teria acontecido. Teria provavelmente confessado, quando o detetive o interrogou. Sempre se confessa, quando se tem a consciência suja. Mas tinha de ser grato ao menos por uma coisa: não era responsável por nada daquilo. Sim — estava ciente do que dignificava ser cúmplice; por outro lado, era-lhe preciso proteger a mãe, isto igualmente significava proteger-se a si próprio, mas em verdade era na mãe que êle pensava.

Norman voltou a pé, andando lentamente pelo campo. No dia seguinte precisaria tomar a vir com o carro e o reboque, isto é, refazer o mesmo caminho. Isto porém não tinha a Importância de um outro assunto.

Tratava-se de vigiar a mãe.

Já pensara em tudo e agora tinha de enfrentar os fatos.

Alguém devia aparecer ali, fazer indagações a respeito do detetive.

Era simplesmente razoável que assim fôsse. A Companhia — qualquer coisa Mútua — da qual era empregado, não deixaria de investigar. Provavelmente mantinha contacto com êle, ou recebia informações sôbre êle durante a semana. E, não havia dúvida: os donos do dinheiro deviam estar interessados. Todo o mundo se interessa por quarenta mil dólares.

Assim pois, mais cedo ou mais tarde, haveria perguntas a responder. Passar-se-iam alguns dias, talvez uma semana, tal como acontecera à moça. Êle porém previa o que estava para acontecer. E desta vez não seria apanhado desprevenido.

Já pensara em tudo. Fôsse quem fôsse que se apresentasse, a história a contar seria perfeitamente lógica. Ia aprendê-la de cor, ensaiá-la, para não haver falhas, como hoje à *noite*. Ninguém o deixaria nervoso ou atarantado — desde que soubesse com antecedência o que devia esperar. Já começara a planejar exatamente o que diria quando chegasse a ocasião.

A moça se hospedara no motel, sim. Confessá-lo-ia imediatamente, mas, como era natural, não suspeitara de nada enquanto ela estava ali. De nada suspeitara, até que mr. Arbogast chegou, uma semana depois. A moça

passara a noite ali, depois partira. Não tinha havido conversa alguma, nem cearam juntos na casa da ladeira.

O que haveria de dizer, era que contara tudo a mr. Arbogast, e que o único trecho que pareceu lhe interessar foi quando relatou ter a moça perguntado a que distância ficava *Chicago* e se poderia percorrê-la em um dia só.

Foi *isso* o que despertou o interesse de mr. Arbogast. Êste lhe agradecera muito, entrara no carro e partira. Ponto final! não — não tinha a menor idéia sobre a direção que tomara. Mr. Arbogast não lhe dissera. Partiu — eis tudo. Que horas eram? Um pouco depois da ceia. Sábado.

Pronto: nada mais que uma simples exposição de fatos. Sem pormenores específicos, sem nenhuma complexidade capaz de provocar suspeitas. Uma ladra passara por ali, em fuga, e em seguida desaparecera. Uma semana depois, um detetive seguiu-lhe a pista, pediu e recebeu informações e partiu. Sinto muito, cavalheiro, mas é tudo quanto sei.

Poderia contar a história dêsse jeito — contá-la com tôda calma e fluência desta vez, pois já não teria de se preocupar com a mãe.

Ela já não espicharia o olhar pela janela. Em verdade, não estaria em casa. Mesmo que ali viessem munidos de uma das tais licenças de investigação, não haveriam de encontrá-la.

Esta, sim, era a melhor proteção. Proteção para ela, proteção para êle. Tomara uma decisão e ia tomar providências para que se cumprisse. Não tinha sentido esperar até à manhã seguinte.

Caso raro: agora que tudo terminou, sentia-se confiante. Não acontecia como da outra vez, quando ficara reduzido a cacos e precisava tanto da presença da mãe na casa. Agora, ao contrário, queria que ela não estivesse lá. E tinha coragem suficiente para, de uma vez por tôdas, dizer-lhe exatamente isso.

Subiu a escada no escuro e foi diretamente para o quarto dela, e acendeu a luz. A mãe estava deitada, naturalmente. Apenas não dormia; não dormia, absolutamente; fazia-se de doente.

— Norman, pelo amor de Deus, onde estêve? Fiquei tão apreensiva...

— A sra. bem sabe onde estive, mãe. Não finja.

— Vai tudo bem?

— Claro! E respirou profundamente. — Mãe, vou lhe pedir que não durma neste quarto durante mais ou menos uma semana...

— E daí?

— Repito: peço à sra. que não durma neste quarto durante uma semana mais ou menos.

— Perdeu o juízo? Meu quarto é êste!

— Eu sei. Não estou pedindo que o deixe para sempre. Apenas temporariamente.

— Mas por que cargas d'água...

— Por favor, mãe: escute e faça por compreender. Hoje tivemos uma visita.

— É preciso aludir a isso?

— É preciso, por enquanto. Pois mais cedo ou mais tarde alguém virá indagar do paradeiro dêle. Direi que chegou e partiu.

— Naturalmente, filho: é isso o que você dirá. E o caso estará encerrado.

— Talvez. Espero que sim. Mas não quero me arriscar. Quem sabe se resolverão dar uma busca na casa?

— Deixe que dêem. *Êle* não estará mais aqui.

— A sra. também não estará. E Norman enguliu em sêco: depois se precipitou: — Sou franco, mãe. Ê para sua própria proteção. Não posso consentir que a sra. seja vista por mais alguém, tal como hoje a viu aquêle detetive. Não quero que ninguém a interrogue — e a sra. sabe por quê, tão bem como eu. É simplesmente impossível. Por isso é melhor para nós dois que ninguém a veja por aqui.

— Que pretende fazer? Enterrar-me no pântano?

— Mãe...

Ela começou a rir. Dir-se-ia, melhor, “cacarejar”, e êle sabia que, uma vez desencadeado, o insano riso materno não podia mais ser contido. A única maneira de a fazer calar era gritar mais alto do que ela. Ainda na semana passada, Norman não ousaria fazê-lo. Mas isto já não era a semana passada, era agora, e as coisas eram diferentes. Era *agora* e êle tinha de encarar a realidade. A mãe era mais que doente: era psicopata, perigosamente psicopata. Era preciso a controlar, e êle o faria.

— Cale a bôca! bradou; e o cacarejo interrompeu-se Lamento — disse com doçura — mas é preciso que me ouça. Já tracei todo o plano. Vou levar a sra. para o depósito de frutas, no porão...

— Para o depósito de frutas, no porão? Mas eu não posso...

— Pode, sim. Poderá. Tem que poder. Cuidarei da senhora. Existe lá uma luz; vou arranjar uma cama e...

— Não quero!

— Não estou pedindo, mãe. Estou mandando. A sra. vai ficar no depósito de frutas do porão, até que eu ache conveniente a sra. voltar para seu quarto. Vou pendurar aquele velho cobertor de índio na parede, para esconder a porta. Ninguém verá coisa alguma, mesmo que se dê ao trabalho de descer ao porão. É a única maneira de nós termos certeza de que haverá segurança para nós dois.

— Norman, recuso-me a discutir êsse assunto com você. Não saio absolutamente dêste quarto.

— Nesse caso, terei de a carregar.

— Norman, você não se atreve...

Êle se atreveu. Retirou-a da cama e carregou-a nos braços. Ela era leve como uma pluma, comparada a mr. Arbogast. Cheirava a perfume, não a sarro de fumo, como êle. Estava demasiado atônita para reagir; apenas choramingava. Norman ficou espantado de ver como foi fácil, uma vez que decidira o que tinha de fazer. Ela era uma pobre velha enferma, uma coisa débil e frágil! Não devia receá-la, claro que não! Agora era ela quem o receava; pois nem uma só vez, durante a mudança, o chamara de “filho”.

— Arranjarei uma cama para a senhora — disse êle. — E lá tem um vaso...

— Norman, é preciso falar assim?

Ainda se exaltou um momento, como outrora, mas logo se acalmou. Norman se afanava, trazendo cobertores, arranjando as cortinas da pequena janela para que houvesse suficiente ventilação. Ela recomeçou a choramingar; não tanto a choramingar como a resmungar baixinho.

— Parece uma cela de prisão, isso é que é; você quer fazer de mim uma prisioneira. Já não gosta de mim, Norman; já não me ama. Do contrário não me faria o que está fazendo.

— Se não a amasse, onde estaria hoje a senhora? Não quis dizer, mas teve que o dizer: — No Manicômio Estadual para Criminosos Psicopatas. É ali que estaria!

E apagou a luz de chôfre, imaginando se ela o teria ouvido, imaginando se as suas palavras a teriam penetrado, como ela as tivesse ouvido.

Pelos modos, ela compreendera. Pois assim que êle fechou a porta, ela respondeu. A voz era enganadoramente suave, na escuridão, mas profundamente cortante; tão profundamente cortante como a navalha que aparara a garganta de mr. Arbogast.

— Sim, Norman: acho que você tem razão. Decerto é para lá que eu iria. Mas eu não iria sozinha.

Norman bateu a porta, fechou-a à chave e se afastou. Não estava muito certo, mas ao subir a escada do porão pensou ainda ouvi-la a cacarejar no escuro.

Capítulo 11

SAM E LILA, sentados no quarto dos fundos do armazém, esperavam Arbogast. Mas ouviram apenas os rumores do sábado à noite.

— É fácil distinguir quando é noite de sábado, numa cidade como esta, observou Sam. — O ruído é diferente. O tráfego, por exemplo. O tráfego aumenta e fica mais rápido. Isto é porque, sábado à noite, os adolescentes é que estão no volante.

"—E todo êsse ranger estrídulo... são os carros estacionando. São as famílias rurais chegando para o cinema em suas latas velhas... trabalhadores para os botequins...

"—E reparou nos passos? Também são diferentes. Ouve aquele tropel de corrida? As crianças estão sôltas. No sábado ficam acordados até mais tarde. Não há deveres escolares para fazer em casa... Encolheu os ombros.

"—Naturalmente, *Forth Worth* é mais barulhento do que isto aqui, seja qual fôr a noite da semana...

— Creio que sim — concordou Lila. — Sam, por que será que êle não vem? São quase nove horas!

— Você deve estar com fome.

— Não é isso. Mas por que será que êle não vem?

— Quem sabe está ocupado; quem sabe descobriu alguma coisa importante...

— Podia ao menos telefonar. Bem sabe como estamos apreensivos.

— Tenha mais um pouco de paciência...

— Já estou exausta de esperar!

E empurrando a cadeira para trás, Lila começou a andar de um lado a outro, no quatinho.

— Em primeiro lugar, eu não devia ter esperado tanto. Devia ter procurado imediatamente a Polícia. Mas espere! Espere! Espere! Era só isso que me diziam! E foi assim a semana inteira! Primeiro mr. Lowery,

depois mr. Arbogast, e agora você. Porque todos os três só pensam no dinheiro, não em minha irmã. Ninguém se importa com o que aconteceu a Mary — ninguém, senão eu!

— Não é verdade, Lila. Você sabe muito bem o que sinto por Mary.

— Então, como é que suporta? Por que não faz alguma coisa? Que espécie de homem é você — aí sentado, a deitar filosofia de meia-tijela numa ocasião destas!

Agarrou a bolsa e se precipitou para a frente, roçando por êle.

— Onde vai? perguntou Sam.

— Vou ver êsse tal xerife, agora mesmo.

— Tanto faz pedir que êle venha aqui. No final das contas, temos de continuar esperando Arbogast.

— Se êle aparecer... Talvez saísse para sempre da cidade, caso tivesse descoberto alguma coisa. Não era preciso voltar aqui — e a voz de Lila balouçava num fino fio do histeria.

Sam segurou-lhe o braço.

— Sente-se, disse, vou telefonar ao xerife.

Ela não tentou segui-lo quando o viu se encaminhar para o armazém. Sam se aproximou do último balcão, postou-se junto à caixa registradora e retirou o fone do gancho.

— Um-seis-dois, por favor. Alô, é o escritório do xerife? Fala Sam Loomis, do armazém de ferragens. Quero falar com o xerife Chambers... Êle, o quê? Não, não sei de nada. Você disse *Fulton*? Quando pensa que estará de Volta? Está bem. Não, nada de anormal. Só queria falar com êle. Olhe aqui: se êle chegar antes de meia-noite, quer dizer a êle que ligue para o armazém? Ficarei aqui a noite tôda. Sim. Obrigado. Ficaria muito grato.

Pendurou o fone e voltou para o quarto dos fundos.

— Que disse êle?

— Não estava.

E relatou a Lila a conversa, observando o rosto dela enquanto falava.

— Parece que houve um roubo no banco de *Fulton* hoje à noite. Chambers e tôda a Polícia Rodoviária Estadual saíram para construir barricadas na estrada. Êsse é o motivo de tôda a agitação. Falei com o velho Peterson; é o único que ficou no escritório do xerife. Há dois polícias de vigia na cidade, mas para nós não adiantam nada.

— E agora, que pretende fazer?

— Esperar! Á única probabilidade é podermos falar com o xerife amanhã cedo...

— E não se importa com o que poderia ter acontecido a...

— Claro que me importo! atalhou Sam, resolutamente.

— Ficaria mais tranqüila se eu ligasse para o motel e indagasse o que está retendo Arbogast?

Ela afirmou com um aceno de cabeça.

Sam voltou para o armazém. Desta vez ela o acompanhou e ficou à espera enquanto êle pedia informações à telefonista. Afinal descobriu o nome — Norman Bates — e o número. Depois ficou aguardando que ela fizesse a ligação.

— Engraçado, disse, pendurando o fone no gancho — ninguém responde.

— Nesse caso vou para lá.

— Não, não vai. E Sam pousou a mão no ombro dela. — Fique aqui, à espera de mr. Arbogast. Eu vou sair.

— Sam, que será que aconteceu?

— Direi quando voltar. Agora se acalme. Não levará mais de três quartos de hora.

E com efeito, não levou, pois Sam guiava depressa. Após quarenta e dois minutos exatos êle abriu a porta de frente e entrou no armazém. Lila o esperava.

— E então? perguntou ela.

— Curioso! O motel estava fechado. Nenhuma luz no escritório. A casa atrás do motel, às escuras. Subi até lá e bati cinco minutos sem parar. Ninguém apareceu. A garage junto à casa estava aberta e vazia. Parece que êsse Bates foi passar a noite fora.

— E mr. Arbogast?

— O carro dele também não estava. Mas havia dois carros estacionados junto ao motel. Olhei as placas. *Alabama e Illinois*.

— Mas onde poderia...

— Imagino o seguinte — disse Sam — mr. Arbogast devia ter descoberto alguma coisa. Talvez importante. Pode ser que êle e Bates tivessem saído juntos. Deve ser por isso que não recebemos notícia.

— Sam, não estou compreendendo grande coisa em tudo isso. Preciso saber!

— E também precisa comer!

E Sam lhe estendeu um bojudado saco de papel.

— Na volta, parei num restaurante, comprei *hamburgers e café*. Vamos lá para os fundos.

Quando acabaram de comer, seriam onze horas passadas.

— Olhe aqui, disse Sam. — Por quê não vai descansar um pouco no hotel? Não adianta ficarmos os dois sentados aqui.

— Mas...

— Vamos. Não adianta a gente se atormentar. Parece que acertei. Arbogast localizou o paradeiro de Mary e teremos notícias pela manhã. Boas notícias,

No domingo de manhã, não chegaram as boas notícias.

Mais ou menos às nove horas, Lila já estava sacudindo a porta da frente do armazém de ferragens.

— Soube alguma coisa? indagou logo. E quando Sam abanou a cabeça negativamente ela franziu a testa. — Pois eu soube: ontem de manhã Arbogast estêve no hotel, investigando. *Antes* de qualquer outra coisa.

Sam não respondeu. Apanhou o chapéu e saiu com ela do armazém.

No domingo de manhã as ruas de *Fairvale* estavam desertas. O edifício do Tribunal ficava nos fundos de uma praça de *Main Street*, rodeado de gramados. Num dos cantos, a estátua de um veterano da Guerra Civil, daquela espécie fundida aos milhares para ornamentar relvados de tribunais em tôda a superfície do país. Os três lados restantes exibiam, respectivamente, um morteiro de trincheira da Guerra Hispano-Americana, um canhão da Primeira Guerra Mundial e uma coluna de granito onde se inscreviam os nomes de catorze cidadãos de *Fairvale*, mortos na Segunda Guerra. E havia bancos nos quatro lados, àquela hora vazios.

O edifício, pròpriamente, estava fechado, mas a sala do xerife se situava no anexo. Os cidadãos de *Fairvale* ainda se referiam a êle como o "novo" anexo, embora existisse desde 1940. A porta lateral estava aberta. Sam e Lila entraram, subiram a escada e passaram do corredor para o escritório.

O velho Peterson estava de serviço, sentado sòzinho à mesa da frente.

— Bom dia, Sam.

— Bom dia, mr. Peterson. O xerife já voltou?

— Não. Já soube do roubo no Banco? Os ladrões acabam de furar a barricada na estrada de *Parnassus*. A Polícia Federal saiu em perseguição. Mande um aviso...

— Onde está o xerife?

— Chegou muito tarde ontem de noite... isto é, hoje de madrugada...

— Deu meu recado a êle?

O velho hesitou.

— Acho... acho que não dei. A comoção foi grande por aqui. E Peterson passou a mão pela bôca. Mas ia dar o seu recado ainda hoje. Assim que êle chegar.

— A que horas será isso?

— Creio que logo depois do almoço. Domingo de manhã êle está na igreja.

— Que igreja?

— Primeira Igreja Batista.

— Obrigado.

— Mas você não vai tirá-lo para fora da...

Sam virou as costas e não respondeu. Os saltos de Lila castanholavam a seu lado no corredor.

— Afinal de contas, — que sertão é êste ? resmungou ela.

— Assalta-se um banco e o xerife está na igreja! Que faz lá? Rezando para que alguém capture os ladrões para êle?

Sam não respondeu. Ao chegarem à rua, Lila voltou a perguntar:

— Onde vamos?

— À Primeira Igreja Batista, naturalmente.

Não foi preciso incomodarem o xerife Chambers em suas devoções. Ao dobrarem uma esquina viram que o culto já havia terminado e que os fieis saiam do alto edifício erigido de torres.

— Lá vem êle, apontou Sam. — Vamos.

E a conduziu para junto de um casal postado na calçada. A mulher era uma nulidade — baixinha, com um vestido estampado, escolhido num catálogo e recebido por via postal; o homem era alto, tinha ombros largos e uma pança em franca projeção. Vestia terno de sarja azul, e seu pescoço rubro, de rugas como cicatrizes, contorcia-se em *rebelião contra a disciplina* de um alto colarinho engomado. Tinha cabelos crespos e grisalhos, e negras sobrancelhas, também crespas.

— Um minuto, Xerife, pediu Sam — preciso lhe falar.

— Sam Loomis, como vai? e o xerife Chambers estendeu a Sam a sua grande mão vermelha. — Mamãe, êste aqui é Sam. Já o conhece?

— Apresento-lhes Lila Crane. Miss Crane está aqui de visita. Veio de *Fort Worth*.

— Prazer em conhecê-la. Não é de você que o velho Sam vive falando? Nunca disse que era tão bonita...

— Está pensando em minha irmã, respondeu iLila. — É por causa dela que viemos procurá-lo.

— Não podíamos ir conversar um minuto no escritório? atalhou Sam. — Assim explicaríamos a situação.

— Decerto! Por que não? Chambers se voltou para a senhora.

— Mamãe, por quê não toma o carro e vai para casa? Também irei daqui a pouco; assim que despachar êstes dois.

Mas o “daqui a pouco” se espichou. Uma vez no escritório do xerife Chambers, Sam desfiou a história. Mesmo sem interrupções, isso levou uns vinte minutos. E o xerife frequentemente o interrompia.

— Agora vamos aclarar bem isso, disse êle concluindo.

— Êsse sujeito, êsse Arbogast, o procurou. Por quê não me consultou antes?

— Já expliquei: queria evitar recorrer às autoridades. Pensava poder encontrar miss Crane e reaver o dinheiro sem maior complicação para a Agência Lowery.

— *Disse* que êle lhe exibiu credenciais?

— Sim, confirmou Lila. — Era investigador acreditado junto à Companhia de Seguros. E conseguiu achar a pista de minha irmã até aquêle motel. E estamos apreensivos, porque êle não voltou, embora tivesse dito que voltaria.

— Mas êle estava no motel quando você foi lá?

A pergunta era dirigida a Sam.

— Não havia lá ninguém, Xerife.

— Curioso. Muito curioso. Conheço o sujeito que dirige aquilo. Está sempre lá. Dificilmente se ausenta, uma hora, que fôsse, para vir à cidade. Já tentou falar com êle esta manhã? Quer que eu tente? Provavelmente dormia como uma pedra quando você esteve lá ontem de noite. A manopla vermelha apanhou o fone.

— Não fale a respeito do dinheiro, sugeriu Sam. — Apenas pergunte por Arbogast, para ver o que diz.

Chambers sacudiu afirmativamente a cabeça.

— Deixe comigo, sussurrou, sei lidar com essas coisas.

Fêz a ligação e esperou.

— Alô... Bates? É você? Fala o xerife Chambers. Está bem. Quero uma pequena informação de você. Está aqui uma gente procurando localizar um sujeito chamado Arbogast. Milton Arbogast, de *Fort Worth*. É investigador particular de um caso relacionado com uma firma que se chama Paridade Mútua... Êle o quê? Oh, sim? Quando foi isso? Entendo. Que disse êle? Está bem, pode dizer. Já sei tudo a êsse respeito. Sim... Outra vez? Sim, sim. E depois foi-se embora, heim? Disse para onde ia? Oh, acha que foi isso? Decerto! Não: é só. Trapalhada? Nenhuma! Só achei que êle podia ter vindo aqui. Diga, enquanto há tempo: será que êle não voltou para aí tarde da noite? Oh, compreendo. Creio que basta. Obrigado pela informação, Bates.

Pendurou o fone no gancho, fêz girar a poltrona para os olhar de frente.

— Parece que o seu homem foi para *Chicago*, declarou.

— *Chicago?*

Chambers acenou afirmativamente.

— Claro. A moça dissera que ia para lá. Êsse seu amigo Arbogast está me parecendo um investigador meio mole...

— Que quer dizer? Que respondeu Bates? — E Lila se inclinou para frente.

— A mesma coisa que Arbogast disse ontem de noite quando os chamou de lá. Sua irmã dormiu no hotel sábado passado, mas se registrou com nome suposto. Disse chamar-se Jane Wilson e que era de *San Antonio*. Deixou escapar que ia para *Chicago*.

— Então não era Mary. Ela não conhece ninguém em *Chicago!* Nunca estêve lá em tôda a vida!

— Segundo Bates, Arbogast tinha certeza de que era ela mesma. Até comparou as letras. A descrição que fêz dela, o carro — tudo combinava. Não só isso; pois quando ouviu falar em *Chicago*, disse Bates que o investigador saiu ventando como um morcego fugido do inferno.

— Mas é ridículo! estranhou Sam. Leva vantagem de uma semana — se é que realmente foi para lá. E é quase impossível êle poder achá-la em *Chicago!*

— Talvez êle saiba onde deve procurar. Talvez não contasse a vocês dois tudo quanto sabia a respeito da moça e dos planos dela.

— Que mais poderá êle saber que não saibamos?

— Nunca se sabe o que pretendem êsses detetives. Quem sabe se êle não tinha uma idéia muito clara das intenções dela? Se a descobriu e

recuperou o dinheiro, quem sabe já não se mostraria muito interessado em fazer o relatório para a Companhia de Seguros...

— Quer dizer que mr. Arbogast seria um velhaco?

— Só digo que quarenta mil dólares em espécie é um bocado de dinheiro. E se Arbogast não apareceu mais, significa que planejava coisa diferente. E o xerife abanou a cabeça. — Deve estar farejando tôdas as pistas, ao que me parece. Se não, por quê não me procurou, em busca de auxílio? Você diz que ainda ontem êle andou investigando o hotel daqui.

— Espere... espere um pouco, Xerife. Está concluindo depressa demais. Não tem base alguma — exceto o que Bates lhe disse pelo telefone. Não estaria êle mentindo?

— Mentindo por quê? Contou uma história muito correta. Disse que a moça esteve lá; disse que Arbogast também estêve...

— E onde estava êle ontem de noite, quando fui ao motel?

— Exatamente o que pensei: dormia como uma pedra, respondeu o xerife. — Escute aqui: conheço êsse tal Bates. É um tanto esquisito, lá a seu modo; não é muito inteligente — pelo menos é essa a impressão que sempre me deu. Mas isso de se meter em encencas, não! Não é o seu tipo. E porque não havia eu de acreditar no que me disse? Principalmente agora, sei que seu amigo Arbogast estava mentindo.

— Mentindo? A respeito de quê?

— Você já me contou o que êle disse na conversa interurbana que teve com você lá do motel, ontem de noite. Aquilo foi para engambelar. Êle já sabia que a moça tinha ido para *Chicago* e o quis tranquilizar para ganhar tempo. Foi por isso que mentiu.

— Não entendo, Xerife. Em que mentiu?

— Ora! Quando disse que ia ver a mãe de Norman Bates. Norman Bates não tem mãe.

— Não tem?

— Não. Faz vinte anos que não tem. Ela morreu.

E Chambers sacudiu a cabeça.

— Foi até um escândalo por estas bandas. Admira que você não se lembre; devia ser muito pequeno na ocasião. Ela construiu o motel em companhia de um sujeito chamado Considine, Joe Considine. Era viúva, compreende? e dizia-se que ela e Considine eram...

Nessa altura o xerife olhou para Lila e se interrompeu com um inócuo aceno da mão.

— Seja como fôr, nunca se casaram. Devia existir algum empecilho. Talvez por atrapalhação na família, ou talvez êle tivesse mulher no lugar donde proviera. Uma noite os dois juntos tomaram estriquinina. Pacto de morte classificado.

O filho dela, êsse tal Norman Bates, encontrou-os mortos. Creio que o choque foi grande. Pelo que me recordo, ficou internado no hospício um par de meses, depois do sucedido. Nem foi ao entêrro. Mas eu fui. É por isso que estou certo da morte da mãe dêle. Diacho! Até ajudei a carregar o caixão!

Capítulo 12

SAM E LILA jantaram no hotel.

A refeição não foi agradável para nenhum dos dois.

— Ainda não posso acreditar que mr. Arbogast tivesse partido sem nos dizer uma palavra! repetiu Lila, empurrando a xícara de café. — Também não acredito que Mary tivesse ido para *Chicago*.

— O xerife Chambers acredita — suspirou Sam. — E você tem de admitir que Arbogast mentiu quando disse que ia ver a mãe de Bates.

— Sim, compreendo. Isso não tem sentido. Também não tem sentido essa história de *Chicago*. Mr. Arbogast só sabia a respeito de Mary aquilo que nós já sabíamos.

Sam depôs a colher de sobremesa ao lado da taça do sorvete.

— Agora estou juntando coisa com coisa para formar uma idéia, no caso de Mary, disse. — Sou noivo dela. Você viveu em companhia dela. Nenhum de nós podia acreditar que se apossasse daquele dinheiro. E entretanto não há outra alternativa: ela furtou.

— Sim, concordou Lila, em voz apagada. — Agora creio. Ela furtou. Não o fez pensando nela própria, entretanto. Talvez quisesse ajudar você; talvez quisesse ajudá-lo a pagar o que deve.

— Nesse caso, por que não me veio procurar? Eu não teria aceitado coisa alguma de Mary, mesmo se não soubesse que o dinheiro era furtado. Mas se ela pensava que eu aceitaria, por que não me procurou?

— Procurou, sim. Pelo menos chegou até êsse motel — e Lila amarfanhou o guardanapo, mantendo-o fortemente embolado dentro da mão. — Era isso o que eu estava querendo dizer ao xerife. Sabemos que ela foi até ao motel. E por que Arbogast mentiu, isso não impede que êsse sujeito Bates também esteja mentindo. Por que o xerife não dá um pulo até lá e vê com seus próprios olhos, em vez de ficar aí falando com êle pelo telefone?

— Não censuro o xerife por se haver recusado a ir — disse Sam. — Como podia ir mais longe? Com que base, com que provas? Que devia êle investigar? Não se pode andar por aí, surpreendendo pessoas sem justa causa! Além disso, não é assim que se age numa cidade pequena, onde tôda a gente se conhece, onde ninguém quer trapalhada ou ser hostilizado. Você ouviu o que êle disse. Não há razão para suspeitar de Bates. Êle o conheceu a vida tôda.

— Sim: eu também conheci Mary a vida tôda. Entretanto ela tinha coisas das quais eu não suspeitava! O xerife admitiu que Bates era um pouco estranho...

— Não chegou a dizer isso. Disse que êle era uma espécie de recluso. O que é compreensível, quando se pensa no choque que devia ter sofrido com a morte da mãe.

— A mãe... E Lila fechou o sombrolho — está aí uma coisa que não me entra na cabeça. Se Arbogast queria mentir, por que o fêz a respeito de uma bobagem dessas?

— Não sei. Talvez fôsse a primeira coisa que lhe...

— De fato: se estivesse planejando fugir, por que nos chamou ao telefone? Não seria mais simples partir sem mais aquela, sem ao menos nos comunicar que estivera naquele motel?

Ela soltou o guardanapo e olhou firme para Sam.

— Pensei uma coisa...

— Qual é?

— Sam: quê disse Arbogast, quando lhe informou que ia ver a mãe de Bates?

— Disse que a vira sentada à janela do quarto, quando chegou ao motel.

— Talvez mentisse.

— Claro que sim! A mãe de Bates morreu! Não ouviu o que disse o xerife?

— Quem sabe foi Bates quem mentiu. Quem sabe Arbogast apenas supusesse que a mulher fôsse mãe de Bates e, quando aludiu a isso, Bates confirmasse. Bates disse que a velha era doente e que ninguém podia vê-la, mas Arbogast insistiu. Não foi isso que o xerife disse?

— Sim. Mas continuo não compreendendo...

— Não, não compreende. Mas Arbogast compreendeu. O fato é o seguinte: êle viu *alguém* sentado à janela quando chegou. E... quem sabe se êsse alguém não era... Mary?

— Lila, você não acha...

— Já não sei o que acho. Mas por quê não pode ser isso? A pista vai acabar no motel. Há duas pessoas desaparecidas. Isso não basta? Não basta a mim, irmã de Mary, procurar o xerife e insistir com êle para que proceda a uma completa investigação?

— Venha, aceitou Sam — vamos andando.

Encontraram o xerife Chambers em casa. Acabava de jantar. Mastigava um palito enquanto Lila desfiava a história.

— Não sei, disse êle — você é que tem de assinar a queixa.

— Assino o que o sr. quiser. Só para o sr. ir até lá e averiguar.

— Não podemos deixar para amanhã cedo? Isto é: estou à espera de notícias dos ladrões do Banco, e...

— Por favor, um minuto, atalhou Sam. — êste negócio é muito sério, Xerife. Faz uma semana que a irmã desta moça ostá desaparecida. Já não se trata apenas de dinheiro furtado. Pelo que sabemos, ela deve estar correndo perigo de vida. Pode até...

— Está bem, está bem! Não preciso que alguém me diga o que tenho de fazer, Sam. Venha; vamos para o escritório e a deixarei assinar a petição. Mas se quer mesmo laber, isto é perder tempo. Norman Bates não é nenhum assassino.

A palavra surgiu, como qualquer outra palavra, depois morreu. Mas o eco ficou no ar. Sam o ouviu e Lila também. E o eco os acompanhou no trajeto para o anexo do Tribunal, aonde foram em companhia do xerife Chambers, e ficou com êles depois que o xerife saiu para o motel. O xerife recusou a companhia de qualquer dos dois. Ordenou-lhes que esperassem. E êles esperaram no escritório — os dois sozinhos. Os dois sozinhos... e a palavra mortal.

A tarde ia avançada quando o xerife regressou. Veio só, e lançou-lhes um olhar, misto de alívio e contrariedade em partes iguais.

— Exatamente o que eu disse, declarou — alarme falso.

— Que foi que...

— Frene o cavalinho, Miss. Deixe-me primeiro sentar: depois conto tudo. Fui diretamente para lá e não vi nada estranho. Bates estava no mato atrás da casa, catando lenha. Nem precisei exhibir a licença — êle foi muito gentil. Disse-me que investigasse, até chegou a me entregar as chaves do motel.

— E o sr. investigou?

— Claro que sim. Entrei em todos os quartos, examinei a casa de alto a baixo. Não encontrei viva alma. Não encontrei coisa alguma. Pois não havia ninguém. Ninguém tinha estado lá, exceto Bates. Faz muitos anos que mora sòzinho.

— E o quarto?

— Há um quarto de frente, no segundo andar: pertencia à mãe dêle, quando era viva. Por êsse lado, nenhuma novidade. Em verdade êle o conserva exatamente como era. Diz que não tem nenhuma utilidade — pois tôda a casa está à disposição dêle. Creio que êle é um tanto estranho, êsse tal de Bates; mas vivendo sòzinho, quem não o seria?

— Falou-lhe sôbre aquilo que disse Arbogast? perguntou Sam, baixinho.

— Falou-lhe que Arbogast viu a mãe dêle à janela, quando chegou?

— Claro! Falei-lhe imediatamente. Respondeu-me que era mentira; que Arbogast nem uma vez lhe dissera que tinha visto alguém. Falei-lhe com uma certa aspereza no começo, só para verificar se êle escondia alguma coisa. Mas a história dêle faz sentido. Tornou a falar sôbre *Chicago*, e continuo pensando que a solução foi essa.

— Não posso acreditar, insistiu Lila. — Por quê teria mr. Arbogast inventado essa desculpa inútil — de que viu a mãe de Bates ?

— Pergunte-lhe na próxima vez que o vir, rematou o Xerife. — Talvez visse o fantasma da velha na janela.

— Tem certeza de que a mãe dêle morreu?

— Já disse que estive no enterro. Vi o bilhete que deixou para Bates, quando ela e êsse tal Considine se suicidaram. Que mais quer? Tenho de a desenterrar para você acreditar? E Chambers inspirou fundo. — Desculpe, Miss. Nilo quis me exaltar dêsse jeito. Mas fiz o que podia. Dei busca na casa. Sua irmã não está lá, Arbogast não está lá.... Não encontrei nem rasto de qualquer dos carros. A resposta me parece muito simples. Fiz o que pude.

— E agora: que me aconselha fazer?

— Indague no escritório de Arbogast, veja se ali se sabe alguma coisa. Quem sabe terão uma pista no que diz respeito a *Chicago*. Só não pode estabelecer contacto com ninguém até amanhã cedo.

— Creio que tem razão. E Lila se pôs em pé. — Obrigada por tudo. Sinto muito o incômodo que lhe dei.

— Estou aqui para isso. Não é, Sam?

— Certo, respondeu Sam.

Chambers levantou-se. — Sei o que está sofrendo com isso, Miss, disse o xerife. — Desejaria tê-la ajudado mais. Mas falta uma base sólida sôbre a qual eu possa prosseguir investigando. Se conseguir uma prova, uma prova verdadeira, então talvez...

— Compreendemos, tornou Sam. — E ambos somos gratos à sua cooperação.

Voltou-se para Lila: — Vamos andando?

— Examine essa história de *Chicago* — gritou-lhes, à distância, o homenzarrão. — Até outra vista!

Os dois saíram para a calçada. O sol do fim da tarde projetava sombras oblíquas. Enquanto estavam ali parados, a ponta negra da baioneta do veterano da Guerra Civil roçava pela garganta de Lila.

— Quer voltar para o armazém? sugeriu Sam.

Lila sacudiu negativamente a cabeça.

— Para o hotel?

— Não.

— Onde prefere ir?

— Quanto a você, não sei, disse Lila. — Mas *eu* vou para aquêle motel.

Ergueu o rosto desafiando-o, e a afiada linha de sombra acutilou-lhe o pescoço. Pareceu que alguém lhe decepava a cabeça...

Capítulo 13

NORMAN sabia que viriam, mesmo antes de os ver chegar. Não sabia quem poderiam ser, nem que aspectos teriam, nem quantos haveriam de vir. Mas sabia que viriam.

Sabia-o desde a noite da véspera, quando, deitado na cama, ouviu o desconhecido bater a porta. Ficara muito quieto; nem ao menos se levantara para espreitar pela janela o segundo andar. Ao contrário, enfiara a cabeça debaixo das cobertas, onde ficara à espera de que o desconhecido se afastasse. Êste afinal se foi. Que sorte a mãe estar trancada no depósito de frutas. Sorte dêle, sorte dela, sorte dos desconhecidos também...

Compreendia, porém, que aquêle não era o ponto final. Não mesmo. Naquela mesma tarde, quando tornara ao pântano para apagar algum possível vestígio, o xerife Chambers aparecera.

Norman teve um sobressalto ao rever o xerife depois de tantos anos. Lembrava-se bem dêle, desde a época daquele pesadelo. Era assim que Norman sempre pensava a respeito de Joe Considine, o veneno e o resto... Fôra com efeito um longo, interminável pesadelo — desde a hora em que telefonara ao xerife, até depois de passados muitos meses... até o momento em que o deixaram sair do hospício e voltar para casa.

Ver o xerife Chambers agora era o mesmo que reviver o antigo pesadelo, mas os pesadelos se repetem, indefinidamente ... O importante era se lembrar de que lograra o xerife na primeira vez, quando tudo era muito mais difícil... Desta vez seria mais fácil: bastava-lhe não perder a calma. Seria fácil; era-o com efeito...

Norman respondeu a tôdas as perguntas, deu as chaves ao xerife, deixou-o varejar a casa sozinho. De certo modo, isso era até engraçado: o xerife dando busca, e êle, Norman, à beira do pântano, tratando de apagar os traços das pegadas. Engraçado, sim, enquanto a mãe ficasse sossegada. Se ela pensasse que Norman estava no porão, se gritasse ou fizesse qualquer

rumor, então sim, ia haver dificuldade. Mas ela não fazia isso. Fôra bem avisada, e o xerife nem sequer andava à procura dela. Julgava-a morta e enterrada.

Como o enganara da primeira vez! E tornara a enganá-lo com a mesma facilidade, pois o xerife voltara e não estava mais adiantado do que antes. Fêz a Norman mais algumas perguntas sôbre a moça e sôbre Arbogast, inquiriu sôbre a ida de ambos para *Chicago*. Norman ficou tentado a inventar mais alguma coisa, mas, pensando melhor, achou que isso não seria prudente. Era-lhe melhor se apegar ao que já inventara e que merecia crédito do xerife. Este chegou quase a pedir desculpas quando se despediu.

Por êsse lado, estava tudo em ordem. Mas havia... O xerife Chambers não viera alí somente por sua própria iniciativa. Não estava seguindo nenhum palpite, nem podia estar, pois não sabia de coisa nenhuma. Seu telefonema da véspera era apenas um aviso. Queria dizer que havia outras pessoas enfronhadas do que acontecera à moça e a Arbogast. Foram elas quem mandaram o xerife lhe telefonar; foram elas que, na noite anterior, mandaram o desconhecido para espreitar; foram elas que, ainda hoje, mandaram o xerife vir falar com êle. Em seguida viriam elas próprias. Era inevitável. *Inevitável*.

Quando pensava nisso, o coração recomeçava a dar murros. Vinham-lhe ânsias de fazer tôda espécie de coisas malucas — fugir, descer ao porão e pôr a cabeça no colo da mãe, subir ao segundo andar e puxar as cobertas para cima da cabeça. Nada disso adiantaria, porém. Não podia fugir e deixar a mãe, nem podia arriscar a falar com ela agora; não na situação em que ela se encontrava. Nem ao menos podia ir a ela em busca de consolo ou de conselho. Até a semana pausada, era isso o que teria feito. Agora, porém, já não confiava nela; não podia confiar nela depois do que acontecera. De que lhe valia puxar as cobertas para cima da cabeça ?

Se êles voltassem, teria de os enfrentar. Era a única solução sensata. Enfrentá-los, apegar-se à história que inventara, e tudo correria bem...

Mas nesse ínterim precisava fazer alguma coisa para que seu coração cessasse de esmurrar-lhe o peito.

Estava sòzinho no escritório. *Alabama* partira de manhã cedo e *Illinois* logo depois do almoço. Não chegara mais ninguém. O tempo novamente ameaçava, e não haveria grande movimento naquela tarde. Um trago não faria mal. Não faria, caso contribuísse para lhe acalmar o coração.

Norman puxou uma garrafa do escaninho, por baixo do balcão. Era a segunda, das três que escondera ali havia alguns meses. Não seria tão ruim; era apenas a segunda garrafa... Por beber a primeira, metera-se em apuros. Mas iso não tornaria a acontecer. Não agora, quando sabia estar a mãe afastada e em segurança. Daí a pouco, ficaria mais escuro, arranjaria para ela um pouco de comida. Quem sabe se naquela noite poderiam conversar! Mas agora precisava de uma dose.. Essas doses! A primeira não adiantava nada. A segunda é que produzia efeito. Agora se sentia perfeitamente calmo. De todo calmo. Podia até tomar uma terceira tivesse vontade.

E teve mesmo uma grande vontade, quando viu o carro chegar.

Nada que o distinguisse de qualquer outro carro: nem licença de outro Estado ou coisa parecida; mas sentiu de imediato que êles tinham vindo. Quando se é psicopata, sensitivo, as vibrações se sentem. Ouve-se o coração aos murros dentro do peito, engole-se a bebida de um trago e vêem-se os recém-chegados descendo do carro. O homem tinha um aspecto comum, e um instante Norman pensou que se havia enganado. Mas em seguida viu a moça.

Viu a moça e empinou a garrafa. Empinou-a para tomar rapidamente um trago e ao mesmo tempo para tapar a cara dela, pois não era outra senão a morta!

Ressuscitara e saíra do pântano!

Não! Não era possível! Não podia ser! Tome a fitá- la... fite-a na luz... Os cabelos não eram dessa côr — em verdade não eram. Eram louros-acastanhados. E ela não era tão robusta. Mas se parecia tanto com a outra, que podia ser irmã dela!

Sim, claro! Devia ser isso — e isso é que explicava muita coisa. Jane Wilson, ou fôsse qual fôsse o nome dela fugira com o dinheiro. O detetive viera procurá-la, e agora era a irmã. .. Era isso.

Sabia o que a mãe faria num caso dêesses. Mas louvado seja Deus, nunca mais correria êsse risco. O que tinha a fazer era se apegar à história que inventara e êles iriam embora. Não havia ninguém capaz de descobrir qualquer coisa, ou de provar qualquer coisa, e não havia motivo para apreensão, agora que êle sabia o que esperar.

O álcool ajudava. Ajudava-o a ficar firme por detrás do balcão, aguardando que entrassem. Podia vê-los conversando fora do escritório, mas isto não o incomodava. Podia ver as nuvens que vinham do poente, mas também isso não o incomodava. Via o céu escurecer à medida que o sol

perdia o esplendor... *O sol perdia o esplendor...* mas isso era poesia! Êle era poeta! Norman sorriu. Quantas coisas êle era! Se aqueles dois soubessem...

Não sabiam, e nunca haveriam de saber, e agora êle não passava de um dono de motel, de meia-idade, que piscava os olhos diante do casal que chegara e perguntava:

— Em que os posso servir?

O homem se aproximou do balcão. Norman se entezou para a primeira pergunta, depois tornou a piscar quando o homem não a fêz e disse apenas:

— Pode-nos alugar um quarto?

Incapaz de responder, êle disse “sim” com uma sacudidela de cabeça. Estaria equivocado? Claro que não: a moça era a irmã, não havia sombra de dúvidas.

— Pois não. Gostariam de...

— Não, não é preciso. Estamos aflitos para trocar de roupa.

Mentira! A roupa de ambos estava impecavelmente limpa. Norman sorriu.

— Pois não. São dois dólares... Casal... Se quiserem assinar aqui e saldar agora...

E empurrou o Livro de Registro para frente. O homem teve uma pequena hesitação, em seguida escreveu. Norman tinha grande prática em ler assinaturas de cabeça para baixo. *Mr. e Mrs. Sam Wright, Independence, Mo.*

Outra mentira. O nome dêle não era Wright. Que mentirosos mais sujos e ignorantes! Julgavam-se tão inteligentes! Virem tentar enganá-lo. Pois haviam de ver!

A moça fitava o Registro. Não o nome que o homem acabava de escrever, mas outro nome, no alto da página. O nome de sua irmã — Jane Wilson, ou fôsse lá o que fôsse.

Pensou que êle não a viu apertar o braço do homem...

— Dou-lhe o Número Um, informou Norman.

— Onde fica? perguntou a moça.

— Lá na outra ponta.

— E o Número Seis?

O *Número Seis*... Agora Norman se lembrava. Anotara-o no livro de Registro, assim como costumava fazer depois de cada assinatura. O Número Seis era o quarto que dera à outra irmã, naturalmente. E esta reparara nisso.

— O Número Seis fica nesta ponta, disse. — Mas a sra. não vai querer êsse quarto. O ventilador está quebrado.

— Oh, não precisamos de ventilador. A tempestade vem aí, logo ficará mais fresco... (*Mentirosa!*) — Além disso, Seis é o nosso número de sorte. Casamo-nos a seis do corrente. (*Que mentirosa mais suja e mais imunda!*)

Norman encolheu os ombros.

— Está bem, disse.

E *estava* tudo muito bem. Estava ainda melhor do que muito bem. Porque se era assim que êsses mentirosos pretendiam agir; se nenhum dêles ali vinha para fazer perguntas, mas apenas para farejar — então o Número Seis era o quarto ideal. Não precisava recear que ali encontrassem alguma coisa comprometedora, e ao mesmo tempo não os perderia de vista! Não os perderia de vista! Estava perfeito!

Assim pois, apanhou a chave e os acompanhou até à porta do Número Seis, ali pegado. A distância era curta — apenas alguns passos — mas já o vento se desencadeara e o crepúsculo descera com arrepios de frio. Êle abriu a porta enquanto o homem entrava carregando uma valise. Uma ridícula valise, e isso desde *Independence*, no *Missouri!* (*Que sujeitos mentirosos putrefatos!*)

Abriu a porta e os dois entraram.

— Precisam de alguma coisa? perguntou.

— Não, tudo está bem, obrigado.

Fechou a porta. Voltou para o escritório e empinou mais um trago. Um trago gratulatório. Aquilo seria ainda mais fácil do que previra. Fácil como beber um gole...

Em seguida desviou o quadro de licença e espiou pelo buraco, no banheiro do Número Seis.

Naturalmente, não estavam no banheiro; estavam no quarto, mais adiante. Entretanto podia ouvi-los andar, capatando de vez em quando alguma frase, abafada, de conversa. Ambos estavam à procura de alguma coisa. O que fôsse, não podia imaginar. A julgar pelo pouco que ouvira, êles mesmos não sabiam...

— ... ajudaria se pudessemos saber o que estamos procurando... — *Era a voz do homem.*

Depois, a voz da moça... — se aconteceu alguma coisa, deve haver vestígios. Tenho certeza disso... Nesses laboratórios do crime, a respeito dos

quais se lê... são sempre pequenos indícios que...

De novo a voz do homem... — Mas não somos detetives. Ainda penso... melhor falar com êle... desembuchar, pregar-lhe um susto para que confesse...

Norman sorriu. Não o iriam assustar para que confessasse fôsse lá o que fôsse. Inspecionara aquêle quarto de alto a baixo. Não havia ali vestígio indiscretos do que se passara, nem a menor mancha de sangue, nem um fio de cabelo...

A voz dela, agora, mais próxima... — compreende? Se pudéssemos achar alguma coisa em que nos basear... então seria fácil amedrontá-lo e êle falaria.

Agora ela se achava no banheiro e êle a acompanhava...

— ... bastaria uma prova para o xerife se mexer. A Polícia Estadual faz essa espécie de análise de laboratório; não faz?

De pé na porta do banheiro, êle a olhava enquanto ela examinava a pia.

— Tudo está tão limpo! Olhe, acho melhor interrogá-lo.

Ê o nosso único recurso!

E desapareceu do campo de visão dêle. Estaria examinando o box do chuveiro; êle ouviu correrem as cortinas. Sua cadelinha! Igualzinha à irmã, que também precisou entrar no chuveiro! Pois bem, que entrasse! Que entrasse e se danasse!

— Nem um vestígio!

Norman teve vontade de rir em voz alta. Claro que ficou nem um vestígio! Esperou que ela emergisse do do chuveiro, mas isso não aconteceu. Em vez disso ouviu de chôfre um baque surdo.

— Que está fazendo?

Era o homem que perguntava, e Norman repetiu a pergunta como um eco. Que estaria ela fazendo?

— Estava enfiando a mão atrás do box... Nunca se sabe... Sam! olhe! Descobri uma coisa!

Estava em frente do espêlho, segurando na mão algum Óbjeo. Que seria? Que teria encontrado aquela cadelinha?

— Sam! É um brinco! Um dos brincos de Mary!

— Tem certeza?

Não, não podia ser o outro brinco. Não podia ser.

— Claro, é um dos brincos de Mary. Devo saber, pois fui eu mesma quem lho deu como presente de aniversário no ano passado. Há em Dallas um fabricante de bijuteria, dono de uma loja que é um verdadeiro buraco na parede. Sua especialidade é fabricar peças individuais — isto é, uma só de cada qualidade. Foi êle quem fêz êstes brincos de Mary. Ela dizia que eu fizera uma extravagância ao comprá-los, mas gostava imensamente dêles.

O homem segurava o brinco debaixo da lâmpada, examinando-o enquanto a moça continuava.

— De certo o teria deixado cair quando estava no chuveiro, e êle escorregou para detrás do *box*. A não ser que tivesse acontecido alguma coisa... Sam, que tem você?

— Receio que tivesse acontecido alguma coisa, Lila. Está vendo isto? Parece sangue coagulado!

— Oh, não!

— Sim, Lila. Você tem razão.

A cadela! Eram tôdas umas cadelas. Escute só o que esta diz.

— Sam, precisamos entrar naquela casa. Precisamos, absolutamente!

— Isso incumbe ao xerife.

— Não acreditaria em nós, mesmo que lhe mostrássemos o brinco. Diria que ela caiu, bateu a cabeça no chuveiro, ou coisa parecida.

— Talvez tivesse razão...

— Sam, você acredita nisso? Acredita de verdade?

— Não. E Sam suspirou. — Não acredito. Mas isto ainda não prova que Bates tenha qualquer coisa a ver com êste caso — com o que quer que tivesse acontecido aqui. Incumbe ao xerife investigar.

— Mas o xerife não fará coisa alguma! Sei que não fará! Precisávamos de algo que realmente o convencesse, alguma coisa desta casa. Sei que lá em cima a encontraríamos,

— Não. É muito perigoso.

— Então vamos falar com Bates. Mostrar-lhe isto. Talvez possamos convencê-lo a falar.

— Talvez sim, talvez não. Se está envolvido, crê que êle se atrapalhe e confesse? O mais prudente é irmos imediatamente em busca do xerife.

— E se Bates desconfiar? Pode tentar a fuga, se nos vir sair...

— Não, não desconfia de nós, Lila. Mas se está apreensiva, vamos fazer um chamado telefônico...

— O telefone fica no escritório. Êle ouvirá. Lila fêz uma pausa. —
Escute, Sam. Eu vou buscar o xerife. Você fica e fala com Bates.

— E o acuso?

— Claro que não! Vá conversar com êle enquanto saio. Diga-lhe que
precisei ir à cidade comprar um remédio na farmácia, diga-lhe qualquer
coisa para que êle não se assuste e fique sossegado.

— Está bem...

— Dê cá o brinco, Sam.

As vozes se desvaneceram, pois agora ambos voltavam para o quarto. As
vozes se desvaneceram, mas as palavras ficaram. O homem ficava também
enquanto ela saía em busca do xerife. Assim haveria de ser. Ele não podia
impedi-la. Se a mãe estivesse ali, haveria de impedi-la. Impediria a ambos.
Mas a mãe não estava aqui. Estava trancada no depósito de frutas no porão.
Sim; e se essa cadelinha mostrasse ao xerife o brinco sanguinolento, êle
viria ter ali e descobriria a mãe. Mesmo que não encontrasse no porão,
podia imaginar coisas...

Durante vinte anos nem sonhara com a verdade, mas agora a podia
conhecer. Podia fazer a única coisa que Norman sempre rezeira. Podia
descobrir o que realmente acontecera na noite em que tio Joe Considine
falecera.

Da porta pegada chegavam outros rumores. Norman endireitou depressa o
quadro da licença e tomou a apanhar garrafa. Não houve tempo para outro
gole. Pelo menos, agora, não. Ouviu a porta bater e os dois saíram do
Número Seis se encaminhando para o carro e êle entrando no escritório.

Norman se voltou para encarar o homem, imaginando o que iria êle
dizer.

*Mas imaginava muito mais o que faria o xerife. O xerife podia ir ao
Cemitério de Fairvale e abrir o túmulo da mãe. E quando o abrisse,
quando visse o caixão vazio, então haveria de descobrir o segrêdo.*

Haveria de saber que a mãe estava ainda vida.

Sentiu o coração esmurrar-lhe o peito a golpes longos sufocados pelo
primeiro estrondo do trovão. O homem abria a porta e entrava no escritório.

Capítulo 14

UM momento Sam pensou que o trovão repentino ia abafar o ruído do carro. Depois notou que Bates estava de pé na ponta do balcão. Daquela posição podia abranger toda a aléia com a vista e mais um quilômetro de estrada. Em conseqüência, não tinha propósito êle fingir que ignorava a partida de Lila.

— Com licença um minutinho? pediu Sam. — Minha mulher foi à cidade. Acabaram-se os cigarros.

— Costumava tê-los aqui, tornou Bates. — Mas havia pouca procura e acabei com a coisa. E espichou o olhar por cima do ombro de Sam, perscrutando o lusco-fusco lá fora. Sam compreendeu que êle acompanhava a saída do carro em direção à estrada. — Lamento que tenha de ir tão longe. Parece que daqui a pouco vai chover a cântaros.

— Por aqui chove muito? e Sam sentou-se no braço de um sofá rasgado.

— Chove um bocado! assentiu Bates, absorto. — Há de tudo por aqui.

Que desejaria dizer com essa observação? Sam olhou-o à luz frouxa da sala. Dir-se-iam vazios os olhos por detrás dos óculos daquele homem gordo. Súbito, as narinas de Sam captaram o indiscreto hálito' alcoólico, e simultâneamente notou a garrafa colocada na ponta do balcão. A resposta era aquela. Bates se achava um tanto embriagado.

Apenas o suficiente para se lhe imobilizar a expressão, não o suficiente para lhe afetar a vigilância. Bates percebeu que Sam fitava a garrafa de uísque.

— Quer um trago? insinuou. — Ia tomar uma dose quando o sr. vinha entrando.

Sam hesitou.

— Está bem...

— Arranjo um copo. Há um aqui em baixo, em algum lugar...

E se inclinou por trás do balcão, de onde emergiu com um copo.

— Não é sempre que bebo. Principalmente se estou de serviço. Mas com a umidade que vem aí, sempre ajuda um pouco, especialmente quando se

tem reumatismo, como eu tenho.

Encheu o copo e o empurrou para a beirada do balcão. Sam levantou-se e foi para o balcão.

— Além disso, hoje não virá mais ninguém. Veja como chove!

Sam se voltou. Chovia torrencialmente. Impossível enxergar a estrada a uma distância de dois metros. Ao mesmo tempo escurecia, mas Bates não fêz menção de acender as luzes.

— Vamos, beba e sente-se um pouco, murmurou Bates.

— Não se preocupe comigo. Gosto de ficar de pé.

Sam voltou para o sofá. Olhou o relógio. Fazia oito minutos que Lila saíra. Apesar do tempo, chegaria a *Fairvale* em menos de vinte minutos. Mais dez para falar com o xerife... digamos quinze, que era o mais *certo...*, mais vinte para voltar... Em todo caso, levaria mais de três quartos de hora. Sôbre que assunto poderia conversar?

Sam ergueu o copo, Bates empinava a garrafa, com um rumor gorgolejante.

— Deve sentir-se muito só aqui, principiou Sam.

— Diz bem. E pousou a garrafa, com um baque, no balcão. — Muito só.

— Mas suponho, de certo modo, que a profissão também deve ser muito interessante. Aposto que estabelece relações com tôda espécie de gente, num lugar como êste.

— As pessoas chegam e partem. Não presto muita atenção. Chega um tempo em que a gente mal as vê.

— Faz muitos anos que está aqui?

— Mais de vinte, na direção do motel. Mas sempre morei aqui. Tôda a vida.

— E dirige o motel sozinho?

— Sim. Bates levou a garrafa para a frente do balcão.

— Vamos, mais uma dose.

— Não... não devo...

— Não lhe fará mal. Não direi à sua mulher. E Bates teve um frouxo de riso. — Não gosto de beber sozinho.

Serviu outra dose a Saro e se retirou para trás do balcão.

Sam tomou a sentar. O rosto do homem era uma simples mancha na escuridão crescente. O trovão roncava; não havia entretanto relâmpagos. Tudo ali dentro se diria calmo e sossegado.

Fitando o homem e ouvindo o que ele dizia, Sam começou a sentir vergonha de si mesmo. O sujeito parecia tão *comum!* Não podia imaginar que estivesse metido numa embrulhada de tal porte!

Afinal de contas, no que se metera, se e que se metera em alguma coisa? Não sabia- Mary furtara; Mary passara a noite ali; perdera um brinco no chuveiro... Mas podia muito bem ter batido a cabeça em algum lugar, machucado a orêlha quando o brinco se desprendeu... Sim; e podia ter ido para *Chicago*, exatamente como pareciam pensar Arbogast e o xerife. Não conhecia Mary muito a fundo - era a conclusão que tirava. De certo modo, parecia conhecer *melhor* a irmã. Uma boa moça, mas muito nervosa, muito impulsiva. Sempre fazendo juízos apressados, resolvendo as coisas de supetão... Como, por exemplo, essa idéia de ir à procura de Bates e dar uma busca na casa. Bem bom que a demovera. Que ela trouxesse o xerife, mas talvez até isso fôsse um êrro. Pelo modo como se comportava, ninguém diria que Bates tivesse algum pêso na consciência. í

Sam se lembrou de que devia fazê-lo falar. Inútil ficar ali sentado sem tentar nada.

— O sr. tinha razão, comentou. - Chove torrencialmente.

— Gosto do barulho da chuva, disse Bates, — gosto quando chove forte. É excitante.

— Nunca pensei nisso. Parece que aqui tudo é motivo de excitação, por menos que seja....

— Não sei. Também temos a nossa quota.

— *A nossa?* Pensei que morasse sòzinho.

— Eu disse que dirigia o motel sòzinho. Mas êle é de nós dois: eu e minha mãe.

Sam quase se engasgou com o uísque. Baixou o copo, apertando-o com fôrça nos dedos. — Eu não sabia...

— Claro que não. Como podia saber? Ninguém sabe. Ela fica sempre em casa. Tem de ficar sempre lá. Muita gente pensa que ela morreu.

A voz era calma. Sam não via o rosto de Bates no escuro, mas sabia que também êste estava calmo.

— Agora há uma certa agitação por aqui. Como há vinte anos, quando a mãe e tio Joe Considine tomaram veneno. Chamei o xerife e êle veio. A mãe deixou um bilhete explicando tudo. Depois se fêz um inquérito. Não compareci. Estava doente. Muito doente. Levaram-me para um hospício.

Fiquei muito tempo no hospício. Tanto tempo que, quando saí de lá, já quase não podia fazer nada mais. Mas enfim consegui...

— Conseguiu?...

Bates não respondeu, mas Sam ouviu o gorgolejo e em seguida o baque da garrafa no balcão.

— Vamos, disse Bates — vou lhe servir outra dose.

— Ainda não.

— Faço questão, insistiu Bates, dirigindo-se para a frente do balcão e inclinando o vulto sombrio sobre Sam, cujo copo buscava.

Sam recuou.

— Primeiro conte o resto, disse.

Bates fêz alto.

— Oh, sim. Touxe a mãe para casa comigo. Essa foi a parte mais excitante. Imagine: ir de noite ao cemitério e abrir a cova. Ela ficou tanto tempo fechada no caixão, que a princípio pensei que estivesse morta mesmo. Não estava, naturalmente. Não podia estar. Se estivesse, não podia ter-se comunicado comigo todo o tempo que passei internado no hospício. Ficou em estado de transe, isto é, de vida suspensa. Eu sabia o que fazer para a reviver. Há um meio para isso, conquanto muita gente chame isso de magia. Magia... — isso é apenas um rótulo, como sabe. Não tem a menor significação. Não faz ainda muito tempo que a gente dizia que a eletricidade era magia... Na verdade é uma fôrça: uma fôrça que pode ser dominada, quando se conhece o segrêdo. A vida também é uma fôrça — uma fôrça vital. E como a eletricidade, pode ser ligada e desligada, ligada e desligada. Eu a desliguei, mas sabia como tornar a ligá-la. Está compreendendo?

— Sim... Muito curioso...

— Pensei que lhes interessasse. Ao sr. e à moça. Não são casados; verdade?

— Bem...

— Como vê, sei mais do que julga. E mais do que o sr. mesmo sabe...

— Mr. Bates, o sr. tem certeza de que não está alterando? Isto é...

— Sei o que quer dizer. Que estou bêbado, não é? Não estava, quando o sr. chegou. Nem mesmo quando encontrou o brinco e mandou a moça ir procurar o xerife...

— Eu...

— Conserve a calma. Não se assuste. Eu não estou .assustado, estou? Mas estaria, se houvesse alguma trapalhada. Crê que eu lhe diria tudo isto caso houvesse alguma coisa atrapalhada? Fêz uma pausa. — Não: esperei até o sr. entrar. Esperei até vêr que ela tomava pela estrada. Esperei até vê-la parar...

— Parar? E Sam tentou enxergar o rosto dêle no escuro, mas apenas podia ouvir a voz.

— Sim. Não sabia que ela parou; sabia? Pensou que ela foi ter diretamente com o xerife, conforme lhe dissera. Mas a moça pensa por si. Lembre-se do que ela pretendia fazer. Pretendia dar uma busca na casa. E foi isso o que fêz. Agora é lá que ela está.

— Deixe-me sair...

— Naturalmente. Não o estou prendendo. Só pensei que gostaria de tomar mais um trago, enquanto acabo a história que diz respeito a minha mãe... A razão por que pensei que o sr. gostaria de saber o fim — é a moça. Agora ela deve estar junto com minha mãe...

— Saía do caminho! gritou Sam, num salto, enquanto o vulto indistinto recuava.

— Então não quer mais uma dose? E a voz de Bates era petulante, por cima do ombro de Sam. — Pois muito bem. Faça como qui...

O fim da sentença se perdeu no ribombo do trovão, e o ribombo do trovão se perdeu na treva quando Sam sentiu a garrafa rebentando em cima do seu crâneo. Depois a voz, o trovão, a garrafa e o próprio Sam foram engulidos pela noite...

* * *

Era noite ainda, mas alguém o sacudia sem parar. Sacudia-o para fora da noite e para dentro do quarto onde a luz ofuscava, feria-lhe a vista fazendo-o piscar. Agora porém sentia braços que o enlaçavam e levantavam, de modo a parecer no princípio, que a cabeça lhe caía para o chão. Depois ficou apenas o tremor, e êle pôde abrir os olhos e fitar o xerife Chambers.

Sam estava sentado no chão, junto ao sofá e Chambers olhava para êle. Sam abriu a bôca.

— Louvado seja Deus, balbuciou. — Era mentira o que êle disse a respeito de Lila. Ela conseguiu falar com o senhor...

O xerife parecia não ouvir.

— Faz meia hora que me telefonaram do hotel. Queriam localizar seu amigo Arbogast. Parece que êle assinou o Registro ,na saída ,mas deixou as malas. Deixou-as no vestíbulo domingo de manhã, dizendo que voltaria buscá-las, e nunca mais apareceu. Comecei a pensar no caso e resolvi procurar você. Tive um palpite de que você podia estar aqui por sua própria conta... A sorte me ajudou.

— Quer dizer que Lila não o avisou de nada? E Sam tentou ficar de pé. Tinha uma dor de cabeça de rachar.

— Calma, calma, recomendou o xerife, empurrando-o para trás. — Não, não a vi absolutamente. Espere...

Mas desta vez Sam conseguiu ficar de pé, cambaleando.

— Que aconteceu? interpelou o xerife. — Onde está Bates?

— Deve ter ido para casa depois que me marretou — disse Sam. — Agora estão lá: êle e a mãe...

— Mas essa mulher já morreu...

— Não, não morreu. — Está viva. Os dois estão lá em cima na casa, e Lila está com êles!

— Vamos ver! E o homenzarrão saiu para a chuva. Sam o acompanhou, escorregando no caminho liso, ofegando ao iniciarem a íngreme subida que levava para a casa, por trás do motel.

— Tem certeza? perguntou-lhe o xerife por cima do ombro. — Como está escuro isto aqui!

— Certeza — soprou Sam. Mas bem que podia ter economizado o fôlego.

O trovão ribombou com fôrça, mas o outro rumor era mais débil e muito mais estridente. Todavia ambos o ouviram, e ambos reconheceram-o.

Era Lila gritando.

Capítulo 15

LILA subiu os degraus e bateu à porta antes que a chuva desabasse.

A casa era velha, a madeira de que era feita tão feia quanto encardida à meia-luz da tormenta que se aproximava. O soalho do alpendre rangia sob seus pés, e ela podia ouvir o vento chocalhando as janelas do primeiro andar.

Bateu com fúria, agora, sem esperar resposta nenhuma do interior. Já não esperava que alguém fizesse o que quer que fôsse.

A verdade era que ninguém se importava. Não se importavam com Mary — nenhum dêles se importava. Mr. Lowery só queria reaver o dinheiro; Arbogast, investigando o furto, só queria rehavê-lo para Mr. Lowery; quanto ao xerife, só estava interessado em evitar amolações — mas era a conduta de Sam que a deixava mais confusa.

Bateu de novo e a casa soltou um gemido cavernoso. O ruído da chuva abafou-o, e ela não se deu o trabalho de aplicar um ouvido mais atento.

Muito bem, e ali estava ela, muito zangada — era preciso confesar... E por que não o estaria? Uma semana a ouvir que *tivesse calma, que distendesse os nervos, que relaxasse a tensão, que tivesse paciência!* Se os tivesse ouvido, estaria ainda em *Fort Worth*, nem ao menos' teria ido a *Fairvale*. Nem ao menos podia contar com o auxílio de Sam.

Devia tê-lo percebido antes: Sam era bom, de certo modo até atraente, mas tinha aquêle jeito lerdo, cauteloso e conservador, peculiar aos moradores de cidade pequena. Ele e o xerife faziam um bom par. *Não se arrisque* — era o lema dêles dois, Pois bem, ela não pensava assim. Não pensava, desde que achou o brinco. Como podia se alhear do caso, mandando-a procurar o xerife? Por quê não agarrou Bates, fazendo-o confessar? Era isso o que faria ela, se fôsse homem. Uma coisa era certa: estava farta de depender dos outros; dos outros que não ligavam, que apenas desejavam não ser importunados. Sam já não voltaria a pôr a cabeça para fóra e ela certamente não confiava no xerife.

Não tivesse ficado com tanta raiva, não estaria fazendo aquilo; mas estava enjoada da cautela dêles. Cheia de suas teorias. Há ocasiões em que a gente tem que parar de pensar e ceder à emoção. Foi a pura emoção — frustração, seria a palavra mais exata — que a levou a prosseguir naquela busca desesperada, até encontrar o brinco de Mary. E devia haver alguma coisa na casa de Bates. Devia haver. Já não era boba, conservaria a calma, ia investigar por conta própria. Depois haveria tempo suficiente para Sam e o xerife fazerem o resto.

Mas só pensar no comodismo dêles fazia-a sacudir com mais fôrça a maçaneta. Não adiantava. Não estava em casa ninguém para a atender. Era isso. E ela queria entrar.' O problema era êsse.

Meteu a mão na bolsa. Oh, as velhas piadas sem graça, que dizem que uma bolsa de mulher tem tudo quanto existe na face da terra — piadas gastas, que só matutos como Sam e o xerife ainda podiam apreciar... Lima de unhas? Não. Não servia. Mas de um modo ou de outro, lembrou-se de que trazia na bolsa uma chave-mestra. Devia estar no escaninho de níqueis, que ela nunca abria. Isso! Ali estava ela!

Chave-mestra. Porque êsse nome? Por que abria tôdas as fechaduras? Que importava isso? Agora não podia pensar em problemas de terminologia. Seu único problema era verificar se a chave funcionava.

Meteu-a na fechadura e conseguiu dar-lhe apenas meia volta. A fechadura resistiu. Virou a chave em sentido contrário. Quase servia, mas havia qualquer coisa...

A raiva chegou de novo em seu auxílio. Torceu violentamente a chave, cuja extremidade se quebrou com um ruído sêco — mas a fechadura cedeu. A maçaneta virou, a porta se afastou de sua mão... abria-se, enfim...

Entrou no vestíbulo. Estava mais escuro do que lá fora. Mas teria que haver um interruptor ao longo da parede... Encontrou-o. Acendeu a luz. A lâmpada, sem o abajur, no teto, dava uma débil claridade doentia contra um fundo de papel de parede descascado, caindo aos pedaços. Que figuras eram aquelas? Cachos de uvas ou violetas? Pavorosas. Coisas do século passado.

Um olhar relanceado pela sala confirmou-lhe a observação. Lila não queria entrar ali. As salas do andar térreo podiam ficar para mais tarde. Arbogast dissera ter visto alguém espiando de uma janela no andar superior. Era por ali que devia começar.

Na escada não havia interruptor. Subiu devagar, tateando o corrimão. Ao chegar ao patamar, o trovão estrondou. A casa inteira pareceu cambalear.

Ela vibrou num tremor involuntário, mas retomou a calma. Foi "sem querer" desculpou-se perante si mesma. Perfeitamente natural. Nada havia naquela casa deserta capaz de assustar quem quer que fôsse. Agora podia acender a luz no vestibulo de cima. O papel que forrava as paredes era listado de verde... Se aquilo não lhe causava nenhum susto, o que mais lho poderia causar? Era apavorante!

Podia escolher, entre três portas, qual delas preferia transpor. A primeira era do banheiro. Jamais vira nada assim — exceto nos museus; isto é, emendou-se, nos museus não se fazem exposições de banheiros... Mas deviam fazer uma exposição dêste aqui. A banheira tinha pés, à antiga; havia encanamentos expostos sob o lavatório e a bacia sanitária, e logo acima desta, suspensa do teto alto, balançava-se a corrente da caixa de descarga. Havia sôbre o lavatório um pequeno espêlho manchado, mas nem sinal do costumeiro armarinho de toailete. Adiante o armário com pilhas de roupa de cama. Remexeu as prateleiras; seu conteúdo nada revelou, exceto que Bates provàvelmente mandara lavar a roupa fora. Os lençóis estavam bem passados, escrupulosamente dobrados.

Escolheu a segunda porta, acendeu a luz... Outra lâmpada fraca, também sem abajur, no teto, mas a luz era suficiente para mostrar o quarto como êle era. O dormitório de Bates — estranhamente exíguo, estranhamente apertado, com um estrado mais apropriado para um menino que para um homem. Talvez sempre tivesse dormido ali — talvez desde criança. A cama estava em desordem, com indícios de ter sido ocupada recentemente. A um canto, junto do armário, uma escrivaninha — antigo monstrengo revestido de carvalho escuro, gavetas com puxadores corroídos. Lila não teve escrúpulo em remexer nas gavetas.

Na de cima achou lenços e gravatas, sujo, quase tudo. Gravatas largas, fora da moda. Descobriu um prendedor de gravata em uma caixa donde aparentemente nunca fôra retirado, e dois pares de abotoaduras. A segunda gaveta era de camisas, a terceira de meias e roupas interiores. A última continha roupas brancas amarfanhadas, que ela finalmente — sem poder acreditar — identificou como camisolas. Quem sabe se êle também não usaria touca de dormir! Não havia dúvida: o lugar daquela casa era num museu!

Era todavia estranho que não tivesse encontrado nenhuma lembrança pessoal — alguma carta, alguma fotografia... Mas quem sabe os guardava na escrivaninha do motel. Sim, era provável.

Prestou atenção aos retratos da parede. Eram dois. O primeiro era um menino pequeno montado *em um* pônei; o segundo o mesmo menino diante de uma escola rural, com cinco meninas. O menino era Norman Bates. Em criança era muito magrinho.

Nada mais restava, exceto o armário das roupas e as duas vastas prateleiras a um canto. Fêz rapidamente uma vistoria no armário. Tinha dois ternos pendurados nos cabides, um par de calças usadas, manchadas de tinta. Todos os bolsos estavam vazios. Dois pares de sapatos e um par de chinelos no soalho. E era êsse o inventário.

Agora... as prateleiras.

Aí, parou, intrigada; depois, perplexa, observou a composição incongruente da biblioteca de Bates. *Novo Modelo do Universo, A Extensão da Consciência, O Culto da Bruxaria na Europa Ocidental, Dimensão e Ser...* Nenhum era livro de criança, e estavam igualmente deslocados na casa do proprietário de um motel rural. Lila varejou as prateleiras. Psicologia de anormais, ocultismo, teosofia... Uma tradução de *Là-bas, Justine*. E bem ali, na bem de baixo, um sortimento indescritível de volumes sem títulos, mal *encadernados*. Puxou um ao acaso e o abriu. A figura que imediatamente lhe saltou à vista era quase patologicamente pornográfica.

Repôs depressa o livro no lugar e se ergueu. Ao fazê-lo, o choque inicial de repugnância dissipou-se, dando lugar a uma segunda reação, mais violenta. Ali devia haver alguma coisa... devia haver... O que não pudera ler na cara gôrda e obtusa de Norman Bates, agora se revelava eloquentemente em sua biblioteca.

Franzindo o cenho, voltou ao vestíbulo. A chuva caía forte no telhado e o trovão roncava quando abriu a terceira porta, almofadada. Por um momento estacou, fitando a penumbra, inalando um cheiro enjoativo, misto de mofo, perfume rançoso... e quê mais?

Apertou o botão do interruptor junto da porta, em seguida respirou com dificuldade.

Não havia dúvida: aquêle era o quarto da frente. O xerife *tinha* dito *que* Bates o conservara tal como era desde a morte da mãe. Mas Lila não estava preparada para essa realidade.

Não estava preparada para penetrar fisicamente em outra época. E no entanto penetrou, voltando a um mundo anterior a seu nascimento.

A decoração daquele quarto era antiquada já muitos anos antes da morte da mãe de Bates. Na sua opinião, era um quarto que não existia mais desde havia cinquenta anos; pertencia a um tempo de relógios de bronze dourado, figurinhas de Dresden, almofadinhas para alfinetes feitas de *sachets* perfumados, tapetes vermelhos, tapeçarias ornadas de borlas e camas coloniais, de quatro colunas; um quarto com cadeiras de balanço, penteadeiras com tampos de afrescos, gatos de porcelana, colchas bordadas a mão e cadeiras estofadas e encapadas.

E ainda estava vivo...

Era *isso o que* embebia em Lila aquela sensação de deslocamento no tempo e no espaço. No andar térreo, restos de um passado que a decadência devastara; no segundo andar, tudo abandono e sordícia. Êste quarto porém era um composto consistente, coerente — uma entidade vitalmente funcional, completa em si mesma. Imaculadamente limpo, imaculadamente isento de poeira e perfeitamente ordenado. E todavia, pondo de parte o cheiro de bolor, não se tinha a impressão de estar num museu ou exposição. O quarto se diria vivo, como qualquer quarto onde se viveu por muito tempo. Mobiliado havia cinquenta anos, vago e intocado desde a morte da sua ocupante há vinte anos passados, ainda se diria que era o quarto de uma pessoa viva. Um quarto onde, ainda na véspera, uma mulher se sentara junto da janela e espiara para fora...

Não há fantasmas... — ponderou, carregando o sobrolho ao perceber que lhe fôra necessário negar-lhes a existência. Entretanto, ali naquele quarto, podia sentir uma presença viva...

Encaminhou-se para o armário. Vestidos e mantôs ainda lá estavam pendurados em seqüência ordenada, embora alguns vestidos se apresentassem escorridos e amarfanhados, porque havia muito que ninguém os passava a ferro. Viam-se ali as saias curtas, usadas há um quarto de século; em cima da prateleira, velhos chapéus enfeitados, compridas echarpes, vários xales, dêsses que costumam usar as velhas do interior. No fundo, um nicho vazio, talvez destinado a guardar malas. E era tudo.

Examinava agora a penteadeira; parou junto da cama. A colcha, bordada a mão, era linda. Palpou o tecido e recuou, num susto. A colcha estava firmemente enfiada nos pés e caía sem uma ruga de ambos os lados. Na cabeceira, porém, estava em desordem. Haviam-na enfiado, sim, sob o colchão, mas à pressa, sem nenhum capricho, de modo a entremostrear

centímetros do travesseiro de casal — assim como se arranja uma cama quando se tem urgência...

Arrancou a colcha, puxou as cobertas... Os lençóis, de um cinzento encardido, estavam pontilhados de manchinhas pardas, enquanto a própria cama, e o travesseiro, traziam a indistinta e todavia inequívoca depressão deixada pelo último ocupante. Podia delinear o contorno do corpo no lençol de baixo, e havia uma funda cavidade no centro do travesseiro, onde as manchinhas pardas se adensavam.

Não há fantasmas... tornou a dizer consigo mesma. Aquêlê quarto era ocupado. Bates não dormia ali.. . alguém estivera olhando para fora da janela... Mas alguém dormira ali... alguém estivera olhando para fora da janela... *E se tivesse sido Mary, onde estaria ela agora?*

E Lila se lembrou.

Quê havia dito o xerife Chambers? — encontrara Bates no mato, atrás da casa, catando lenha...

Lenha para a fornalha. Sim, era isso. *A fornalha era no porão...* Disparou escada abaixo. A porta da frente continuava aberta e o vento entrava gemendo... Estava aberta porque ela usara a chave-mestra para a abrir... E se estava com raiva desde que encontrara o brinco, isso era por que a raiva servia para lhe ocultar o mêdo. O mêdo do que acontecera a Mary, do que *sabia* ter acontecido a Mary lá embaixo no porão... Era por Mary que sentia mêdo, não por ela própria. O homem a deixara a semana inteira no porão, talvez a tivesse torturado, talvez tivesse feito com ela o que vinha exibido naquele livro asqueroso, torturando-a até descobrir o que ela fizera com o dinheiro, e então...

O porão. Era preciso descobrir o porão.

Foi tateando pelo vestíbulo do térreo, entrou na cozinha. .. Achou o interruptor, levou um susto com o bichinho agachado à sua frente na prateleira, pronto a saltar... Mas era um esquilo empalhado, *os olhos de botão* despedindo um brilho idiota sob o reflexo da lâmpada do teto.

A escada do porão estava à sua frente. Tateou a parede em busca de outro interruptor. A luz se acendeu em baixo, apenas um clarão enfraquecido na profundidade tenebrosa. O trovão roncava, contrapontando *o castanholar* de seus saltos.

A lâmpada nua se balançava de um fio bem na frente da fornalha. Era uma fornalha grande, com uma porta de ferro, pesada. Lila parou e a olhava. Tremia — a si mesma o confessou; agora confessaria todo o resto...

Que tollice ter vindo ali sozinha, ter feito o que fizera, fazer o que estava fazendo! Mas tinha que o fazer... por Mary. Tinha que abrir a porta da fornalha e ver o que sabia estar escondido dentro. *Meu Deus, e se ainda houvesse fogo? E se...*

A porta estava fria. Não havia nenhum calor na fornalha, nenhum calor no interior escuro e vazio atrás da porta. Lila estacou, e ficou olhando, sem ao menos tentar usar o atiçador de fogo. E não havia cinzas, nem cheiro a queimado, nada, absolutamente. A menos que a tivessem limpado havia pouco, a fornalha não fôra usada desde a primavera anterior.

Olhou, em tómo, as antigas tinas de lavar roupa, a mesa e a cadeira por detrás, encostadas à parede. Garrafas em cima da mesa, ferramentas de carpinteiro, um sortimento de facas, de agulhas. Algumas facas eram esquisitamente recurvas, e muitas agulhas estavam ligadas a seringas. Atrás de tudo se erguia uma pilha de blocos de madeira, fio grosso e grandes fragmentos informes de uma substância branca que ela não pôde identificar. Um dêles lembrava o molde de gêsso que ela usara em criança, ao quebrar uma perna. Aproximou-se da mesa, e, perplexa, contemplava as facas.

Um rumor...

Pensou que era trovão, mas ouviu ranger em cima da sua cabeça.

Alguém entrara na casa. Cruzava o vestíbulo na ponta dos pés. Sam? Teria êle vindo à sua procura? Então por que não a chamava pelo nome?

E por quê fechara a porta do porão?

Ela pôde ouvir o estalido da fechadura e o rumor de passos se afastar para outra extremidade do vestíbulo. Devia estar subindo a escada para o segundo andar.

E ela trancada no porão. E não via saída. Nem esconderijo. Todo o porão era visível para quem quer que descesse a escada. E não tardava que alguém descesse a escada. Agora percebia.

Se pudesse ficar escondida um instantinho, então quem a viesse procurar teria que descer todos os degraus até o porão, dando-lhe a oportunidade de correr escada acima... O melhor lugar seria o próprio vão da escada. Se ela se pudesse cobrir com algum trapos ou jornais velhos...

Aí foi que deu com o grande cobertor de índio, rasgado e muito velho, pregado na parede. Puxou-o, e aquilo escapou dos pregos, a parede ficou à vista, e ficou à vista a porta...

A porta. O cobertor a tapava completamente, mas devia haver um quarto por trás dela — o lugar ideal para alguém se esconder e ficar de tocaia.

Não esperaria muito. Ouvia já rumor de passos se aproximando — no vestibulo — na cozinha...

Ela abriu a porta do depósito de frutas.

Aí foi que gritou.

Gritou ao ver a velha — a velha emaciada, cabelos brancos, rosto enrugado e escuro, arreganhando os dentes para ela, num sorriso obsceno.

— Sra. Bates! gritou Lila, arfando.

— *Sim.*

Mas a voz não veio daquelas maxilas afundadas e coriáceas. Veio de um lugar por trás dela: do tampo da escada do porão, onde o vulto estava postado.

Lila se voltou para encarar a figura gorda, disforme e meio oculta no vestido justo que fôra absurdamente puxado para encobrir o temo que havia por baixo. Olhava, esbugalhada, o xale em que se amortalhava a cara branca, rebocada de pintura, franzida num sorriso idiota, os lábios violentamente avermelhados a baton e entreabertos numa careta convulsa...

— *Eu sou Norma Bates!* cacarejou a voz estrídula. E em seguida a mão saiu para a frente, a mão que empunhava a faca, e os passos se amiudaram escada abaixo, e outros passos se precipitaram, e Lila tomou a gritar enquanto Sam surgiu e a faca subia. Sam agarrou e torceu a mão que a empunhava — torceu-a por detrás até que a faca rolou no chão.

Lila fechou a bôca, mas o grito continuava. Era o grito insano de uma mulher histérica e provinha da goela de Bates.

Capítulo 16

LEVOU quase uma semana a retirada dos carros e dos corpos do pântano. A Polícia Rodoviária do distrito teve de empregar uma draga e guinchos, mas enfim a tarefa foi cumprida. O dinheiro foi encontrado no interior do compartimento de luvas. Engraçado: não tinha a menor mancha de barro... a menor mancha.

Ao tempo em que davam por terminada a diligência no pântano, os assaltantes do Banco foram capturados em *Oklahoma*. A notícia foi dada em menos de meia coluna no *Weekly Herald*, de *Fairvale*. A primeira página foi quase toda dedicada ao caso Bates. A A. P. e a U. P. imediatamente se apoderaram dele, e muitas transmissões se fizeram na televisão. Alguns repórteres o compararam ao caso Gein, acontecido no norte alguns anos antes, e os ouvintes suavam à descrição daquela “casa de horror”, onde diziam, Norman Bates vinha há tempos assassinando os hóspedes. Reclamavam uma completa investigação em torno de todas as pessoas desaparecidas naquela área durante as duas últimas décadas e insistiam na drenagem de todo o pântano a fim de averiguar se continha outros cadáveres.

Naturalmente, não eram os repórteres que teriam de pagar as custas de tal projeto. O xerife Chambers concedeu inúmeras entrevistas, muitas das quais foram publicadas na íntegra, duas com fotografias. Prometeu investigar completamente todos os aspectos do caso. O delegado distrital requereu julgamento rápido (a prévia eleitoral seria em outubro) e nada fez para contrariar os boatos escritos ou orais em circulação, que pintavam Norman Bates como réu de canibalismo, satanismo, incesto e necrofilia.

Na verdade, nunca falara a Bates, que se achava temporariamente recolhido, para observação, no Manicômio Estadual.

Tampouco os boateiros conheciam Norman Bates, mas isso não tinha a mínima importância. Muito antes de findar a semana, dir-se-ia que, virtualmente, toda a população de *Fairvale*, para não falar de toda a região

situada ao sul da cidade, estava íntima e pessoalmente vinculada a Norman Bates. Alguns tinham até freqüentado a escola primária em companhia dêle, e "já naquele tempo o comportamento do menino era muito esquisito". Outros o haviam visto no motel e atestavam que êle lhes fôra sempre "suspeito". Havia ainda os que se lembravam da mãe dêle e de Joe Considine, e "desconfiavam de alguma coisa quando aquêles dois se suicidaram", mas naturalmente os horríveis acepipes de vinte anos atrás dir-se-iam embolorados em comparação com as revelações mais recentes.

Fechou-se o motel, o que, de certo modo, foi uma pena, tantos eram os mórbidos xeretas de curiosidades que o procuravam. Facilmente se concebe que uma boa porcentagem dêles queria se hospedar lá, e um ligeiro aumento das diárias teria compensado a perda de toalhas que indubitavelmente seriam surripiadas naquela ocasião de gala. Mas a Polícia Rodoviária Estadual guardava o motel e a casa à sua retaguarda.

Até Bob Summerfield ficou habilitado a noticiar um aumento de negócios na loja de ferragens. Todo mundo queria falar com Sam, mas êle foi passar uma parte da semana seguinte com Lila em *Fort Worth*, e daí deu um pulo até o Manicômio Estadual, onde três psiquiatras procediam a exames em Norman Bates.

Alguns dias mais tarde, Sam pôde obter uma declaração definida do dr. Nicholas Steiner, encarregado oficial da observação médica.

Sam relatou a Lila o resultado dessa entrevista, quando ela chegou no fim da semana, de volta de *Fort Worth*. Para começar, foi reticente; ela porém exigiu todos os pormenores.

— Bem: é provável que nunca cheguemos a saber tudo quanto aconteceu — disse Sam. — Quanto às razões, revelou o dr. Steiner que em sua maior parte se tratava de conjeturas, Primeiro deram a Bates enormes doses de sedativo; mas mesmo quando êle saiu do torpor, foi difícil fazê-lo falar. Disse o dr. Steiner que êle se aproximou de Bates, mais que qualquer outro médico; mas nos últimos dias andava muito confuso. Muitas coisas que explicou a respeito de fuga, fixação e trauma estão além da minha compreensão. Mas segundo o que êle pôde apurar, tudo teve início na infância, muito antes da morte da Sra. Bates. Êle e a mãe eram muito agarrados, e aparentemente ela o dominava. Se havia algo mais em suas relações, o dr. Steiner não podia afirmar. Supõe entretanto que Norman costumava se disfarçar de mulher secretamente. Isso, muito

antes de perder a mãe. Era com efeito, um *transvestido secreto*. E você sabe o que quer dizer isso; não sabe?

Lila sacudiu a cabeça afirmativamente.

— Todavia, segundo a explicação do dr. Steiner, isso significa mais uma porção de coisas. Os transvestidos não são necessariamente homossexuais, mas se identificam fortemente com as pessoas do outro sexo. De certo modo, Norman desejava ser como a mãe, da mesma forma que desejava que a mãe se tornasse em uma parte d'ele próprio.

Sam acendeu um cigarro.

— Deixo de lado os dados sobre os seus tempos escolares e sua rejeição pelo Exército. Mas foi depois disso, quando tinha quase dezenove anos, que a mãe decidiu não o deixar tentar viver a própria vida. Talvez impedisse, de caso pensado, que Norman se tornasse adulto. Na realidade nunca saberemos até que ponto ela foi responsável pelo psicopata em que ele se tornou. Foi provavelmente nessa época que ele começou a se interessar por ocultismo e coisas semelhantes. Então Joe Considine entrou em cena...

— Steiner não conseguiu levar Norman a dizer muita coisa a respeito de Joe Considine, pois até hoje, passados mais de vinte anos, seu ódio é tão grande que ele não pode falar do homem sem sofrer um acesso de raiva. Mas o dr.

Steiner conversou com o xerife e desenterrou a história toda no noticiário dos jornais velhos, de modo a fazer uma idéia bastante aproximada do que realmente aconteceu. Considine tinha pouco mais de quarenta anos quando conheceu a sra. Bates, que tinha trinta-e-nove. Creio que ela não era de grandes atrativos. Magricela, prematuramente encanecida, quando o marido a abandonou, deixou para ela uns hectares em propriedades rurais. Estas lhe deram boa renda todos êsses anos, e embora tivesse de pagar uma apreciável quantia ao casal que trabalhava a terra, mesmo assim estava bem de vida quando Considine começou a cortejá-la. Não devia ter sido muito fácil lhe fazer a corte. Soube que a sra. Bates odiava os homens desde que o marido a abandonara com a criança, e, segundo o dr. Steiner, essa foi uma das razões por que ela tratou Norman sempre como um menino. Mas eu falava de Considine, que afinal conseguiu convencê-la a se casar com ele. A idéia de Considine era vender as terras e construir um motel junto à estrada velha, o que então parecia excelente negócio. Parece que Norman não se opôs à idéia do motel. O plano se realizou sem o menor estôrvo, e nos

primeiros três meses, Norman e a mãe dirigiram juntos o motel. Foi então — e só então — que a mãe lhe contou que ela e Considine tencionavam casar-se.

— E isso o transtornou? perguntou Lila.

Sam esmagou o cigarro no cinzeiro. Foi um pretexto para êle virar o rosto, enquanto respondia:

— Não foi exatamente isso, segundo descobriu o dr. Steiner. Parece que a notícia lhe foi dada numa situação deveras embaraçosa, quando Norman pilhou sua mãe e Considine no quarto do segundo andar. Se o efeito foi imediato, ou se levou tempo para desencadear a reação, isso não sabemos. Sabe-se apenas o resultado. Norman envenenou a mãe e Considine com estriquinina. Usou para isso veneno de rato, misturando-o ao café que lhes servia. Acho que êle esperou uma ocasião festiva, pois havia em cima da mesa um lauto jantar, e o café estava temperado com conhaque. Decerto para disfarçar o gôsto do veneno...

— Horrível! balbuciou Lila estremecendo.

— Segundo ouvi dizer, foi mesmo horrível. O envenenamento pela estriquinina produz convulsões, não porém inconsciência. As vítimas geralmente morrem por asfixia, quando se lhes enrijecem os músculos do tórax. Norman devia ter assistido a tudo. Foi difícil aguentar.

Sam fêz uma pausa, e prosseguiu:

— O dr. Steiner acredita que a coisa aconteceu quando Norman estava escrevendo o bilhete do suicídio. Êle planejara êsse bilhete, e era capaz de imitar perfeitamente a letra da mãe. Até chegou a apresentar uma razão — uma gravidez da sra. Bates, e Considine impossibilitado de se casar com ela, pois já tinha mulher e filhos na Costa Ocidental, onde vivia com outro nome. Disse o dr. Steiner que a própria linguagem do bilhete seria suficiente para despertar suspeitas. Mas ninguém suspeitou de coisa alguma, da mesma forma que ninguém suspeitou daquilo que realmente aconteceu a Norman depois que êle escreveu o bilhete e telefonou chamando o xerife. Na ocasião apenas se soube que teve um ataque de nervos, resultado do choque e da excitação. O que nunca se soube, é que, ao escrever o bilhete, êle se transformara. Aparentemente, agora que tudo terminara, êle não podia suportar ter perdido a mãe. Queria-a de volta. Ao escrever o bilhete com a letra dela — bilhete dirigido a êle próprio — mudou literalmente de mentalidade. E Norman, ou uma parte dêle, *se transformou* na mãe.

— Diz o dr. Steiner que tais casos são mais freqüentes do que pensamos, especialmente quando a personalidade já é instável, como a de Norman. E o sofrimento desencadeou o fenômeno. Teve uma reação tão grave que ninguém sequer se lembrou de duvidar do pacto suicida. Ambos, Considine e a mãe de Bates, estavam havia muito enterrados, quando Norman teve alta no hospital.

— E foi aí que êle a desenterrou? admirou Lila, franzindo a testa.

— Parece que sim, no máximo dentro de alguns meses. Era taxidermista por passatempo e sabia embalsamar cadáveres.

— Não entendo. Se Norman pensava que êle próprio era a mãe...

— Não é simples assim. Segundo o dr. Steiner, Bates era agora uma personalidade múltipla, dotada pelo menos de três facetas. Havia *Norman*, o menino que precisava da mãe e odiava qualquer coisa ou qualquer pessoa que ficasse de permeio entre êle e ela. Depois havia *Norma*, a mãe, que não tinha licença de morrer. O terceiro aspecto pode-se chamar de *Normal*, e êsse correspondia ao Norman Bates adulto, que tinha de viver a rotina cotidiana e ocultar aos olhos do mundo a existência das outras personalidades. Claro, as três não eram entidades completamente distintas, e cada uma continha elementos da outra. O dr. Steiner chama isso de “trindade maldita”. Mas o adulto Norman Bates se controlava suficientemente bem, a ponto de receber alta no hospital. Voltou a dirigir o motel, e foi aí que a tensão o acometeu. O que mais lhe pesava, enquanto personalidade adulta, era o sentimento de culpa pelo assassinio da mãe. Conservar intocado o quarto dela não era suficiente. Queria igualmente conservá-la — conservá-la fisicamente — para que a ilusão da sua presença viva lhe suprimisse o sentimento de culpa. Aí foi que êle a trouxe de volta — na realidade tirando-a da cova e dando-lhe uma nova vida. Deitava-a na cama quando a noite descia, vestia-a e levava-a para baixo durante o dia. Naturalmente ocultava a estranhos tudo isso, e o fazia bem. Arbogast devia ter avistado o vulto da mãe na janela do segundo andar, mas provas não houve de que alguém a tivesse visto em todos êsses anos.

— Então o horror não estava na casa, murmurou Lila! — estava na cabeça dêle!

— Disse Steiner que essa relação é a mesma que há entre o ventríloquo e seu boneco. A mamãe e o Norman menino deviam ter mantido longas conversas. E o Norman *adulto* provavelmente racionalizava a situação.

Era capaz de se fingir normal,, mas quem sabe o que na realidade êle percebia? Tinha interêsse por ocultismo e metafísica. Provavelmente acreditava totalmente no espiritismo, assim como acreditava no poder de preservação da taxidermia. Não só isso, mas lhe era impossível rejeitar os outros aspectos da própria personalidade, sem ao mesmo tempo destruir a si mesmo. Vivia três vidas simultaneamente. E o interessante é que as ia vivendo muito bem, até que...

Sam hesitou, mas Lila acabou a sentença que êle ia proferir:

— ... Até que Mary apareceu. Aí aconteceu alguma coisa e êle a matou.

— Foi a mãe que a matou — retificou Sam. — Foi *Norma que* matou a sua irmã. Não há um jeito de apurar tôda a verdade da situação, mas o dr. Steiner tem a certeza que, ao surgir uma crise, *Norma* se transformava na personalidade principal.. Aí Bates começava a beber e ela se impunha. Durante essas omissões, êle vestia a roupa da mãe. Depois a escondia, pois em sua opinião, ela era a verdadeira assassina e tinha de ser protegida.

— Então o dr. Steiner está certo de que êle é louco?

— Psicopata — é a palavra que usou. Sim, receio que sim. Vai aconselhar que recolham Bates ao Manicômio Estadual pelo resto da vida.

Capítulo 17

O verdadeiro fim chegou aos poucos.

Chegou na exígua cela gradeada, onde por tanto tempo as vozes murmuravam e se mesclavam — a voz do homem, a voz da mulher e a voz da criança. Vozes que explodiram quando engatilhadas para a ruptura, mas agora, miraculosamente, se haviam fundido, de modo que restou apenas uma voz. O que estava certo, pois na cela havia uma só pessoa. Sempre houvera uma só pessoa — uma única pessoa.

E a pessoa o sabia. Sabia e estava satisfeita.

Muito melhor assim: estar plenamente consciente do próprio eu, tal como era êsse eu na realidade. Ser tranquilamente forte, tranquilamente confiante, tranquilamente segura ...

Podia olhar o passado como se êste fôsse um sonho mau, e, com efeito, fôra isso mesmo: um sonho mau, povoado de alucinações.

No sonho houvera um menino mau: um menino que matara a amada e tentara envenená-la. Em algum recanto do sonho havia o estrangulamento e o rumor sibilante e o crisar de mãos na garganta e os rostos que ficavam azuis... Em algum recanto do sonho havia o cemitério noturno, a pá cavando, o respirar arquejante e a tampa rachada do caixão; depois, o instante da descoberta, o instante de arregalar os olhos perante o conteúdo... Mas o conteúdo do caixão não estava verdadeiramente morto. Já não estava morto. Em vez disso, o menino mau morrerá, e assim devia ser.

Houve também um homem mau dentro do sonho mau, e êste era igualmente assassino. Espiara pela fenda da parede e se embriagara, e lera livros obscenos e acreditara em tôda espécie de bobagens. Pior que tudo porém, êle era responsável pela morte de duas pessoas inocentes; uma jovem de belos seios e um homem que usava um chapéu Stetson cor de cinza. Naturalmente, ela sabia de tudo isso — razão por quê era capaz de

recordar todos os permenores. Lá estivera na ocasião — observando. Mas só fêz observar.

O homem mau era o verdadeiro autor de ambos os assassínios, mas depois lhe quis atribuir ambos os crimes.

Mamãe os matou. Foi isso o que êle disse, mas era mentira.

Como os poderia matar, quando apenas observava, quando nem ao menos podia se mexer, de vez que fingia ser uma figura empalhada, uma inofensiva figura empalhada, incapaz de fazer dano ou consentir que lhe fizessem, e cuja única função era existir para todo o sempre?

Ela sabia que ninguém acreditava no homem mau, e êle agora também estava morto. O homem mau e o menino mau, ambos estavam mortos, ou apenas faziam parte do sonho. E o sonho agora se dissipara para sempre.

Somente ela ficara, pois somente ela era real.

Ser a única, e saber que se é real — isso não é a gente ser normal?

Mas, por via das dúvidas, talvez fôsse melhor continuar a fingir que se era uma figura empalhada. Não se movimentar. Nunca se movimentar. Apenas permanecer sentada ali, no aposento exíguo, perpétuamente, para todo o sempre.

Se não se movesse, não seria castigada.

Se ficasse ali sem se mover, todos saberiam que ela era normal, normal, normal...

E ali ficou longo tempo sentada, até que uma mosca entrou zumbindo através das grades.

Entrou e foi pousar diretamente em sua mão.

Se quisesse, poderia matá-la.

Não a matou, porém.

Não a matou, e tinha a esperança de que a estivessem observando, pois isso vinha *provar* que espécie de pessoa ela era: Incapaz de fazer mal a uma môsca!

FIM

ÊSTE LIVRO FOI COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA
EMPRESA GRÁFICA DA “REVISTA DOS TRIBUNAIS”
S. A., A RUA CONDE DE SARZEDAS, 38, SÃO PAULO,
PARA A “BESTSELLER” — Importadora de Livros S. A.
EM 1961.

 logodolivro

{1} Motel — hotel de estrada, para pernoite de pessoas motorizadas (nota da tradutora).